

Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

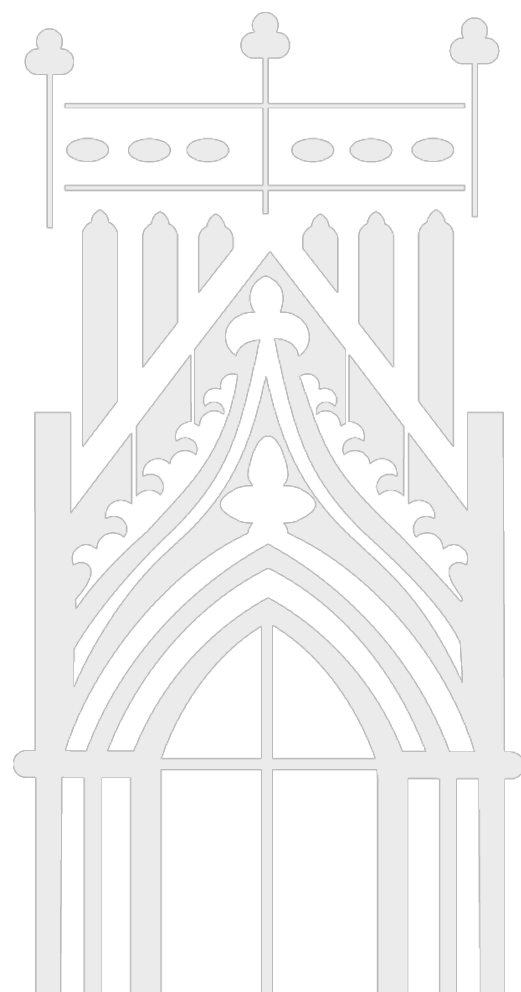
Relatório de Estágio da Prática de Ensino
Supervisionada

Micaela Filipa Castro Vitorino

dezembro | 2013



Escola Superior de
Educação, Comunicação
e Desporto





Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada

Nome do aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Orientador: Prof. Doutora Filomena Velho

Coorientador: Professora Doutora Rosa Branca Tracana

Relatório de Estágio apresentado ao Instituto Politécnico da Guarda, Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Guarda, dezembro de 2013

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho à minha avó, pelo seu apoio incondicional, pela força, luta e coragem com que me educou e incentivou a ultrapassar todos os obstáculos da vida.

À minha tia Susana pela dedicação e apoio demonstrados no percurso desta etapa e ao longo da minha vida.

Um especial agradecimento:

À minha família, pelo apoio e compreensão. Mas, principalmente à minha avó e à minha tia Susana.

Ao meu tio Sérgio pela paciência, compreensão e ajuda.

À minha orientadora científica, Professora Doutora Filomena Velho, pelo auxílio e amizade que demonstrou, ao longo da elaboração da presente dissertação.

À minha co-orientadora Professora Doutora Rosa Branca Tracana, pela dedicação, amizade e tempo tomado ao longo da elaboração da dissertação.

Aos professores que tão prontamente me ajudaram, disponibilizando algum do seu tempo na aplicação do questionário.

Às famílias que praticam o Ensino Doméstico, que se prontificaram a responder ao inquérito.

Às crianças com quem trabalhei que demonstraram empenho e desejo de aprender.

Ao Bruno pelo apoio, preocupação e atenção demonstrados.

A todos os amigos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Um bem hajam!

RESUMO

Neste relatório final da Prática de Ensino Supervisionada, o primeiro capítulo, aborda o enquadramento institucional e caracterização sociopedagógica dos alunos, dando a conhecer o meio onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, nos dois ciclos, pré-escolar e 1.º ciclo, já no segundo capítulo foi elaborado um resumo das atividades realizadas ao longo das duas Práticas de Ensino Supervisionadas.

No terceiro capítulo, o principal objetivo foi desenvolver o tema de ensino, abordando uma outra forma de ensinar e compreender o que leva pais/educadores/tutores a optarem por outra via de ensino, sem ser o ensino institucionalizado.

A educação tem um papel predominante na transmissão de conhecimentos, ao admitir instruir e contribuir, para um futuro mais promissor. As estratégias são inúmeras, com vista ao seu melhoramento. Contudo, vai sendo cada vez mais frequente a descrença pelo ensino institucionalizado. Como tal, será o ensino doméstico uma via fiável para a aprendizagem? Serão capazes os pais e/ou os encarregados de educação doutrinar o seu educando?

As respostas a estas questões só poderão ser delineadas, ao procurar compreender as causas e os efeitos desta modalidade de ensino.

Assim, este capítulo engloba na primeira parte o que se entende por ensino doméstico, quais as razões para se optar por este ensino em Portugal, as suas vantagens e as suas desvantagens.

Numa segunda parte abarca um pequeno estudo através de alguns questionários feitos a pais/tutores que optaram por esta via de ensino.

Este estudo permite que se compreenda o aumento do ensino doméstico em Portugal e se este é um ensino viável quando se fala na qualidade das aprendizagens alcançadas pelos educandos.

Palavras-chave: Ensino; Ensino Doméstico; Educação.

ABSTRACT

In this final report of Supervised Teaching Practice (STP), the first chapter approaches the institutional framework and socio-pedagogical characterization of the students, revealing the entourage where STP took place, in two cycles – pre-school and 1st cycle – while in the second chapter a summary of all activities carried out during the two STP's is made.

In the third chapter, the main purpose was to develop the subject of teaching, referring to another way of teaching and understand what drives parents/educators/tutors to choose an alternative way of teaching from the institutional teaching.

Education has the core role in knowledge transmission, by admitting the instruction and contribution to a more promising future. There are countless strategies, as to its improvement. However, there is an increasing disbelief towards institutional teaching. In that sense, will domestic teaching be a reliable way of learning? Will the parents and/or education tutors be able to indoctrinate his/her child?

The answers to these questions can only be constructed after attempting to understand the causes and effects of this teaching model.

Therefore, this chapter includes in its first part the meaning of domestic teaching, the reasons why one chooses this kind of teaching in Portugal, its advantages and disadvantages.

The second part describes a short study conducted through some questionnaires made to parents/tutors who chose this teaching model. This study helps to understand the increase in domestic teaching in Portugal and if this is a reliable way of teaching when the quality of learning attained by the pupils is at stake.

Keywords: Teaching, Domestic teaching; Education.

ÍNDICE

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| AGRADECIMENTOS | I |
| RESUMO | III |
| ÍNDICE..... | V |
| ÍNDICE DE FIGURAS | VII |
| ÍNDICE DE TABELAS | VIII |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS | VIII |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS | IX |
| INTRODUÇÃO..... | X |
| CAPÍTULO I – ENQUADRMANTO INSTITUCIONAL-ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E CARATERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA E PSICOPEDAGÓGICA DAS TURMAS.. | 1 |
| 1.1 Caraterização do meio envolvente | 2 |
| 1.1.1 Localização e caraterização geográfica..... | 2 |
| 1.2 Jardim de Infância..... | 5 |
| 1.2.1 Caraterização do Meio envolvente do Jardim de Infância Guarda-Gare | 5 |
| 1.2.2 Agrupamento de escolas de S. Miguel-Guarda..... | 6 |
| 1.2.3 Projeto Curricular da Instituição | 7 |
| 1.2.4 Caraterização do Jardim-de-infância | 8 |
| 1.2.4.1 Caraterização da Sala | 10 |
| 1.2.4.2 Organização temporal/Rotinas | 15 |
| 1.2.4.3 Caraterização do Grupo do pré-escolar | 17 |
| 1.2.4.4 Caraterização do grupo da sala dos 3 aos 6 anos | 20 |
| 1.3 Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico | 23 |
| 1.3.1 Meio envolvente à escola de Santa Zita | 23 |
| 1.3.2 Caraterização da escola | 24 |
| 1.3.3 Organização do ambiente educativo..... | 26 |

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1.3.4 Organização do Espaço da Instituição..... | 27 |
| 1.3.5 Caraterização da sala..... | 30 |
| 1.3.6 Caraterização da turma D34 da Escola Básica de Santa Zita..... | 32 |
| CAPÍTULO II – DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA | 42 |
| 2.1 A Prática de Ensino Supervisionada em contexto de Pré-escolar e 1º CEB..... | 43 |
| 2.2 Contexto Institucional..... | 47 |
| 2.2.1 Experiência da Prática de Ensino Supervisionada na Educação Pré-escolar | 47 |
| 2.2.2 Experiência da Prática de ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico | 55 |
| 2.3 Reflexão final da Prática de Ensino Supervisionada do Pré-escolar e 1.º CEB..... | 65 |
| CAPÍTULO III – ENSINO DOMÉSTICO | 67 |
| 3.1 Ensino Doméstico em Portugal..... | 69 |
| 3.1.1 Vantagens e desvantagens do Ensino Doméstico..... | 70 |
| 3.1.2 O que leva os tutores a optarem por este ensino. | 72 |
| 3.1.3 Pedagogos que defendem um ensino individualizado e centrado no aluno | 73 |
| 3.2 Projeto de pesquisa-Ensino Doméstico em Portugal | 77 |
| 3.2.1 Objetivos | 78 |
| 3.2.2 Organização e tratamento de dados..... | 79 |
| 3.3 Visão dos docentes sobre o ensino não escolarizado..... | 85 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 88 |
| CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO..... | 90 |
| CAÍTULO V - Referências Bibliográficas..... | 92 |
| 5.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 93 |
| ANEXOS | 97 |
| Índice de Anexos | 98 |
| APÊNDICES | 103 |
| Índice de Apêndices..... | 104 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Localização do distrito da Guarda em Portugal..... | 2 |
| Figura 2 – Concelho da Guarda..... | 3 |
| Figuras 3 e 4 – Sé Catedral e Torre dos Ferreiros | 4 |
| Figura 5 - Estátua de D. Sancho 1 na Guarda..... | 4 |
| Figura 6 – Cidade da Guarda e freguesia de S. Miguel..... | 5 |
| Figura 7 - Organigrama do Agrupamento Vertical de Escolas de S. Miguel. (Fonte: Agrupamento Vertical de Escolas de S. Miguel) | 6 |
| Figura 8 - Jardim de infância Guarda-Gare (vista do exterior) (Fonte: Própria)..... | 8 |
| Figura 9 - Planta do Jardim de Infância Guarda Gare (Fonte: própria)..... | 9 |
| Figura 10 - Espaço da sala: Área da casinha | 10 |
| Figura 11 - Espaço da sala: área da biblioteca..... | 11 |
| Figura 12 - Espaço da sala: área multimédia..... | 11 |
| Figura 13 - Tabela de presenças das áreas da sala..... | 12 |
| Figura 14 - Estrutura/Representação do espaço da sala (Fonte: Própria)..... | 14 |
| Figura 15 - Fotografia do grupo (Sala 3). (Fonte: Própria) | 17 |
| Figura 16 - Localização geográfica da Escola Básica de Santa Zita. (Fonte: Google Maps) | 24 |
| Figura 17 - Escola Básica de Santa Zita. (Fonte própria)..... | 25 |
| Figura 18 - Escola Básica de Santa Zita. (Fonte própria)..... | 25 |
| Figura 19 - Salão Polivalente. (Fonte própria) | 28 |

ÍNDICE DE TABELAS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Recursos existentes na Instituição do Estágio..... | 9 |
| Tabela 2 - Síntese da caracterização e organização do espaço..... | 12 |
| Tabela 3 - Tabela das Rotinas Diárias | 16 |
| Tabela 4 - Rotinas Semanais | 16 |
| Tabela 5 - Habilitações Literárias/Profissões dos Encarregados de Educação | 19 |
| Tabela 6 - Sinais de inteligência na criança de 3 anos (BRÁS.M.L, 2004:135). | 21 |
| Tabela 7 - Comportamentos do desenvolvimento intelectual | 21 |
| Tabela 8 - Carga Horária Semanal | 26 |
| Tabela 9 - Horário semanal da turma D34 | 27 |
| Tabela 10 - Recursos materiais da sala..... | 31 |
| Tabela 11 - Caracterização do Agregado familiar da turma D34..... | 35 |
| Tabela 12 - Caracterização individual dos alunos | 37 |
| Tabela 13 – Fatores de diferenciação na aprendizagem entre adultos e crianças segundo Knowles | 38 |
| Tabela 14 - Caracterização dos Alunos quanto às dificuldades e ao comportamento | 40 |
| Tabela 15- Número de inscrições no Ensino Doméstico..... | 77 |

ÍNDICE DE GRÁFICOS

| | |
|--------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 - Sexo das crianças | 17 |
| Gráfico 2 - Idades do grupo..... | 18 |
| Gráfico 3 - Ano de nascimento dos alunos..... | 33 |
| Gráfico 4- Nacionalidade dos pais inquiridos | 80 |
| Gráfico 5- Habilitações literárias dos inquiridos..... | 80 |
| Gráfico 6 – Tempo de prática do Ensino Doméstico..... | 81 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OCEPES- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ATL- Atividades de tempos livres

AECS- Atividades de Enriquecimento Curricular

CEB- Ciclo do Ensino Básico

CRTIC- Centro de Recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação

PES- Prática de Ensino Supervisionada

NEE- Necessidades Educativas Especiais

E.D.- Ensino Doméstico

E.E.- Encarregados de Educação

MEC- Ministério da Educação das ciências

INTRODUÇÃO

Entre os diferentes meios humanos, a escola tem sido, historicamente, a instituição escolhida pelo Estado e pela família, como o melhor lugar para o ensino-aprendizagem dos valores, de modo a cumprir a finalidade do pleno desenvolvimento.

A formação de um professor não passa apenas pela teoria, mas também por toda uma caminhada de experiências que o transforma, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

É muito importante para a nossa formação pessoal e profissional uma caminhada feita de experiências que nos vão transformando a todos os níveis. As Práticas de Ensino Supervisionada I e II são os primeiros passos para a carreira que se avizinha.

Assim futuramente, através só deste contato direto, poderemos *responder a necessidades resultantes da realidade, o qual contribuirá para um desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade das crianças incentivando-as para a sua formação como pessoas e futuros profissionais (Lei nº 46/86 de 14 de Outubro).*

O estágio supervisionado propõe o fortalecimento da relação entre a teoria e a prática e torna-se um momento de importante contribuição no processo de formação docente. Proporciona a nós futuras professoras, um contato imediato com o ambiente que envolve o quotidiano do professor.

Esta prática foi enriquecedora, não só por atuarmos, como também pela vivência que tivemos com o grupo e a turma, onde as falhas, as lacunas e as dificuldades que fomos tendo ao longo deste momento, foram aos poucos, sendo ultrapassadas e tornaram-se em pequenos sucessos.

Notamos que, nesta prática, quer em termos de planificação - que se foi tornando cada vez mais simples e prática servindo de suporte às nossas aulas, quer em termos de materiais – para os quais trabalhamos com grande empenho e esforço, mas acima de tudo com grande proveito, até mesmo nas regências houve um grande progresso.

Em termos de organização, este relatório está dividido por três capítulos, e subjacente ao primeiro capítulo verificamos o enquadramento Institucional - Organização e Administração Escolar que diz respeito à organização do Ambiente Educativo, ou seja, organização da turma, organização do tempo, organização do espaço da instituição na caracterização das salas bem como a caracterização dos dois grupos, das duas Práticas de Ensino Supervisionadas.

Relativamente ao capítulo II, descrevemos todo o Processo das Práticas de Ensino Supervisionadas, onde é feita um estreito resumo sobre as experiências vividas ao longo das PES.

Por último, o capítulo III diz respeito a um estudo sobre o tema “ O Ensino Doméstico em Portugal”, querendo assim, deste forma, conhecer esta realidade que ainda é um pouco desconhecida, conhecendo desta forma as razões dos Encarregados de Educação a optarem por este ensino. Terminamos com as considerações finais e referências bibliográficas.

**CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO INSTITUCIONAL-ORGANIZAÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR E CARACTERIZAÇÃO
SOCIOECONÓMICA E PSICOPEDAGÓGICA DAS TURMAS**

1.1 CARATERIZAÇÃO DO MEIO ENVOLVENTE

O conhecimento das instituições assim como o seu enquadramento institucional, bem como a caraterização socioeconómica e psicopedagógica das turmas, são a base do planeamento para o processo de ensino e aprendizagem. Deste modo recolher o máximo de informação é pertinente para que se consiga criar determinadas aprendizagens destinadas a um determinado grupo. Segundo Arends (1995:452) *as escolas, tal como outras instituições, têm histórias e culturas que consistem em valores, crenças e expectativas que se desenvolveram e cresceram ao longo do tempo.*

Assim, neste capítulo é clarificado o contexto em que foi desenvolvida a Prática de Ensino Supervisionada I e II, tendo havido ambivalência no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB), é enquadrado estas duas instituições na comunidade sendo descrito os estabelecimentos educativos; bem como é elaborada a caraterização socioeconómica e psicopedagógica das turmas.

1.1.1 LOCALIZAÇÃO E CARATERIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive (Silva et al., 1997:31).

A cidade da Guarda (Figura 1) situa-se na Beira Alta, no flanco nordeste da Serra da Estrela.

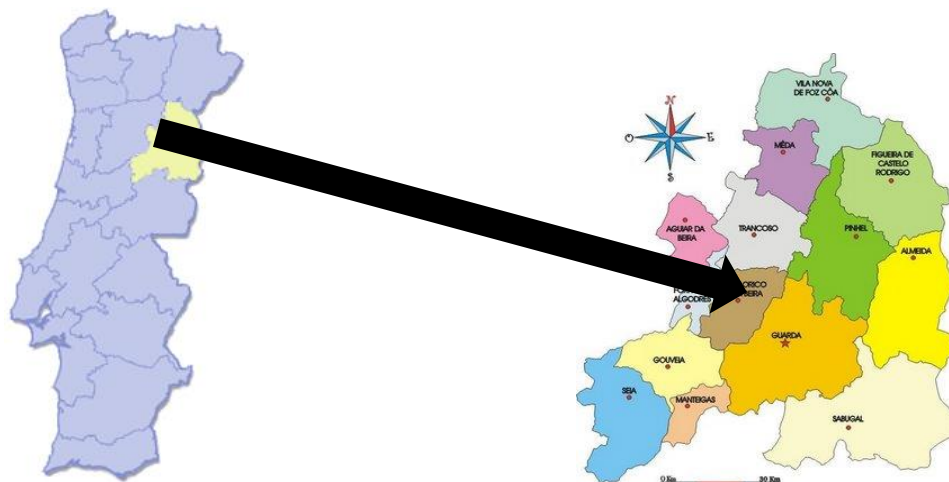


Figura 1 - Localização do distrito da Guarda em Portugal.

Fonte: <https://www.google.pt/search?q=concelho+da+guarda>

Atinge, o ponto de maior altitude a 1056 metros, localizando-se a menos de 45 quilómetros da fronteira de Espanha. Com uma área de cerca de oito quilómetros, a população é de 25 520 residentes (Dados preliminares do Censo de 2001), distribuídos por três freguesias: a da Sé, a de S. Vicente e a de S. Miguel, situando-se a sede de agrupamento nesta última.

O distrito da Guarda está subdividida em 55 freguesias. O município é limitado a nordeste pelo município de Pinhel, a leste por Almeida, a sueste pelo Sabugal, a sul por Belmonte e pela Covilhã, a oeste por Manteigas e por Gouveia e a noroeste por Celorico da Beira (Figura 2).



Figura 2 – Concelho da Guarda.

Fonte: <http://autocaravanista.blogspot.pt/p/mapas-das-regioes-de-portugal.html>

A nível regional, considerando a Beira Interior Norte, região onde se evidenciou ao longo do século XX o fenómeno do êxodo rural, o concelho da Guarda constituiu exceção. Considerando a dinâmica demográfica do último decénio (1991 – 2001), este concelho foi aquele que registou um maior crescimento populacional evidenciando uma maior dinâmica socioeconómica, associada à maior taxa de urbanização concelhia (aproximadamente 60%), contrariando a tendência de esvaziamento demográfico que se verifica à escala regional.

É conhecida pela cidade dos 5 *Efes*: **Forte**, **Farta**, **Fria**, **Fiel** e **Formosa**. A explicação destes *efes* é a seguinte:

1. **Forte**: a torre do castelo, as muralhas e a posição geográfica demonstram a sua força;
2. **Farta**: devido à riqueza do vale do Mondego;
3. **Fria**: a proximidade à Serra da Estrela;
4. **Fiel**: porque Álvaro Gil Cabral – Alcaide-Mor do Castelo da Guarda e trisavô de Pedro Álvares Cabral – recusou entregar as chaves da cidade ao Rei de Castela durante a crise de 1383-85. Teve ainda Fôlego para combater na batalha de Aljubarrota e tomar assento nas Cortes de 1385 onde elegeu o Mestre de Avis (D. João I) como Rei;
5. **Formosa**: pela sua beleza natural.

No que respeita ao património construído, a cidade da Guarda é muito rica, podendo ser destacados:

Torre dos Ferreiros (Figura 4)

Torre de Menagem

Edifício Paços do Concelho

Muralhas

Sé Catedral (Figura 3)

Antigo Paço Episcopal

Solar Teles de Vasconcelos
Igreja da Misericórdia (Estilo Barroco)
Chafariz da Dorna

Solar do Alarcão
Capela de Nossa Senhora do Mileu
Igreja de São Vicente



Figuras 3 e 4 – Sé Catedral e Torre dos Ferreiros

A história da Guarda tem início na época medieval, com os alvares da nacionalidade portuguesa, tendo sido fundada a 27 de Novembro de 1199, com o Foral de D. Sancho I (Figura 5), com o propósito de funcionar como centro administrativo de comércio, organização e defesa da fronteira da Beira contra os reinos do centro da Península Ibérica, atual Espanha.



Figura 5 - Estátua de D. Sancho 1 na Guarda

1.2 JARDIM DE INFÂNCIA

Neste ponto é apresentado o enquadramento institucional – organização e administração escolar e a caracterização socioeconómica psicopedagógica do grupo de jardim-de-infância onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada I, no que concerne ao Pré-escolar.

1.2.1 CARATERIZAÇÃO DO MEIO ENVOLVENTE DO JARDIM DE INFÂNCIA GUARDA-GARE

O Jardim de Infância da Guarda-Gare está incluído no agrupamento de S. Miguel, o qual se localiza na freguesia de S. Miguel (Figura 6) pertencente à cidade da Guarda.



Figura 6 – Cidade da Guarda e freguesia de S. Miguel.

A freguesia de S. Miguel da Guarda ocupa uma área total de aproximadamente 10Km² e confronta com as freguesias da Sé, S. Vicente, Arrifana e Alvendre. Esta freguesia situa-se a nascente da cidade da Guarda e faz parte integrante da mesma. S. Miguel encaixa-se numa moldura rodoviária composta pela A25, VICEG, A23 e linha férrea.

No que diz respeito à população, o número de eleitores recenseados é de 4100 e um total de 6800 residentes. Apenas 20% da população são crianças, sendo os restantes 65% adultos em idade produtiva e 15% de idosos (ADFT).

Em toda a freguesia, e mesmo na cidade em que se insere o Jardim de Infância Guarda N.º1 Gare, existem vários e diversos serviços dos quais os Educadores e Professores podem usufruir, com o intuito de tornar as aprendizagens mais “divertidas”, tornando-se, por isso, significativos, podendo, com essas instituições, estabelecer-se parcerias, aproveitando-se o que a cidade tem para oferecer.

Nos últimos anos, esta zona sofreu grandes transformações, tornando-se um centro urbano e industrial, com médias e pequenas indústrias. A vida económica local é baseada na indústria elétrica e de curtume, sendo estas as áreas geradoras de emprego das famílias que nela residem. Além destas empresas temos o comércio tradicional, hipermercados, entre outros.

A rede escolar é constituída por cinco instituições do ensino Pré-escolar (três públicas e duas privadas), quatro escolas do Ensino Básico do 1ºCiclo e duas Escolas Básicas de 2º e 3º Ciclos. Existem ainda, duas Bibliotecas, uma Ludoteca, um centro de Atividades de Tempos Livres (ATL) e um Pavilhão Desportivo, não faltando assim espaços que apoiem os serviços escolares, proporcionando uma diversidade de atividades.

Na assistência à doença, encontramos uma extensão do centro de Saúde da Guarda, duas policlínicas privadas, uma farmácia e uma clínica de fisioterapia e hemodiálise. No campo da segurança, existe uma esquadra de Polícia de Segurança Pública, com uma secção de divisão de Trânsito.

Existe ainda um Centro de Dia a funcionar na casa Paroquial, um Centro de Acolhimento para idosos e acamados, no Bairro de S. Domingos, mais recentemente uma casa de acolhimento de mães solteiras e apoio à violência doméstica.

1.2.2 AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE S. MIGUEL-GUARDA

O Agrupamento de escolas de S. Miguel-Guarda é constituído por 5 Jardins-de-infância (3 públicos, 2 privados), 4 Escolas do 1º CEB, 2 do 2º CEB, e 2 do 3º CEB, desta forma o agrupamento necessita de um organigrama para cada instituição com vista a uma melhor organização da instituição, na figura 7 encontra-se o organigrama do agrupamento.

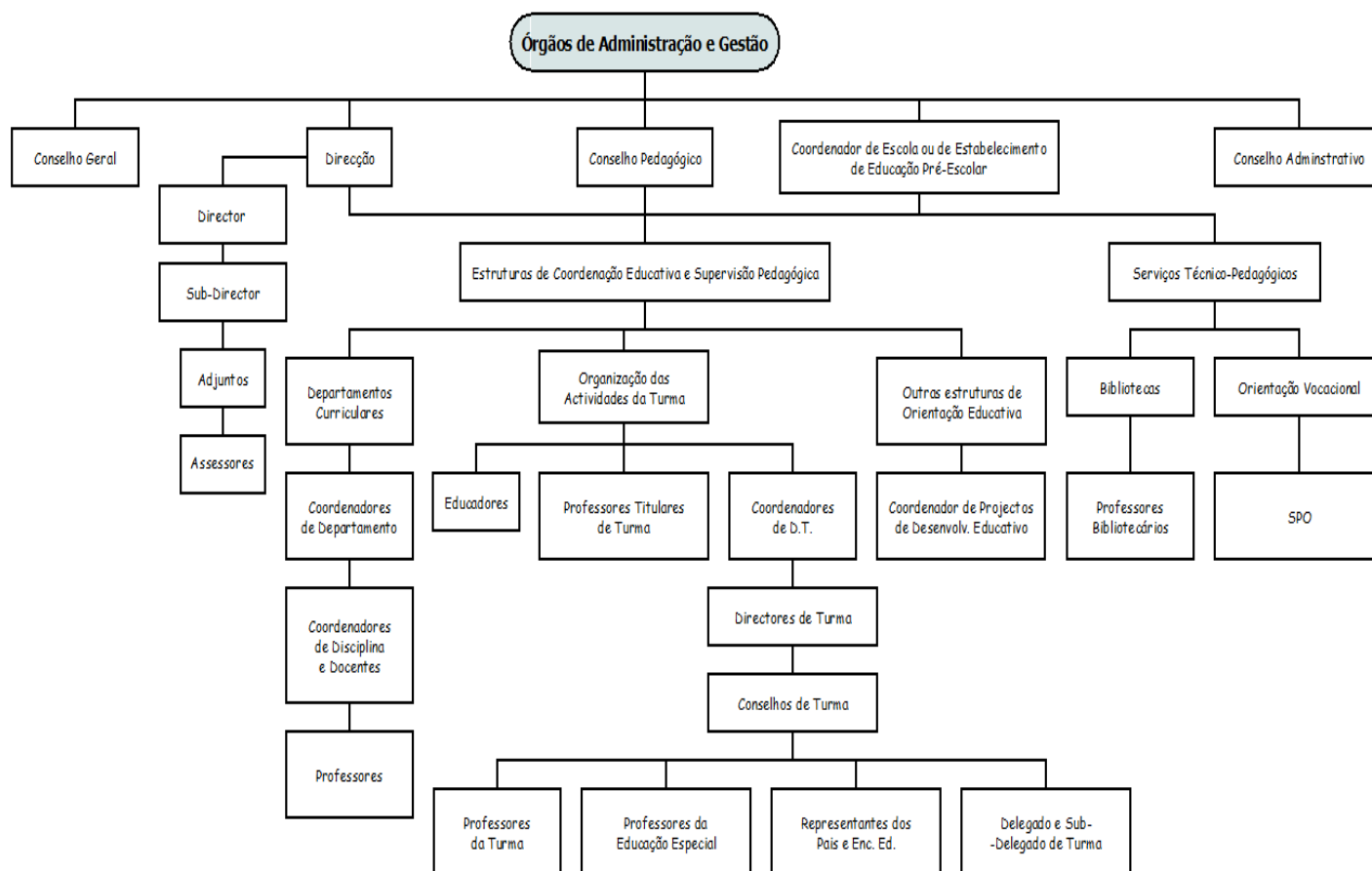


Figura 7 - Organigrama do Agrupamento Vertical de Escolas de S. Miguel. (Fonte: Agrupamento Vertical de Escolas de S. Miguel)

Um organigrama mostra as inter-relações entre os diferentes setores da gestão e organização escolar.

Neste organigrama podemos observar a organização dos órgãos de administração e gestão do agrupamento de escolas de S. Miguel, na parte superior encontram-se os órgãos superiores com cargos que implicam o conhecimento de todas as escolas e a sua gestão individual, passando para cargos mais baixos, tais como os coordenadores de cada escola, e por fim os professores e representantes dos pais e encarregados de educação.

Muitos são os órgãos que fazem parte da gestão de uma escola, e todos eles são essenciais para que esta funcione sem percalços.

1.2.3 PROJETO CURRICULAR DA INSTITUIÇÃO

O Projeto Curricular da Escola é definido em função do currículo nacional e do Projeto Educativo da Escola, o nível de prioridades, as competências essenciais e transversais em torno das quais se organizará o projeto e os conteúdos que serão trabalhados em cada área curricular. Este é posteriormente projetado pelo Conselho Pedagógico e é elaborado de acordo com as componentes regionais e locais.

O Projeto Curricular da Escola orienta-se pelo Currículo do Ministério da Educação e pelas Orientações Curriculares. Seguidamente adapta-se ao Projeto Educativo de modo a resolver um determinado problema.

As metas de aprendizagem devem constar na planificação e estas devem estar de acordo com as necessidades e interesses das crianças assim como estar fundamentadas nas Orientações Curriculares.

É apresentado de seguida, alguns dos pontos importantes relativamente ao Projeto do Jardim de Infância Guarda Gare.

Nome do Projeto Curricular: “De mãos dadas com: A vida Saudável”;

Diferentes abordagens:

1º Período: Corpo Humano

2º Período: Alimentação saudável;

3º Período: Prevenção de acidentes.

Missão do Projeto para o Agrupamento:

Formar integralmente o aluno/criança como pessoa autónoma, interveniente, solidária, informada e democrática, inculcando-lhes os seguintes valores;

-Liberdade, solidariedade, tolerância, sentido de justiça, respeito e aceitação do outro e das suas diferenças;

Apoiar os professores e funcionários no seu esforço de atualização permanente.

1.2.4 CARACTERIZAÇÃO DO JARDIM-DE-INFÂNCIA

O Jardim de Infância Guarda-Gare (Figura 8) nasceu posteriormente à implantação da rede pública de Educação Pré-escolar em Portugal.



Figura 8 - Jardim de infância Guarda-Gare (vista do exterior) (Fonte: Própria)

Inicialmente este Jardim funcionava apenas com duas salas na antiga casa do Povo. Apesar das condições das instalações serem escassas, a procura dos serviços educativos nesta área foi aumentando à medida que se foi tomando consciência da importância da Educação Pré-escolar.

Atualmente, este jardim-de-infância possui novas e modernas instalações e equipamentos. Este foi construído pela Câmara Municipal da Guarda em 2001. Na altura, o projeto mereceu o apoio da Comunidade Europeia e também do Ministério da Educação.

Neste momento as instalações do jardim-de-infância estão divididas em (Figura 9):

- (1) Hall de entrada que dá acesso ao edifício;
- (2) Quatro salas, cada uma delas com W.C.;
- (3) Uma sala de educadoras com duas divisões (arrumos e W.C.);
- (4) WC'S;
- (5) Uma cozinha;
- (6) Um refeitório;
- Duas divisões para arrumos e duas salas para apoio, na cave;
- (7) Salão Polivalente;
- (8) Coberto;
- (9) Um espaço exterior.

No jardim-de-infância, encontram-se espaços em toda a instituição que podem ser partilhados/utilizados por toda a comunidade escolar (crianças, pais, encarregados de educação, educadores, funcionários, entre outros).

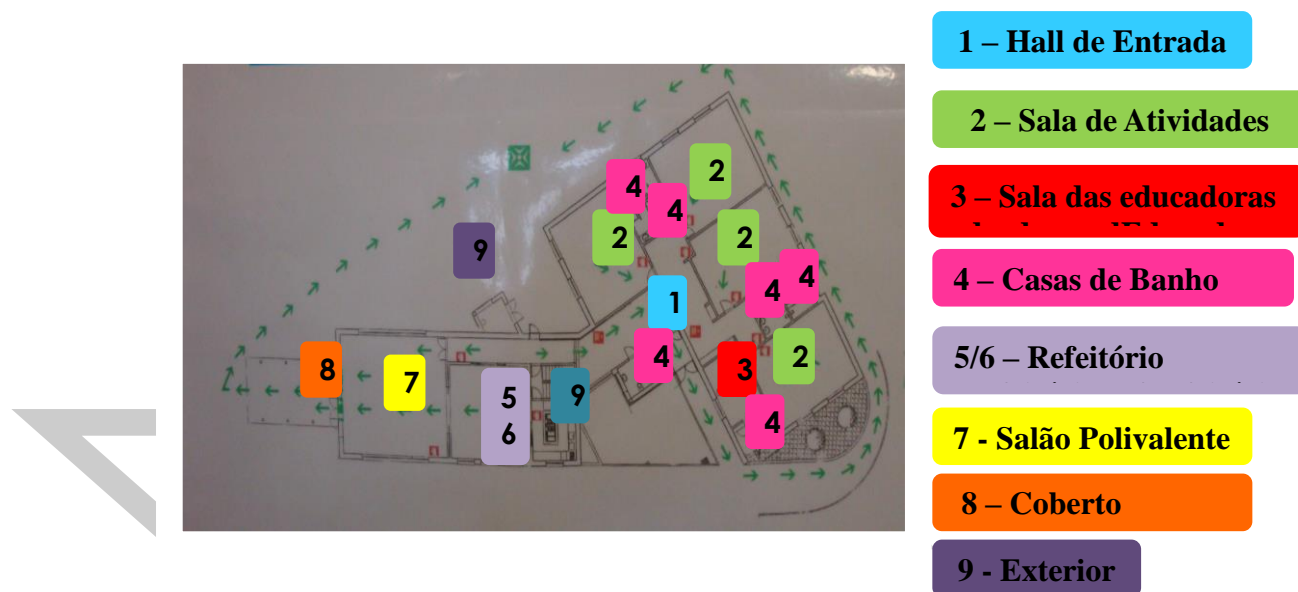


Figura 9 - Planta do Jardim de Infância Guarda Gare (Fonte: própria).

No que respeita aos recursos da Instituição estes são vários como podemos verificar na Tabela que a seguir se apresenta:

Tabela 1 - Recursos existentes na Instituição do Estágio

| .Recursos Materiais | Recursos Humanos |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> • 4 Salas de atividades (com W.C); • 1 Salão Polivalente (Material Audiovisual, psicomotricidade e musical); • 1 Refeitório; • 1 Cozinha; • Espaço Exterior. | <ul style="list-style-type: none"> • 4 Educadoras; • 1 Educadora de apoio Educativo; • 4 Auxiliares de Ação Educativa; • 4 Animadoras Socioculturais; • 80 Crianças (Aproximadamente); • Pessoal da cozinha. Temporariamente: • Estagiárias (Alunas da E.S.E.G – 3ºAno de licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-escolar); |

1.2.4.1 CARACTERIZAÇÃO DA SALA

Segundo as Orientações Curriculares do Ensino Pré-escolar, (OCEPE) (2007:37), *os espaços podem ser diversificados, mas o tipo de equipamentos, materiais e a forma como estão dispostos contribui para o que a criança quer fazer e pode aprender.*

A sala 3 do Jardim-de-Infância da Guarda-Gare, orientada pela Educadora G. alberga 20 crianças. Relativamente ao espaço físico (tabela 2), a sala usufrui de uma boa luminosidade, a luz solar incide sobre a sala durante grande parte do dia. É uma sala que possui aquecimento mantendo o local sempre quente, oferecendo o conforto que as crianças necessitam.

Contém ainda uma casa de banho, feita à medida das crianças onde se pode encontrar, duas sanitas pequenas e uma grande, lavatórios apropriados e adaptados às características físicas das crianças facilitando o seu uso, e um pequeno poliban para uma eventual necessidade.

A sala está dividida em 8 áreas/espaços: área dos jogos, área da casinha, área da biblioteca, área da multimédia, área das expressões plástica-pintura, e ainda a área de convívio/conversa. De seguida serão apresentadas as diferentes áreas.

- i) **Área dos jogos:** este espaço é constituído por uma pequena mesa e um armário onde os jogos estão devidamente organizados, cada um destes contem uma pequena etiqueta, que corresponde a uma outra etiqueta exatamente igual para que as crianças consigam arrumar os jogos facilmente. Neste espaço apenas podem estar um máximo de 5 crianças. É um espaço onde a criança brinca e aprende ao mesmo tempo, para Kishimoto (2007:36): *Utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento, introduzindo as propriedades do lúdico, do prazer, da capacidade de iniciação e ação ativa e motivadora.*

- ii) **Área da casinha (figura 10):** neste cantinho existe um pequeno armário de arrumações, um fogão, um lava-loiça, uma mesa redonda com um pequeno cesto decorativo com frutas, duas cadeiras, uma cama de bebé, uma guarda-roupa e um espelho. Neste canto podem estar apenas 4 crianças em simultâneo. Este espaço tal como refere Silva (1997:60) *permite à criança recrear experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar os objectos livremente atribuindo-lhes significados múltiplos.*



Figura 10 - Espaço da sala: Área da casinha

iii) Área da biblioteca (figura 11): este cantinho é constituído por diversos livros para todos os meninos, tendo em conta as suas idades, um pequeno banco, um Fantocheiro e diversos fantoches de dedo. Neste espaço são permitidas 3 crianças em simultâneo.



Figura 11 - Espaço da sala: área da biblioteca

iv) Área da multimédia (figura 12): neste canto as crianças podem fazer diversas atividades no computador, desde desenhar em programas próprios a realizar jogos interativos de cariz educativo, é um espaço constituído por três computadores e um rádio.



Figura 12 - Espaço da sala: área multimédia

v) Área de expressão plástica: este cantinho tem toda a comodidade para que as crianças possam alargar a sua criatividade e imaginação. É constituído por um conjunto de quatro mesas e oito cadeiras, dois armários com os diversos materiais para pintura, recorte e colagem e ainda um cavalete para trabalharem com tintas próprias. Este é um espaço importante para as crianças no pré-escolar, pois é onde a criança explora a sua criatividade e melhora a sua motricidade fina. Segundo as OCEPE (2007: 61) *A expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos...*

vi) Cantinho da conversa: este é um dos espaços mais apreciados pela educadora, pois é o local onde as crianças se reúnem, para conversarem, prepararem atividades/tarefas, resolverem pequenos “conflitos”, é um espaço de extrema importância no que diz respeito à socialização da criança, sendo um espaço onde trocam ideias e convivem de uma forma mais intensa e proveitosa. É neste espaço que o educador tem a capacidade de

escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (OCEPE; 1997: 67)

Para proporcionar às crianças oportunidades de aprendizagem pela ação, é fundamental que os espaços sejam devidamente equipados, escolhendo materiais que obedecem a critérios de seleção tais como *a variedade, funcionalidade, durabilidade, segurança e valor estético* (Silva et al., 1997:38).

Cada um dos espaços, atrás referidos, tem as suas regras estabelecidas, estas têm que ser cumpridas, tendo uma ocupação definida, sendo controlada através de quadros de presenças nessas mesmas áreas.

Em cada área/espaço ou na maior parte delas, existe uma tabela (figura 13) (com a indicação dos dias e atividades semanais), em que a criança regista, a sua presença (através da sua fotografia) naquela determinada área. É importante aqui que cada criança tome consciência que durante a semana não poderá repetir mais do que duas vezes a sua presença naquela área. Desta forma a criança adquire valores que a ajuda na convivência social, tais como partilha, democracia, solidariedade e autonomia.



Figura 13 - Tabela de presenças das áreas da sala.

Os espaços criados numa sala devem ter algumas características específicas, assim como a própria sala, na Tabela 2 podem ser vistas as características da sala 3 do Jardim Guarda-Gare assim com a sua organização.

Tabela 2 - Síntese da caracterização e organização do espaço

| Dados importantes (medidas, ...) | Organização do espaço – Áreas/Cantinhos |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> • Espaço amplo; • Bem iluminado (mais de luz artificial do que natural, devido à localização da mesma); • Possui equipamentos destinados ao desenrolar das atividades aos diversos níveis de desenvolvimento das crianças. • Pavimento de material lavável, resistente e antiderrapante, exceto o W.C que é revestido a azulejo. | <ul style="list-style-type: none"> • Jogos; • Biblioteca; • Casinha; • Expressão Dramática; • Expressão Musical; • Expressão Plástica-pintura; • Multimédia; • “Cantinho da Conversa”. |

- | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| <ul style="list-style-type: none">• Paredes e pavimento em tons quentes o que torna o espaço mais acolhedor. | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Na sala (figura 14), todos os materiais estão devidamente identificados e organizados por categorias, bem como as pastas de cada criança, onde são guardados todos os trabalhos que elaboram ao longo do ano, e também as pastas com todos os documentos importantes para a inscrição do ano letivo.

Nas paredes, encontram-se alguns quadros, tais como o *quadro dos aniversários*, onde estão afixadas as fotografias das crianças no respectivo mês de aniversário; *quadro com a tabela de presenças*, onde as crianças mais novas (que não sabem ler nem escrever) colocam a fotografia para marcar a sua presença, a dos mais velhos, é um quadro com o respectivo mês onde escrevem o nome no dia em que se encontram; o *quadro das tarefas* o qual consiste numa tabela de dupla entrada com a imagem das tarefas diárias como sejam a distribuição das mochilas, ajudar no wc, os primeiros no comboio e arrumar a sala. Estas tarefas são distribuídas pela Educadora ou estagiária e nenhuma criança repete uma tarefa na mesma semana. Existe ainda um placard que contém os trabalhos expostos que as crianças vão elaborando.

Por fim, não se encontrando na sala, mas sim no refeitório, sendo de igual forma importante, temos o *quadro dos lanches saudáveis*, onde cada criança coloca uma bola de prata quando come um lanche saudável, sem chocolate, bolos ou doces.

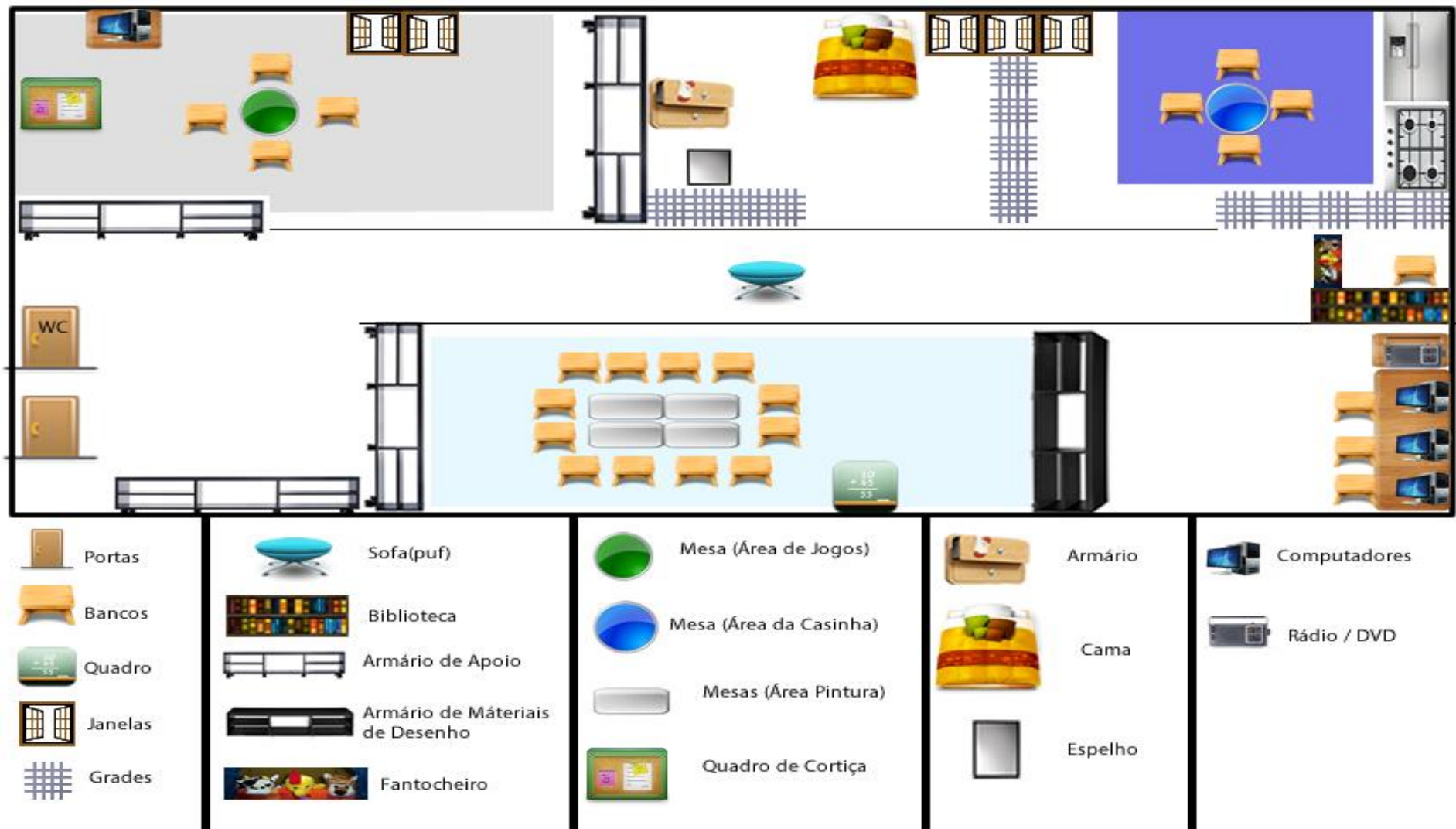


Figura 14 - Estrutura/Representação do espaço da sala (Fonte: Própria)

1.2.4.2 ORGANIZAÇÃO TEMPORAL/ROTINAS

A distribuição do tempo relaciona-se com a organização do espaço pois a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços (OCEPE, 2007:40).

Desta forma, o tempo e o espaço devem adaptar-se às características do grupo e necessidades especiais de cada criança.

A rotina educativa quando conhecida pelas crianças pode ajudar as mesmas a prever a sucessão, tendo liberdade de propor modificações. *Para que o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças ocorram da melhor forma, importa que o educador compreenda as características do grupo e que procure adequar o processo educativo às suas necessidades formativas (OCEPE; 1997:32).*

A organização do grupo, espaço e do tempo faz parte do desenvolvimento curricular, estes pontos são importantes para que haja um contexto de socialização, *em que muitas aprendizagens decorrem de vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança (OCEPE; 1997:34)* portanto, é importante que o educador planifique/planeie esta organização.

Na educação pré-escolar as crianças proporcionam um contexto de interação social, onde existem relações entre elas e os adultos. É importante que o educador crie uma relação individualizada com as crianças para que esta se consiga inserir no grupo. É importante que a criança se sinta segura e valorizada dentro do grupo.

Os espaços dentro da sala de aula também são fatores relevantes para que as crianças se sintam confortáveis, é importante que o educador tenha em atenção a organização do espaço, este deve definir *prioridades na aquisição do equipamento e material de acordo com as necessidades crianças e o seu projeto pedagógico (OCEPE; 1997:38)* sendo de extrema importância que atenda às opiniões das crianças, *sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais... (OCEPE, 1997:37)*, esta organização vai de alguma forma influenciar a organização do tempo das atividades, pois *a utilização do tempo depende das experiências e oportunidades educativas proporcionadas pelos espaços (OCEPE, 1997:40)*

Desta forma as atividades diárias, são planeadas de forma a que as crianças consigam usufruir de todos os espaços que a sala possui durante a semana de trabalho. A educadora G. planeia as atividades diárias e semanais da seguinte forma (tabelas 3 e 4):

Tabela 3 - Tabela das Rotinas Diárias

| Organização temporal | Rotinas/atividades |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------|
| 9h00m | Reunião nos poufs área central - “cantinho da conversa” |
| 9h20m | Marcação de presenças |
| 9h20-10h20m | Atividades de livre iniciativa da criança |
| 10h25m | Distribuição de tarefas e higiene |
| 10h30m-11h00m | Lanche da manhã |
| 11h00m-11h45m | Atividades planeadas |
| 11h45m-11h55m | Higiene |
| 13h00m-14h00m | Período de Almoço |
| 14h00m-15h45m | Atividades planeadas |
| 15h50m | Higiene |
| 16h00m | Saída e Lanche (quem usufruir de prolongamento) |

Tabela 4 - Rotinas Semanais

| Dia da semana | Segunda-feira | Terça-feira | Quarta-feira | Quinta-feira | Sexta-feira |
|-----------------|------------------------------|-------------------------------------------------|-----------------------------|--------------------------------|--------------|
| Dia dedicado a: | Domínio da expressão musical | Domínio da Linguagem oral e abordagem à escrita | Domínio da expressão motora | Domínio da expressão dramática | “Brinquedos” |

1.2.4.3 CARATERIZAÇÃO DO GRUPO DO PRÉ-ESCOLAR

Segundo as OCEPE, na Educação pré-escolar, o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de relação entre adultos-crianças e crianças-crianças. Estas relações/interações constituem a base do processo educativo.

O grupo é constituído por 20 crianças (Figura 15) das quais 9 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e os 7 anos, existindo assim quatro crianças com três anos, cinco com quatro anos, sete com cinco anos, três com seis anos e uma com sete. Com isto, concluímos que este se trata de um grupo heterogéneo.



Figura 15 - Fotografia do grupo (Sala 3). (Fonte: Própria)

Após a análise do gráfico 1, pode-se concluir que existe um maior número de elementos masculinos do que femininos neste grupo. A diferença é de 10%, traduzindo em números gerais, em 20 crianças, 11 são meninos e 9 são meninas e a diferença é de duas crianças.

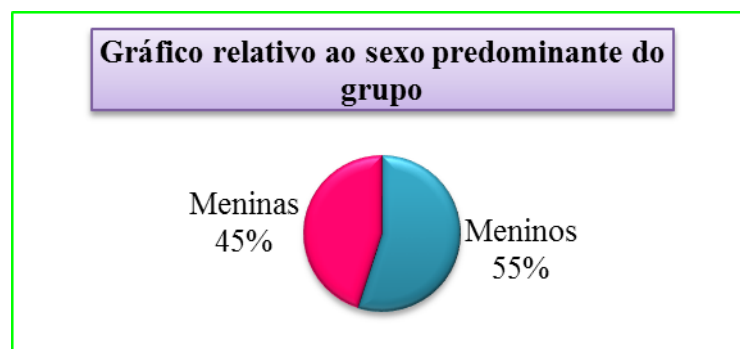


Gráfico 1 - Sexo das crianças

Uma vez que se trata de um grupo heterogéneo em termos de sexo e idades, importa agora, analisar as características no que se refere às idades destas crianças (Gráfico 2). A maioria das crianças do grupo tem entre os 4 e 5 anos, sendo a idade com menor frequência os sete anos representado por apenas uma criança.

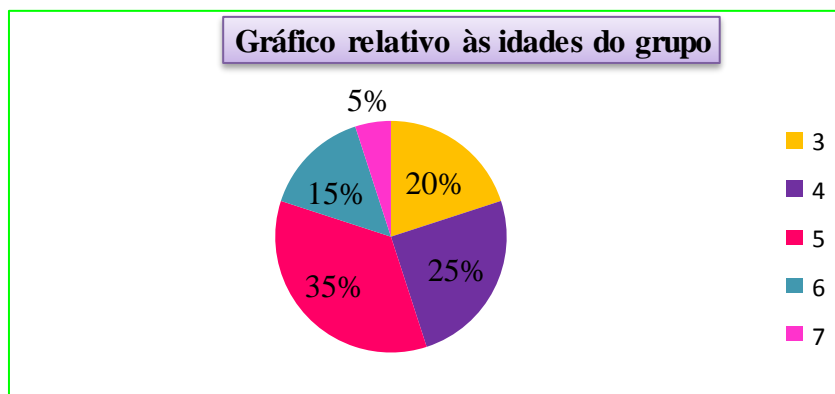


Gráfico 2 - Idades do grupo.

Relativamente à localização/naturalidade, a maioria das crianças mora na zona da Guarda-Gare, sendo provenientes de meios económicos e socioculturais bastante variados.

No que concerne ao seio familiar podemos referir que existem duas crianças que vivem apenas com um indivíduo, uma criança tem um agregado familiar composto por duas pessoas, e os restantes são compostos por um agregado familiar de três ou quatro, existindo apenas um com agregado familiar de sete pessoas.

Quanto às habilitações dos pais dos alunos (Tabela 5) pode concluir-se que são muito diversificadas sendo assim um grupo heterogéneo no que diz respeito a este aspeto.

Relativamente aos serviços que são prestados na escola, catorze crianças usufruem dos dois serviços (almoço e prolongamento), quatro apenas almoçam e duas das crianças não usufruem de qualquer serviço.

Tabela 5 - Habilitações Literárias/Profissões dos Encarregados de Educação

| Iniciais do nome das crianças inscritas | Mãe | Pai | Serviços de que usufrui |
|------------------------------------------------|-----------------------|-----------------------|--------------------------------|
| I.S | Serviços gerais | Camionista | A+P |
| C.X. | Educadora | Técnico de manutenção | A+P |
| A.P. | Auxiliar de educação | Empresário | A+P |
| L.O. | Assistente médica | Engenheiro mecânico | A+P |
| C.C. | Doméstica | Vendedor | A |
| T.S. | Assistente social | Engenheiro mecânico | A+P |
| D.A. | Ajudante de cozinha | Operador fabril | A+P |
| I.C. | Desempregada | Operador fabril | A |
| A.F. | Auxiliar de um lar | Motorista | A |
| R.F. | Atividade liberal | Advogado | A+P |
| A.R.S. | Enfermeira | Enfermeiro | A+P |
| C.F | Veterinária | Engenheiro florestal | - |
| S. C. | Operadora fabril | Eletricista | A+P |
| M.M.M. | Professora | Engenheiro | - |
| L.C | Professora | Desenhador | A+P |
| D.S. | Professora | Professor | A+P |
| M.P.M | Ajudante panificadora | Carpinteiro | A+P |
| I.C. | Costureira | Comerciante | A+P |
| I.G. | Desempregada | Desportista | A |
| R.M | Professora | Comerciante | A+P |

A- Almoço P-Prolongamento

1.2.4.4 CARATERIZAÇÃO DO GRUPO DA SALA DOS 3 AOS 6 ANOS

Caraterizando as crianças de um modo geral, podemos afirmar que todas participam nas atividades, no que diz respeito à execução das regras dentro da sala e fora desta, conseguem respeitá-las e executá-las e quando não o fazem, conseguem refletir e ponderar quanto ao seu comportamento.

Jean Piaget (1940) define quatro estádios de desenvolvimento adaptados às características de cada criança.

O primeiro estágio é denominado por **Estágio sensório motor** (0 aos 2 anos), a principal característica deste período é a ausência da função semiótica, isto é, a criança não representa mentalmente os objetos. A sua ação é direta sobre eles. A estimulação ambiental deve ser principalmente de natureza sensorial (visão, audição, tato, paladar, olfato) e motora (movimentos com o corpo).

O segundo estágio é designado por **Estágio pré-operatório** (dos 2 aos 6/7 anos), é a fase em que as crianças reproduzem imagens mentais. Elas usam um pensamento intuitivo que se expressa numa linguagem comunicativa - mas egocêntrica, isto porque o pensamento delas está centrado nelas mesmas.

O terceiro estágio é o **Estágio operatório concreto** (dos 6/7 aos 11/12 anos), nesta fase as crianças são capazes de aceitar o ponto de vista do outro. Podem representar transformações, assim como situações estáticas. Têm capacidade de classificação, agrupamento, reversibilidade e conseguem realizar atividades concretas, que não exigem abstração.

O quarto estágio é o **Estágio das operações formais** (dos 11/12 até a vida adulta), é a fase de transição para o modo adulto de pensar. É durante esta fase que se forma a capacidade de raciocinar sobre hipóteses e ideias abstratas e complexas. Nesse momento, a linguagem tem um papel fundamental, porque serve de suporte conceitual.

Este grupo encontra-se no segundo estágio de desenvolvimento **Cognitivo, Pré Operatório** pois o público alvo em causa, compreende crianças dos 3 aos 7 anos de idade. Também denominado de estágio da **Inteligência Simbólica**, este estágio, caracteriza-se, principalmente, pela interiorização de esquemas de ação construídos no estágio anterior (sensório-motor).

Desta forma, é apresentado um quadro-síntese de alguns sinais de inteligência na criança de 3 anos (tabela 6).

Tabela 6 - Sinais de inteligência na criança de 3 anos (BRÁS.M.L, 2004:135).

| Idade | Binet-Simon | Terman |
|--------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 3 Anos | Diz o nome da família; Repete dois números; Enumera uma gravura; Repete uma frase de 6 sílabas. | Indica partes do corpo; Nomeia objetos familiares; Enumera objetos de uma gravura; Repete frases de 6 ou 7 sílabas. |

Na tabela seguinte (tabela 7), são apresentados os Comportamentos que exemplificam o desenvolvimento intelectual segundo Piaget (1940) nas crianças dos 4 aos 7 anos:

Tabela 7 - Comportamentos do desenvolvimento intelectual

| Noção | Criança de 4/5 anos | Criança de 6/7 anos |
|--------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Conservação | Depende da compreensão da noção de quantidade. | A criança desta idade compreende que a transformação da forma não implica na quantidade – compreende que se conserva. |
| Seriação | A criança é capaz de ordenar uma série de objetos de diferentes tamanhos, mas por tentativas, o que não é uma operação lógica. | Nesta idade já compara e tenta encontrar o mais pequeno e o maior. |

Para caracterizar o grupo foi tida em conta a observação direta feita no início da Prática de Ensino Supervisionada I e as áreas descritas nas Orientações Curriculares Para a Educação Pré-escolar (OCEPE), particularmente:

✓ **Área da Formação Pessoal e Social**

A maioria das crianças tem a noção dos valores que estão implícitos nesta área, conseguindo conviver civilizadamente com outras crianças, quer da própria sala quer de outras salas, tendo consciência dos diversos comportamentos que devem ter para com o educador e as

restantes crianças da sala e fora desta. Na sala existe apenas uma criança que não consegue lidar com os valores propriamente ditos, mas é uma criança sinalizada com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo uma criança sinalizada, portadora de trissomia 21, preferindo estar sozinha e realizar as diversas atividades autonomamente ou simplesmente com a educadora ou auxiliar.

✓ **Área da Expressão Motora (motricidade)**

Nesta área, durante a observação pôde concluir-se que todas as crianças, adquiriram as competências da motricidade grossa, isto é, correm, saltam, andam e movimentam-se sem o apoio de um adulto. Apenas a criança com NEE, demonstra algumas dificuldades, mas nunca desiste das atividades.

No que concerne à motricidade fina, existem algumas crianças que apresentam dificuldades nomeadamente no recorte, pintura e colagem. Mostrando que ainda não adquiriram todas as competências necessárias, sendo natural, devido à idade de algumas. Relativamente à escrita do nome já todas as crianças conseguem escrevê-lo, exceto as crianças mais novas, com apenas três anos de idade.

✓ **Área da Expressão e Comunicação (Domínio da Expressão Oral)**

Ao nível da linguagem, quase todas as crianças articulam bem, as palavras. É apenas de salientar duas crianças com dificuldades, tendo uma mais dificuldades que outra, pois está sinalizada com necessidades educativas especiais, a segunda criança expressa-se bem, mas é notória um pequeno atraso na pronúncia, embora se entenda claramente o que diz.

✓ **Área da Expressão e Comunicação (Domínio da Matemática)**

Na área da matemática todas as crianças conhecem os números, reconhecendo-os nas diversas atividades e jogos que realizam ao longo do dia. É de destacar que algumas destas crianças, nomeadamente as mais velhas, são capazes de resolver problemas matemáticos rapidamente.

✓ **Área do conhecimento do Mundo**

A maioria das crianças conhecem o “mundo” que as rodeia, são de um modo geral curiosas e interessadas, querendo assim questionar os adultos sobre diversas situações que

surtem no seu dia-a-dia, quer seja na escola (meio escolar) quer seja em casa (meio familiar) com os pais.

Pode ser notório o interesse deles quando se faz a introdução a uma nova temática.

✓ **Área da expressão e Comunicação (Domínio da Expressão Plástica)**

Na área da expressão plástica, existem algumas crianças com dificuldades em se expressar, nomeadamente as mais novas, tendo ainda dificuldades em representar as suas ideias.

Nas crianças mais velhas já não é notória essa dificuldade, sendo capazes de se expressarem sem qualquer dificuldade.

Em síntese, pode referir-se que o grupo é bastante desafiador no que diz respeito às diversas atividades realizadas nas díspares áreas, ao longo do ano letivo.

1.3 ESCOLA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

De seguida é apresentado o enquadramento institucional – organização e administração escolar da escola onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada no que concerne ao ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

1.3.1 MEIO ENVOLVENTE À ESCOLA DE SANTA ZITA

A escola onde foi realizado o estágio do 1º Ciclo do Ensino Básico foi a Escola de Santa Zita. Em tempos, o meio que hoje abrange a escola de Santa Zita foi um dos primeiros bairros “novos” da cidade da Guarda. Este foi um bairro que cresceu em volta do “velhinho” bairro de S. João ou Bairro dos Polícias. Sendo, que os acessos fáceis de que hoje dispomos, não passavam de velhos carreiros.

Por volta de 1956, iniciava-se a Casa da Obra de Santa Zita, situada na rua Pedro Álvares Cabral. Estabelece-se, então, um bom relacionamento desta com a comunidade, uma vez que os alunos do bairro participavam nas festas da referida Instituição.

A escola fica situada perto do centro da cidade (Figura 16), apresentando-se como uma zona maioritariamente residencial e com prestações de serviços a nível comercial. Está localizada numa zona calma da cidade, onde é possível andar calmamente pelos passeios, devido ao trânsito só ser intenso na hora da entrada e saída dos alunos da escola. A maior parte dos alunos é oriundo de diversos bairros da cidade, assim como de algumas aldeias e quintas próximas.

O meio envolvente à escola de Sta. Zita é, bastante agradável e acolhedor, uma vez em que em termos de regionalização *o planeamento e reorganização de rede escolar, assim como a*

construção e manutenção dos edifícios escolares e seu equipamento, devem assentar numa política de regionalização efectiva, com definição das competências dos intervenientes, que, para o efeito, devem contar com os recursos necessários (Lei de Bases do Sistema Educativo. Lei nº46/86 de 14 de Outubro).



Figura 16 - Localização geográfica da Escola Básica de Santa Zita. (Fonte: Google Maps)

1.3.2 CARATERIZAÇÃO DA ESCOLA

É inconcebível que as escolas, tendo a seu cargo as crianças e jovens durante seis ou sete horas por dia, durante 180 dias por ano, desde que têm seis anos até terem dezoito, não afetem o modo como pensam acerca dos problemas morais e o modo como se comportam.

(Purpel & Ryan, 1992:47)

A Instituição perante a Lei de Bases do Sistema Educativo, deve organizar-se de forma a contribuir para a realização do educando através do pleno desenvolvimento da personalidade e do carácter, assegurando a formação cívica e moral dos jovens e proporcionando-lhes um equilibrado desenvolvimento físico.

A Escola Básica situa-se na Rua Pedro Álvares Cabral, na cidade da Guarda, sendo um edifício do tipo de Planos Centenários.

A escola do 1º Ciclo da Santa Zita (Figura 17) é um dos dezanove estabelecimentos de ensino do Agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda, com um total de cento e setenta e oito alunos, distribuídos por nove turmas. Além das salas de aulas, casas de banho, sala de professores, sala de reprografia e telefone e salão polivalente possui uma Biblioteca Escolar, um Centro de Recursos para alunos deficientes e uma Unidade de Multideficiência.



Figura 17 - Escola Básica de Santa Zita. (Fonte própria)

O espaço exterior, completamente vedado (Figura 18), tem campo de futebol, espaço para a prática de basquetebol, caixa de areia, espaço para jogos tradicionais, dois espaços lúdicos apetrechados com aparelhos de madeira, um dos quais com piso de borracha. A escola situa-se no centro da cidade e tem bons acessos.

Inicialmente era chamada de *Escola de Nossa Senhora de Fátima*, possuindo, inclusive, uma imagem desta mesma Santa, que ainda hoje permanece no edifício. Mais tarde passou a ser chamada de *Escola de Santa Zita* por se encontrar junto à casa da Obra de Santa Zita (Obra de Solidariedade Social).

Esta escola encontra-se em funcionamento desde 1971.



Figura 18 - Escola Básica de Santa Zita. (Fonte própria)

1.3.3 ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO

A Escola Básica de Santa Zita é uma instituição de rede pública do Ministério da Educação e faz parte do Agrupamento de Escolas da Área Urbana da Guarda.

Esta escola tem capacidade para 200 alunos, funcionando atualmente com sete salas, desde o 1º ano ao 4º ano de escolaridade.

A instituição encontra-se encerrada no período de férias, mas para dar resposta às necessidades da família, os alunos têm oportunidade de continuar a frequentar o ATL de Santa Zita, que está situado ao lado da escola.

Quanto aos *recursos humanos* o quadro da instituição é composto por oito professores, quatro professores da equipa de ensino especial, dois professores de apoio educativo, professores das Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) e oito auxiliares de ação educativa.

A organização e gestão do tempo é definida no início do ano letivo pelo agrupamento, sendo esta seguida durante o ano (tabela 8).

Tabela 8 - Carga Horária Semanal

| ÁREA CURRICULAR | Nº DE HORAS |
|----------------------------|--------------------|
| LÍNGUA PORTUGUESA | <i>6h30m</i> |
| MATEMÁTICA | <i>6h</i> |
| ESTUDO DO MEIO | <i>5h</i> |
| ÁREA DAS EXPRESSÕES | <i>5h</i> |
| APOIO AO ESTUDO | <i>2h</i> |

Os alunos são recebidos pelas auxiliares de ação educativa a partir das 8h30. Entram para a sala de aula às 9h até às 12h, tendo um intervalo da manhã das 10h30m às 10h50. Nas duas horas de almoço, a maioria dos alunos vai para o ATL de Santa Zita, ou outros ATL's que frequentem, os restantes vão almoçar a casa. Às 14h os alunos retomam as aulas que se prolongam até as 16h, existindo um intervalo da tarde das 15h às 15h10m (tabela 9).

Existem ainda atividades extracurriculares que funcionam depois das 16h, distribuídas pelos dias da semana. Sendo que à segunda-feira os alunos assinalados pela professora titular têm apoio ao estudo.

Tabela 9 - Horário semanal da turma D34

| TEMPOS | SEGUNDA | TERÇA | QUARTA | QUINTA | SEXTA |
|---------------------|----------------------------------|---------------------------|-----------------------------------|-------------------|--------------------------------|
| 9h – 9h45 | Língua Portuguesa | Matemática | Língua Portuguesa | Matemática | Língua Portuguesa |
| 9h45 – 10h30 | Língua Portuguesa | Matemática | Língua Portuguesa | Matemática | Língua Portuguesa |
| 11h-12h | Matemática | Língua Portuguesa | Matemática | Língua Portuguesa | Matemática |
| 14h-15h | Estudo do Meio | Estudo do Meio | Matemática | Estudo do Meio | Estudo do Meio |
| 15h-16 | Expressões Artísticas (Plástica) | Expressão Físico - Motora | Expressões Artísticas (Dramática) | Estudo do meio | Expressões Artísticas (Música) |
| 16h10-16-55 | TE | ----- | ----- | ----- | ----- |
| 17h05-17-50 | TE | ----- | ----- | ----- | ----- |

1.3.4 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA INSTITUIÇÃO

O edifício escolar é uma construção centenária, com áreas amplas e de fáceis acessos constituído por três pisos: o *rés – do – chão*, *1º piso* e *2º piso*.

O *rés – do – chão* é constituído por espaço interior e exterior e está organizado da seguinte forma:

Espaço interior – existe um hall de entrada, uma casa de banho masculina, um salão polivalente, biblioteca “Virgílio Afonso” e unidade de multideficiência;

Espaço exterior – existe um espaço em frente à instituição com equipamento de diversão para os alunos, bem como um vasto espaço da qual os alunos podem usufruir livremente.

No **1º piso** existe uma casa de banho de adultos, quatro salas de aula, uma sala de professores, sala de apoio educativo e o gabinete da coordenadora.

O **2º piso**, é constituído por quatro salas de aula, uma sala de professores, a sala da Centro de Recursos TIC para a educação especial na Guarda (CRTIC), sala de fotocópias/telefone, uma casa de banho para adultos e uma casa de banho feminina.

No espaço exterior, verificámos que a segurança da escola é feita através de gradeamentos. Esta é uma área grande e, na sua maioria, térrea, contendo um campo de futebol, um espaço para a prática de basquetebol, uma caixa de areia, espaço para jogos tradicionais e dois espaços lúdicos.

No entanto, a escola não tem cantina, sala de estudo, nem sala de informática (na biblioteca existe um espaço multimédia).

De seguida serão referidas, com um maior pormenor, alguns dos espaços da escola.

Espaço interior

- **Hall de entrada:** é um espaço que funciona como local de receção aos alunos, onde estes esperam até entrarem para a sala de aula. Este espaço tem ainda pequenos espaços onde são afixadas informações relevantes sobre a instituição e informações dirigidas aos pais e aos alunos, entre outros.
- **Salão Polivalente (Figura 19)** é o espaço onde os alunos desenvolvem as atividades de Expressão Físico – Motora, e se concentram em dias de chuva, bem como onde decorrem as comemorações de épocas festivas do ano, como por exemplo a festa de natal, festa do magusto, entre outras festividades.



Figura 19 - Salão Polivalente. (Fonte própria)

- **Biblioteca Virgílio Afonso:** A biblioteca, da Escola de Santa Zita, possui ótimas condições. Esta encontra-se organizada por diversos espaços: espaços destinados à leitura, outro destinado a publicações periódicas tais como: revistas e jornais, alguns jogos didáticos e um espaço reservado aos audiovisuais. Na biblioteca (Figuras 20 e 21) desenvolvem-se diversas atividades, como: leitura; requisição, consulta e entrega de livros; visionamento de vídeos; realização de dramatizações, apresentações de livros, com os próprios autores desses mesmos livros, entre outras. Os livros que se encontram à disposição nesta biblioteca, na sua maioria, são livros infantojuvenis, podendo também encontrar-se livros de história, enciclopédias, dicionários e livros temáticos.

Desta forma os alunos tendo um cartão da biblioteca, que os identificam, todas as semanas têm um dia da semana que é reservado para a requisição de livros para leitura fora do espaço escolar.



Figura 20 e 21 - Biblioteca Virgílio Afonso. (Fonte própria)

✓ *Espaço exterior*

Na parte da frente da Instituição existe um espaço utilizado por todos os alunos da escola que está delimitado por gradeamentos. O espaço tem uma grande área térrea e um espaço lúdico (Figura 22).



Figura 22 - Espaço lúdico

A escola do 1º ciclo do Ensino Básico de Santa Zita está, assim, muito bem equipada com diversos espaços que permitem aos alunos desenvolverem-se nos mais diversificados níveis.

1.3.5 CARACTERIZAÇÃO DA SALA

A sala é, antes de mais nada, e sobretudo na escola, um ambiente de vida (...) A sala de uma escola não pode ser, nunca um espaço fechado em si mesmo.

(Zabalza, M. 1992:132)

Dentro de uma escola, o espaço mais privilegiado pelos alunos e o mais importante é a sala, pois é lá que a brincadeira dá lugar à aprendizagem, ao contato entre as crianças e entre aluno/professor, onde se expõe as dificuldades, onde ocorre o ato educativo e o ensino-aprendizagem. É também na sala onde os alunos aprendem e onde ensinam o professor, pois o ser humano está em constante aprendizagem.

A sala de aula (Figura 23) onde durante três meses decorreu o estágio localiza-se no 2º andar da escola, sendo esta a sala número 7.

É uma sala com boas dimensões, espaçosa e organizada, estando adequado ao número de alunos existentes nesta turma



Figura 23- Sala de aula da turma D34. (Fonte própria)

É uma sala bastante iluminada, uma vez que tem três janelas de uma dimensão considerável. No que diz respeito aos equipamentos encontra-se bem equipada com diversos materiais, tais como material didático, material informático, manuais escolares, livros.

As mesas dos alunos encontram-se distribuídas por quatro filas, agrupadas duas a duas todas direcionadas para o quadro, de forma a que todos os alunos tenham uma boa visão do quadro. A mesa da docente encontra-se junto ao quadro.

Quanto aos placares existentes na sala de aula encontram-se afixados alguns cartazes informativos relacionados com os conteúdos dados nas diversas áreas disciplinares, para facilitar a procura dos alunos e ainda, trabalhos de todos os alunos, aumentando assim a sua autoconfiança, a vontade de aperfeiçoar e o orgulho por verem os seus trabalhos expostos.

O aquecimento da sala é realizado através de aquecedores, que funcionam através de caldeira, proporcionando, nos dias de mais frio, um ambiente quente e acolhedor, favorável ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Ao nível dos materiais (tabela 10), a sala dispõe de armários que permitem arrumar adequadamente os mesmos. Esta organização permite desenvolver nos alunos a independência, a autonomia, adquirindo o conceito de tempo e espaço para uma aprendizagem significativa e profícua.

Tabela 10 - Recursos materiais da sala

| LUMINOSIDADE (Nº) | |
|-----------------------------------|-------------------------|
| <i>Artificial</i> | <i>Natural</i> |
| 10 Lâmpadas | 4 Janelas grandes |
| ACESSÓRIOS/MULTIMÉDIA (Nº) | |
| 1 | 1 |
| Computador | Impressora Multifunções |
| AQUECIMENTO (Nº) | |
| Aquecimento central | |

1.3.6 CARACTERIZAÇÃO DA TURMA D34 DA ESCOLA BÁSICA DE SANTA ZITA

Começai por conhecer os vossos alunos pois de certeza que não os conheceis.

(Mialaret, 1981: 133)

É de extrema importância para todos os docentes, conhecer a turma/grupo (figura 24) que têm à sua frente, conhecer o meio social e familiar onde a criança está inserida, os primeiros dias de observação foram cruciais para o conhecimento do mesmo.



Figura 24 - Turma D34 da Escola Santa Zita (fonte: Própria)

Lidar com crianças, em geral é um tremendo desafio. Os professores têm de estar preparados para serem como *rangers*, atuarem em diferentes cenários, com diversos intervenientes, grupos muito heterogêneos e tentando cumprir a sua missão sem baixas, literalmente.

Cada turma é única, assim como cada aluno. Se já é um desafio para o professor conseguir manter um aluno atento à aula, manter uma turma atenta é ainda mais difícil. Mas não é de todo impossível. Basta o professor saber dinamizar as aulas e procurar saber quais os interesses dos seus alunos para conseguir conjugar tudo.

O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo que o professor tem um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, que o aluno já tem uma “bagagem” cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem.

Na construção do conhecimento e nas diversas aprendizagens efetuadas, os alunos são membros ativos, pois cada um constrói a sua própria aprendizagem, como foi dito em cima, adaptando-a ao seu nível de desenvolvimento e às suas capacidades.

A educação – afirma a UNESCO (2012:15) - *deve ter como centro os alunos e considerá-los como protagonistas da sua aprendizagem e não como recetores do ensino.*

É urgente conhecer em profundidade o que o aluno pensa da Escola e o que dela espera, bem como as suas aspirações, os seus códigos e os seus valores de referência.

A Turma D34 é constituída por 26 alunos, com uma média de idade entre os seis e os dez anos (gráfico 3).

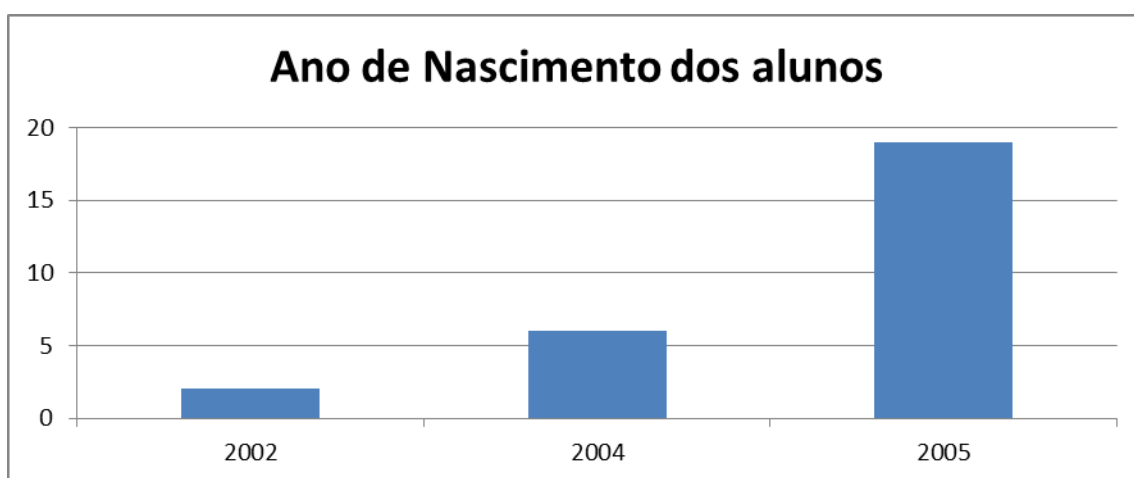


Gráfico 3 - Ano de nascimento dos alunos

No geral, os alunos pertencem a um meio familiar de nível sócio - económico médio, sendo que os Pais/Encarregados de Educação trabalham em setores variados.

Todos os alunos da turma frequentaram a educação pré-escolar, à exceção de três alunos de etnia cigana.

A maioria dos alunos almoça na instituição particular Santa Zita que se situa ao lado da escola, exceto três alunos. Os alunos frequentam, também, o *ATL* da instituição particular (onde almoçam), após o período escolar diário e durante as interrupções letivas, onde se desenvolvem atividades de animação e socialização com as crianças. Esta instituição também presta apoio à escola e aos alunos, quando professores das áreas de enriquecimento curricular (AEC) faltam.

Após a análise de todas as fichas biográficas e alguns dados recolhidos através de inquéritos iremos realizar o tratamento dos dados obtidos e efetuar a caracterização da turma.

Esta caracterização incide fundamentalmente em aspetos mais significativos que podem interferir na melhoria das situações de aprendizagem: o enquadramento sócio - económico e cultural; os antecedentes escolares; as habilitações literárias dos encarregados de educação.

Podemos verificar no gráfico 4 apresentado, que na turma existem mais alunos do sexo feminino do que do masculino.

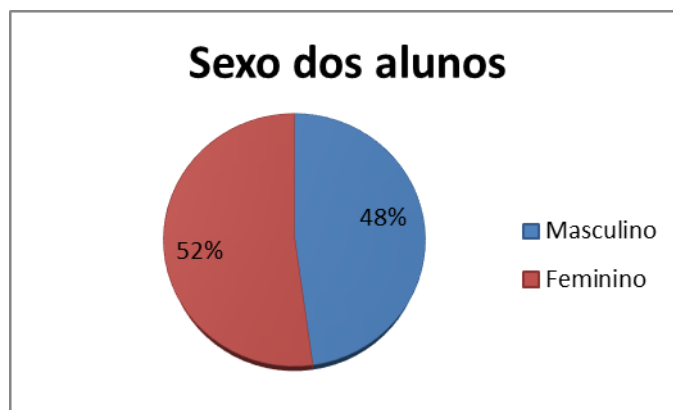


Gráfico 4 - Distribuição dos alunos por sexo

A seguir apresentamos um quadro síntese onde podemos observar diversas informações, tais como idade, habilitações literárias e profissão.

Tabela 11 - Caracterização do Agregado familiar da turma D34.

| ALUNO | | IRMÃOS | | | PAI | | | MÃE | | |
|-------|-------|--------|---|---|-------|----------------------|-------------------------|-------|-------------------------|-------------------------|
| Nome | Idade | N.º | F | M | Idade | Profissão | Habilitações Literárias | Idade | Profissão | Habilitações Literárias |
| B. T | 7 | 1 | 1 | - | 34 | Oficial Eletricista | 9º Ano | 33 | Ajudante de Cozinha | 9º Ano |
| D. J. | 7 | 3 | 1 | 2 | - | Não há dados | - | - | Não há dados | - |
| F.A | 10 | 1 | - | 1 | 39 | Vendedor ambulante | - | 36 | Desempregada | - |
| F.P. | 7 | 1 | 1 | - | 31 | Delegado Comercial | 12º Ano | 38 | Farmacêutica | Licenciatura |
| G. N. | 7 | 1 | 1 | - | - | Não há dados | - | 38 | Desempregada | 11º Ano |
| H. M. | 7 | 3 | 2 | 1 | 41 | Pedreiro | 7º Ano | 35 | Empregada Domestica | 12º Ano |
| J. V. | 7 | 1 | 1 | - | - | Mecânico | 12º Ano | 43 | Pasteleira | 12º Ano |
| J. A. | 7 | - | - | - | 41 | Eletricista | 9º Ano | 29 | Auxiliar Ação Educativa | 9º Ano |
| L. T. | 7 | 1 | 1 | - | 41 | Desempregado | 12.º Ano | 43 | Desempregada | 12.º Ano |
| L. G. | 8 | - | - | - | - | Estucador | 6º Ano | 36 | Empregada Limpeza | 4º Ano |
| L. S. | 7 | 1 | 1 | - | 47 | Gerente Comercial | 12º Ano | 42 | Cabeleireira | 9º Ano |
| L. M. | 8 | - | - | - | - | Empregado Balcão | 9º Ano | 32 | | 12.º Ano |
| M. V. | 7 | 1 | - | 1 | 38 | Não há dados | 6º ano | 31 | Copeira | 4º Ano |
| M. C. | 7 | 1 | - | 1 | 42 | Juiz | Licenciatura | 43 | Magistrada | Licenciatura |
| M. A. | 7 | 1 | 1 | - | 38 | Advogado | Licenciatura | 43 | Professora 1º CEB | Mestre |
| M. P. | 7 | 2 | 1 | 1 | 35 | Motorista de Pesados | 6º Ano | 32 | Ajudante de Cozinha | 9º Ano |
| M. L. | 7 | - | - | - | 29 | Operador Fabril | 12º Ano | 29 | Tec. Relações Públicas | Licenciatura |
| N. C. | 7 | 6 | 4 | 2 | 41 | Desempregado | 9º Ano | 38 | Desempregada | 9º Ano |

| | | | | | | | | | | |
|--------------|---|---|---|---|----|--------------------------|--------|----|---------------------|--------|
| M. L. | 7 | - | - | - | - | Motorista de pesados | 9º Ano | - | Desempregada | 9ºAno |
| F. P. | 8 | 2 | 1 | 1 | 35 | Motorista de pesados | 6º Ano | 32 | Ajudante de Cozinha | 9º Ano |
| F.F | 7 | 4 | 1 | 3 | 32 | Feirante | 4º Ano | 32 | Doméstica | 4º Ano |
| B. | 7 | 1 | 1 | - | 29 | Empregado obras públicas | 9º Ano | 28 | Desempregada | 9º ano |

Da análise verifica-se que a maioria dos alunos pertencem a um meio sócio – económico de nível baixo. Em termos profissionais, o grupo de famílias situa-se num nível baixo, uma vez que os encarregados de educação possuem baixas habilitações literárias (gráfico 5), havendo apenas 4 pais que são Licenciados. Quanto à idade dos pais situa-se entre os 29 e 47 anos. Por sua vez as mães têm idades compreendidas entre os 28 e os 42 anos.

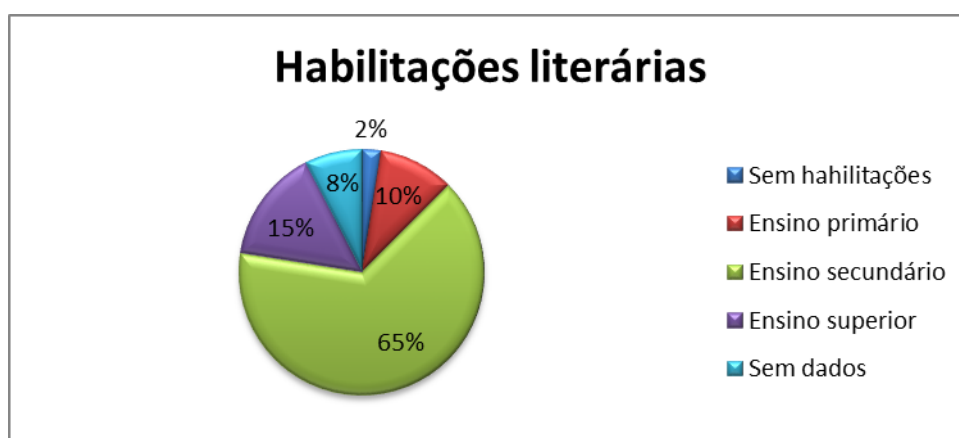


Gráfico 5- Habilitações literárias dos encarregados de educação.

Ao longo da experiência na Prática de Ensino Supervisionada II, a observação e o contato com as crianças, facilitou o seu conhecimento, enquanto aluno e pessoa, quer dentro e fora da sala de aula.

Desta forma foi elaborada por nós, uma pequena tabela (12) onde se apresenta, de forma sucinta, a caracterização das crianças da turma.

Tabela 12 - Caracterização individual dos alunos

| NOMES | CARATERIZAÇÃO INDIVIDUAL DOS ALUNOS | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------------|-------------------------------------|----------------|----------------|-------------|------------------|-------------------|-----------------|----------------|--------------------|-------------------|----------------------|-----------------|-------------------|-----------------|---------------|--------------------|-------------------|---------------|------------------|--------------------|----------------|----------------|---|
| | <i>Comunicativo</i> | <i>Inibido</i> | <i>Ansioso</i> | <i>Calm</i> | <i>Agressivo</i> | <i>Espontâneo</i> | <i>Sociável</i> | <i>Egoísta</i> | <i>Colaborante</i> | <i>Observador</i> | <i>Participativo</i> | <i>Autônomo</i> | <i>Organizado</i> | <i>Criativo</i> | <i>Atento</i> | <i>Respeitador</i> | <i>Expressivo</i> | <i>Alegre</i> | <i>Impulsivo</i> | <i>Responsável</i> | <i>Assíduo</i> | <i>Pontual</i> | |
| B. T. | | | X | | | X | | X | | | | | | X | X | | | | X | X | X | | |
| D. J. | X | | X | | | X | X | X | | X | | | | | | X | X | X | X | X | | | |
| F. A. | | X | | | | | X | | | X | X | | | X | X | | | | | | X | X | |
| F. P. | | | | X | | | X | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| F. V. (Transferido) | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| G. N. | X | | | | X | | X | X | X | X | X | | | | | X | | | X | X | X | X | |
| H. M. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | X | | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| J. V. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| J. A. | X | | X | X | | X | X | | X | | | | | | | X | X | X | | | | X | X |
| L. T. | X | | | X | | | X | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| L. G. | X | X | X | | | X | X | | | | | | X | | | | X | X | | | | X | X |
| L. S. | X | | | | | X | X | X | X | X | | | | | | X | | X | X | | X | X | |
| L. M. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | X | | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| M. V. | X | | | X | | X | X | | X | | | | | | | X | | X | | X | X | X | |
| M. C. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| M. A. | | | X | X | | | | | X | X | | X | X | X | X | X | | | | X | X | X | |
| M. P. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | X | | X | X | X | X | X | | X | X | X | |
| M. L. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | | | X | | X | X | X | X | X | X | X | |
| N. C. | X | | X | X | | X | X | | X | X | X | X | | X | X | X | X | | | X | X | X | |
| M. L. | | X | | X | | | X | X | | | X | X | | X | X | | | | | X | X | X | |
| F. P. | | X | | | | | | | | | X | | | X | X | | X | X | | X | | | |

| | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-------|---|--|--|---|--|---|---|--|---|---|---|---|---|---|--|---|---|---|--|--|---|---|---|
| F. F. | X | | | X | | X | X | | X | X | X | X | | | | X | X | X | | | X | X | |
| B. T. | X | | | X | | | X | | X | X | X | X | X | X | | | X | | | | X | X | X |

Quando se pensa em caracterizar individualmente os alunos existem diversos fatores a ter em conta, pois o comportamento dentro da sala de aula não é o único ponto em que nos devemos focar para caracterizar os discentes.

A Área de formação pessoal e social é uma área facultativa, mas que está implícita em todas as outras áreas, assim, e perante a análise do quadro podemos perceber que a maioria dos alunos são sociáveis, responsáveis e autônomos.

Existem fatores internos e externos ao próprio indivíduo que podem facilitar ou inibir o processo de aprendizagem e esses fatores estão obviamente relacionados com as características dos destinatários da formação, normalmente adultos. Por essa razão, é importante que o formador atenda a essas características quando planifica sessões de formação.

Knowles (1968: s/p) afirmou *que os adultos aprendem de maneira diferente das crianças e que os formadores devem ser entendidos como facilitadores de aprendizagem, pelo que devem adotar um processo que a facilite*. Foi neste contexto que definiu seis fatores que diferenciam a aprendizagem dos adultos da aprendizagem das crianças. Como se pode ver na Tabela (13) seguinte:

Tabela 13 – Fatores de diferenciação na aprendizagem entre adultos e crianças segundo Knowles

| Crianças e Jovens | Adultos |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Necessidade de saber: Os aprendentes apenas precisam de saber que devem aprender aquilo que o professor lhes ensina; | Necessidade de saber: Antes de iniciar um processo de aprendizagem, os adultos têm a necessidade de saber por que razões essa aprendizagem será útil e necessária. |
| Conceito de si: O professor tem do aprendente a imagem de um ser dependente. É esta dependência que marca, também, a auto imagem daquele que aprende; | Conceito de si: os adultos têm consciência de que são responsáveis pelas suas decisões e pela sua vida. Por consequência, torna-se necessário que sejam encarados e tratados como indivíduos capazes de se auto gerir; |
| Papel da experiência: a experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que é importante, pelo contrário, é a experiência do professor (ou o do autor do manual, ou dos materiais pedagógicos); | Papel da experiência: os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos, com a sua experiência, que constituem o recurso mais rico para as suas aprendizagens; |

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Vontade de aprender: a disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar, ou seja, a finalidade de obter êxito e progredir, em termos escolares;</p> | <p>Vontade de aprender: os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor enfrentar problemas reais da sua vida pessoal e profissional;</p> |
| <p>Orientação da aprendizagem: A aprendizagem é encarada como um processo de aquisição de conhecimentos sobre um determinado tema. Isto significa que é dominante uma lógica centrada nos conteúdos (e não em problemas);</p> | <p>Orientação da aprendizagem: nos adultos, as aprendizagens são orientadas para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida quotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos);</p> |
| <p>Motivação: a motivação para a aprendizagem é, fundamentalmente, o resultado de estímulos externos ao sujeito como é o caso das classificações escolares, das pressões familiares e das apreciações do professor.</p> | <p>Motivação: os adultos são sensíveis a estímulos de natureza externa (promoção profissional, por exemplo), mas o principal fator de motivação para a realização das aprendizagens são fatores de ordem interna (satisfação profissional, autoestima, qualidade de vida).</p> |

Existem alunos que demonstram desde o início problemas constantes ao nível da compreensão, do raciocínio e memorização tendo como consequência grandes dificuldades de desempenho satisfatório nas áreas curriculares disciplinares.

Após algumas semanas de trabalho desenvolvido com os alunos em termos de revisão de assuntos e verificação de requisitos básicos para prosseguimento das aprendizagens, pode constatar-se que esta turma é heterogénea ao nível da autonomia e ritmo durante a realização de trabalhos, do raciocínio e cálculo mental, na leitura e na escrita quer dentro ou fora da escola.

No que respeita às dificuldades de aprendizagem pode referir-se que a maioria dos alunos não apresenta dificuldades em nenhuma área, havendo uma minoria que apresenta dificuldades na área da matemática e do português, sendo ainda um número considerável com dificuldades unicamente a português.

Como se pode ver na tabela 14, abaixo, os alunos que não apresentam dificuldades têm um comportamento exemplar ou praticamente exemplar, já os alunos que demonstram algumas dificuldades apresentam um comportamento menos bom. Significando que o comportamento e a forma de se estar na sala de aula podem condicionar as aprendizagens.

Tabela 14 - Caracterização dos Alunos quanto às dificuldades e ao comportamento

| ALUNOS | Ano Letivo 2012/ 2013 | |
|--------|-------------------------------|---------------|
| | Área (s) de maior dificuldade | Comportamento |
| B. T. | Português | Bom |
| D. J. | Português e Matemática | Bom |
| F. P. | Não apresenta dificuldades | Muito Bom |
| F. A. | Português | Bom |
| G. N. | Português | Razoável |
| H. M. | Matemática | Muito Bom |
| J. V. | Não apresenta dificuldades | Bom |
| J. A. | Português | Razoável |
| L. T. | Não apresenta dificuldades | Muito Bom |
| L. G. | Português e Matemática | Bom |
| L. S. | Português | Razoável |
| L. M. | Não apresenta dificuldades | Muito Bom |
| M. V. | Português e Matemática | Bom |
| M. C. | Não apresenta dificuldades | Muito Bom |
| M. A. | Não apresenta dificuldades | Muito Bom |
| M. P. | Não apresenta dificuldades | Bom |
| M. L. | Não apresenta dificuldades | Razoável |
| N. C. | Não apresenta dificuldades | Muito Bom |
| M. L. | Português e Matemática | Muito Bom |
| F. P. | Não apresenta dificuldades | Razoável |
| F. F. | Português e Estudo do meio | Razoável |
| B. T. | Não apresenta dificuldades | Bom |

Nesta sala existem alunos distraídos e com este tipo de alunos, os professores deverão tentar chegar a um consenso sobre quais as regras a aplicar na sala de aula, no decorrer do ano. Essas regras não devem ser imutáveis e devem ser periodicamente revistas e reajustadas.

Com alunos distraídos devem ser utilizadas ordens simples e diretas de forma que ele se concentre no que tem a fazer, pois estas crianças têm *problemas de selecção quando dois ou mais estímulos estão em presença*. (Fonseca; 1999, 363).

Devemos evitar colocados em lugares que sejam fontes de distração, o ideal deverá ser coloca-los junto a colegas que possam orientá-los, desta forma podemos afirmar que “ *O espaço de interajuda que se abre (...) é, com certeza, o mais favorável ao desenvolvimento de atitudes como a persistência, a confiança, em si próprio, a responsabilidade, a tolerância e a solidariedade.*” (Pato, M.H.; 1995:28).

Em relação aos alunos com problemas de comportamento, que foi um caso evidente no 1º período, deve-se sempre remeter estes alunos para regras de comportamento na sala de aula, e ainda deixar bem claro as consequências que resultam da repetição dos comportamentos, mencionando as consequências que devem ser do conhecimento geral.

Este tipo de aluno indisciplinado *começa normalmente por perturbar as funções que é suposto executar...* (Estrela; 1992:95), deste modo deve conhecer o que se espera dele na sala de aula, e que aquela forma de se comportar é inaceitável.

Uma estratégia possível, para que o aluno se integre nas atividades sem que ocorram problemas de maior, será investir nas áreas de interesse do aluno, *de modo a suscitar o interesse e a participação livre da criança e a incentivar o desenvolvimento da sua autonomia* (Estrela; 1992:21), assim a criança poderá *saborear as alegrias (...), atingidas graças a conquistas sucessivas* Montessori (1958) citado por Estrela (1992:21).

CAPÍTULO II – DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

2.1 A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA EM CONTEXTO DE PRÉ-ESCOLAR E 1º CEB

A Prática de Ensino Supervisionada é uma fase crucial no processo de formação dos educadores/professores, sendo esta a forma de ser aplicada os conhecimentos até então aprendidos. Neste capítulo descrevem-se algumas experiências vividas durante a Prática de Ensino Supervisionada com ambivalências no Pré-Escolar e no 1º CEB.

Antecedentemente à elaboração de uma reflexão e avaliação sobre a Prática de Ensino Supervisionada que foi vivenciada durante o ensino do pré-escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, é de extrema importância referir a relevância do Mestrado em Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

Este mestrado é regulamentado através do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro, referindo que *...se promove o alargamento dos domínios de habilitação do docente generalista que passam a incluir a habilitação conjunta para a educação pré-escolar e para o 1º ciclo do ensino básico ou a habilitação conjunta para os 1.º e 2.º ciclos do ensino básico....*, desta forma este decreto veio reunir as condições necessárias para a obtenção de habilitações profissionais para a prática docente. Sendo assim possível um corpo docente mais qualificado capacitado para melhorar a qualidade de ensino e o acompanhamento dos alunos.

Desta forma é possível obter o grau de mestre na especialidade de Pré-escolar e 1º Ciclo de Ensino Básico, na Escola Superior de Educação Comunicação e Desporto - Instituto Politécnico da Guarda, contribuindo assim para a formação dos docentes. Este ciclo de ensino demonstra a valorização que tem sido feita na carreira dos docentes.

A prática pedagógica é fundamental na formação de docentes, segundo Pinto (2011: 15) *a Prática Pedagógica é uma parte do currículo muito importante na formação dos futuros professores porque permite a experiência e aplicação de conhecimentos teóricos adquiridos no decorrer da formação académica.*

O contato direto com estes dois ciclos de ensino através da experiência que foi realizada na Prática de Ensino Supervisionada, concebeu uma reflexão e consciencialização sobre a especificidade de cada um destes níveis de ensino.

Assim, procura-se refletir sobre os diferentes aspetos pedagógicos de cada etapa (Pré-escolar e 1º CEB), para que o processo de ensino/ aprendizagem seja um sucesso.

Quando se inicia a Prática de Ensino Supervisionada, é importante que haja uma observação ao redor dos grupo/alunos, das suas rotinas, tarefas, hábitos bem como da organização institucional e o ambiente de aprendizagem (sala de aula, meio envolvente).

Essa observação permite a coleta de informações extremamente importantes, para que se possa elaborar uma intervenção pedagógica (Docência/Regência) em sala de aula, sendo esta a

segunda etapa do estágio auxiliando também na caracterização socioeconômica e psicopedagógica das crianças.

Para Damas e De Ketele (1985, s/p) a **observação** é um *processo fundamental que não tem um fim em si mesmo mas se subordina e se põe ao serviço de processos mais complexos, tais como a avaliação, o diagnóstico...*, assim, a observação desempenha um papel de regulação na tomada de decisões de um professor, sendo esta um apoio na formação do mesmo.

Durante esta Prática de Ensino Supervisionada, foi tida em conta a importância da observação, sendo um instrumento crucial para o conhecimento do grupo em geral e de cada criança em particular, tendo conhecimento, das suas necessidades, interesses, capacidades, bem como o contexto familiar em que estão inseridas e o que pode esse meio influenciar as suas aprendizagens, adequando o processo de ensino às suas necessidades.

É desta forma que se considera que o conhecimento da criança e da evolução, no que concerne às aprendizagens, é crucial para conseguir entender o que ela já sabe e a partir daí alargar os seus conhecimentos e interesses, desenvolvendo as suas capacidades. A observação é, pois, a base para um planeamento do processo de ensino. Assim, a **planificação**, é importante na medida em que é uma ferramenta para preparação das tarefas e aulas a realizar.

Para dar início a uma planificação quer seja de uma simples atividade ou de um dia de aulas ou atividades deve ter-se em conta alguns itens, tais como: o que ensinar, como ensinar, a quem vamos ensinar, quando vamos ensinar e como se avalia, quer se esteja a trabalhar no pré-escolar, ou no 1º Ciclo de Ensino Básico, sendo importante ter ideia dos objetivos que se querem atingir bem como as competências que se tenciona alcançar, quer no educador/professor como na criança.

É assim pertinente perceber a importância de planificar.

A planificação é, de forma simplificada, um pequeno plano dos conhecimentos que se quer transmitir e de como se podem transmitir, sendo um “guia” para que tudo corra pelo melhor quando se está à frente de um grupo e se vai liderar o mesmo.

Para Zabalza (2000:47), por sua vez, ressalta que *a planificação é um fenómeno de planear, de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para concretizar.*

O professor a partir do programa tem a necessidade de fazer intercâmbios de ideias onde deve ter em conta os contextos onde a escola e os alunos estão inseridos dando especial relevo à diversidade destes, conhecendo a realidade e diversidade dos seus alunos para poder traçar as atividades de aprendizagens de forma significativa para eles.

A planificação é um fio condutor que ajuda o professor no seu dia-a-dia na sala de aula propondo um bom emprego das suas atividades e a eficácia dos mesmos junto dos alunos.

Assim, é importante selecionar os conteúdos de forma lógica e coerente, partindo sempre do simples para o complexo, do particular para o todo de seguida e numa segunda fase definimos os objetivos a alcançar, permitindo uma organização do ensino, para que se consiga perceber em que patamar estão os conhecimentos e quais já foram adquiridos e por último as estratégias que dizem respeito à forma como a atividade pode ser desenvolvida, (por exemplo: leitura, diálogo, apresentações em PowerPoint), como pode ser a atividade organizada (em grande grupo, em pequenos grupos ou individualmente), onde vai ser realizada (sala de aula, no exterior, na biblioteca, ou fora do recinto escolar entre outros), os recursos a serem utilizados e materiais necessários.

No que concerne à avaliação, quer no pré-escolar quer no 1º Ciclo do Ensino Básico, é uma ferramenta que auxilia o docente a regular os conhecimentos adquiridos pelos alunos, partindo das informações obtidas ao longo do tempo, tendo assim como objetivo melhorar a prática de ensino, ou seja, através da avaliação consegue-se perceber, se o que alunos/crianças adquirem os conhecimentos lecionados, e a partir daí, aprimorar as estratégias para que se obtenham resultados mais satisfatórios.

A avaliação pode dividir-se em diversas modalidades como formativa, diagnóstica e sumativa.

A avaliação formativa possibilita ao professor abordagens mais didáticas, é útil para a assimilação dos conteúdos abordados em sala de aula.

A avaliação diagnóstica tem como intuito, criar parâmetros de avaliar os conhecimentos dos alunos do início ao fim dos processos avaliativos. Avaliando os conhecimentos do aluno captados durante o percurso escolar.

A avaliação sumativa capta a rentabilidade cognitiva dos alunos na compreensão e aquisição dos conhecimentos adquiridos pelos mesmos. Esta avaliação integra-se nos objetivos específicos a serem aplicados em sala de aula.

A avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, pois trata-se, essencialmente, de um processo contínuo e interpretativo que se interessa mais pelos processos do que pelos resultados e procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.

Desta forma no Pré-Escolar a avaliação é feita através de pequenos registos (desenhos) das atividades, feitos pelas crianças, e jogos. Já no 1º CEB, é feita através de fichas formativas, fichas de avaliação sumativa e jogos de consolidação.

A observação, registo e avaliação de um grupo, usado de forma correta permite ao educador/professor ter uma visão acerca do funcionamento do mesmo.

O presente capítulo: “Descrição do processo de Prática de Ensino Supervisionada”, apresenta sucintamente, a experiência referente à Prática de Ensino Supervisionada no Pré-escolar

e 1º CEB, particularmente, planificações, tarefas, métodos utilizados, bem como técnicas e materiais empregues, no decorrer dos mesmos.

2.2 CONTEXTO INSTITUCIONAL

A Prática de Ensino Supervisionada foi realizada numa instituição de Pré-escolar (Jardim de Infância Guarda-Gare), e numa de 1º CEB (Escola Básica de Santa Zita), na cidade da Guarda.

No jardim de infância Guarda Gare, o estágio decorreu de 28 de fevereiro a 18 de junho de 2012, onde foram efetuadas dezassete regências realizadas às 2ª, 3ª e 4ª feiras, num grupo de 20 crianças numa sala com a faixa etária dos 3 aos 6 anos.

A PES do 1º Ciclo do Ensino Básico decorreu na Escola Básica de Santa Zita de outubro a fevereiro com dezoito regências, num grupo de 22 crianças.

A prática de Ensino Supervisionada é uma fase crucial na formação de um futuro educador/docente, na prática profissional, servindo de base para que se “construa” um professor reflexivo, empreendedor, investigador e interventivo.

2.2.1 EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (OCEPE, 1997: 17)

A educação pré-escolar é uma etapa na vida das crianças de extrema importância, este é o primeiro passo para que a criança atinja a continuidade no ensino, com a eficiência desejável.

A personalidade destas crianças começa a consolidar-se, as atividades devem assim basear-se nas necessidades e interesses das mesmas.

As crianças em idade pré-escolar, são ávidas de interesses querendo explorar, experimentar, perguntar, aprendendo de forma rápida.

No período de observação, foi permitido a recolha de um vasto leque de informações acerca das crianças, para que houvesse um fio condutor nas aprendizagens destinadas ao grupo.

Ao ser iniciada a intervenção, era relevante que se conseguisse perceber os conhecimentos do grupo. Para tal, ao serem introduzidas novas temáticas/conteúdos, era realizado um levantamento do conhecimento das crianças, desse determinado conteúdo, sendo assim possível verificar as concepções que as crianças possuíam, para que a partir deles fosse estruturada a abordagem ao conteúdo a ser lecionado. As concepções são *perfilhadas pelos indivíduos que, não consistindo em erros fortuitos, não coincidem com as aceites pela comunidade científica mas fazem sentido e são úteis para aqueles que as possuem, na medida em que são adequadas à realização/resolução das suas tarefas de cidadão comum.* (1992,s/p), isto é, são ideias pré-concebidas pelos alunos/indivíduos sobre determinado assunto.

As atividades propostas ao longo da prática de ensino supervisionada foram realizadas com o intuito de que as crianças tivessem contato com novos conceitos científicos, valorizando os conhecimentos do grupo e ultrapassando as dificuldades que iam surgindo. Nas tarefas desenvolvidas era procurado que houvesse interação entre a aprendizagem, o conhecimento e a parte lúdica. Recorrendo a pequenos exemplos do cotidiano permitindo a participação direta das crianças, através das suas vivências.

Desta forma durante a prática de ensino supervisionada, procurou-se a exploração de diversas atividades, utilizando diversos tipos de materiais. Tendo em conta as áreas de conteúdo preconizadas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (1997) nomeadamente a **Área de Expressão e Comunicação**: Domínio das expressões motora, dramática, plástica e musical, Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e Domínio da matemática; e a **Área de Conhecimento do Mundo**.

Segundo as OCEPE (1997: 57),

O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar situações e experiências de aprendizagem e experiências de aprendizagem de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais (...).

Relativamente à **Expressão Dramática**, foi procurado introduzi-la na leitura de histórias, dramatização de pequenas histórias ou contos, na aprendizagem de uma canção para que a criança fosse capaz de expressar as emoções sentidas e que eram descritas nas canções. Foi planificada, nesta área, uma atividade aliada ao domínio da linguagem oral: dramatização de um conto no fantocheiro, enquanto as educadoras liam um pequeno texto intitulado “O vento brincalhão”, as crianças com os fantoches dramatizavam. O contacto com os fantoches *de vários tipos e formas, (...) facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”* (OCEPE, 1997,P.60).

No que concerne à **Expressão Motora**, o grupo usufrui de uma aula semanal, no entanto foram planificadas algumas atividades de expressão motora aliada às diversas áreas nomeadamente na Área do conhecimento do Mundo: por exemplo, no dia em que foi abordado o tema “Energias renováveis”, foi tido em conta a importância do vento para o dia-a-dia, desta forma foram realizados diversos jogos em que a criança teria de ultrapassar obstáculos soprando um balão (Figura 25).

Foram ainda planificadas outras atividades que tinham o intuito de que houvesse um desenvolvimento motor, pois *a exploração de diferentes formas de movimento permite (...) tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações (...)*. (OCEPE, 1997: 58)



Figura 25 - Jogo “Soprando o balão”

No domínio da **Expressão Plástica**, quando era planificada uma atividade era tido em conta o desenvolvimento da motricidade fina pois é uma área que *implica um controlo da motricidade fina que relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos (...)*. (OCEPE, 1997: 61), desta forma foi trabalhado o recorte, a pintura, a colagem, a rasgagem e técnicas como sopro de tintas, modelagem de massa salgada e confeção de folhas de papel reciclado para se *valorizar o processo de exploração e descoberta de diferentes possibilidades e materiais (...)*.(OCEPE, 1997: 61),

De entre as ações mencionadas podem ser salientadas algumas atividades realizadas.

A realização das prendas do dia do pai foi uma das atividades em que o grupo aliou diferentes técnicas de expressão plástica para realizar as prendas por si idealizadas. Estas atividades *são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu*. Desta forma a criança tende a ter *prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado*. (OCEPE, 1997:61).

Ao longo da prática de ensino supervisionada também foi pedido aos alunos o registo de diversas atividades realizadas, registo este, elaborado em desenho, pois *o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo*. (OCEPE, 1997:61), esta prática era uma mais-valia para a avaliação dos conhecimentos que a criança conseguiu absorver e compreender e fazer a sua revisão. Sendo também possível observar as diferentes estratégias utilizadas pelas crianças para realizar o registo, pois *a quantidade e a distribuição de pormenores nos desenhos (...) infantis variam de criança para criança, de acordo com a sua familiarização com aquilo que está a representar e com a técnica do domínio de materiais* (Hohmann, Banet e Weikart, 1995: 237)

Outra das atividades que foi realizada no âmbito da expressão plástica foi a confeção de folhas recicladas, nesta atividade as crianças rasgaram o jornal demolhando-o em água e cola

branca, após todo o jornal molhado e com uma consistência mais mole, foi com as mãos delas triturado de forma a ficar em pasta, as crianças mostraram empenho e entusiasmo por ver o resultado final.

Estas atividades são de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, pois o acesso aos materiais, a liberdade de manipulá-los, transformá-los e combiná-los à sua maneira e o tempo para o fazer (...) (Hohmann, et al., 1995:179). Deste modo foi-lhes proporcionada esta atividade para que pudessem ter contacto com outros materiais e permitindo-lhes tempo para manipularem a matéria-prima que confeccionaram.

No domínio da **Expressão musical**, os alunos usufruíam de uma aula semanal, mas ao serem planificadas algumas atividades para épocas festivas tais como Dia do Pai, Natal, Páscoa, dia da Criança e Dia da Mãe, foram introduzidas diversas canções. Para que a memorização da canção fosse feita de uma forma simples, foi utilizada uma estratégia pelas educadoras estagiárias: primeiramente cantavam sozinhas, de seguida eram cantadas frase a frase de modo a facilitar a sua repetição por parte das crianças, posteriormente era pedido às crianças que cantassem todas juntas, sendo acompanhadas pelas educadoras estagiárias. O método utilizado revelou-se fundamental na medida em que *trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original* (OCEPE, 1997: 64). Desta forma, em diversas canções ensinadas pelas educadoras estagiárias eram indicadas pequenas coreografias, no sentido de tornar a canção mais lúdica e divertida sendo a sua memorização feita de forma mais facilitada.

As atividades de expressão musical permitem à criança desenvolver aprendizagens significativas, tais como, concentração (quando escutavam a música para posteriormente a conseguir repetir), competências linguísticas (ao repetir a letra da canções várias vezes), capacidades cognitivas e sensoriais (quando memorizam e compreendem a canção e reproduzem a coreografia), bem como desenvolver o gosto pela música e pelas diversas atividades musicais.

Ao serem proporcionadas estas atividades a linguagem bem como a linguagem corporal são desenvolvidas. Pois as atividades efetuadas envolviam a maioria das vezes a expressão motora e a dramática. Ao serem observadas estas atividades foi verificado que as crianças interagem de forma interessada e reagem com bastante entusiasmo sendo esta uma área que lhes suscita bastante interesse.

No que concerne ao **Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita**, foram realizadas diversas atividades, desde introduzir as diversas temáticas através do diálogo, recontar histórias através de livros, do PowerPoint, de fantoches, e dramatizações. A linguagem oral foi desenvolvida através dos diversos diálogos e de recontos de histórias. Desta forma a criança vai *dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais correctas e complexas,*

adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação que lhe permitam formas mais elaboradas de representação (OCEP, 1997: 67).

De entre as diversas ações mencionadas é de salientar as seguintes atividades:

Contar uma história em grande grupo, através do PowerPoint, para abordar o dia da mãe. O contar e ouvir histórias deve ser uma atividade desenvolvida desde cedo, tendo um papel fundamental na criação de hábitos de leitura e contacto com os livros e outros meios de leitura, Estas atividades propiciam o desenvolvimento das competências linguísticas dando-lhes desta forma o reconhecimento da importância da leitura como meio de informação e comunicação não deixando de parte o prazer da que a mesma nos dá. A leitura é também uma forma de a criança conhecer o meio que a rodeia, ver certas situações de forma diferente, ser sensibilizada para novos valores.

A atividade em PowerPoint é algo que motiva as crianças suscitando-lhes curiosidade, interesse e entusiasmo. Deste modo, as Tecnologias de Informática e Comunicação (TIC) nos dias que correm, são de extrema importância, podendo desencadear tantas outras atividades.

Segundo as OCEPE (1997: 72), *a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático.*

Nestas atividades a importância de escutar e respeitar a pessoa que está a contar a história, também é fundamental, a criança ao ouvir uma história deve ser capaz de a compreender e saber escutá-la (recorrendo à concentração) sendo esta uma das competências que se pretende desenvolver durante a leitura de uma história.

Talvez mais nenhuma atividade seja tão importante para a emergente literacia da criança do que a leitura (...) (Hohmann, et al. 2003: 546), desta forma a leitura de histórias é um fator determinante para o desenvolvimento da linguagem.

Outra atividade proporcionada às crianças foi o recontar de histórias, nesta atividade as crianças teriam que recontar a história ouvida. O diálogo é fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral, este *depende do interesse em comunicar*, baseando-se assim, *na exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir as relações.* (OCEPE, 1997: 67)

Neste tipo de atividades a maioria das crianças ficam reticentes, não querendo recontar a história muitas vezes por vergonha de se expor perante os colegas, outras por dificuldade de se expressar. Havendo sempre uma ou outra que mostra um grande interesse em participar ativamente na atividade, Contudo, *as crianças de idade pré-escolar estão muito motivadas para comunicar com os outros através da conversação* (Hohmann, et al. 2003: 513).

No **Domínio da Matemática**, foram realizadas algumas atividades onde foram desenvolvidas a noção de número e a formação de conjuntos. Foram também realizadas atividades onde o jogo foi o principal meio para ser trabalhada a matemática. Para estas atividades poderem ser incrementadas foram explorados diversos materiais, alguns deles disponíveis em sala de aula, outros disponibilizados pelas educadoras estagiárias, pois *a diversidade de materiais para desenvolver as noções matemáticas através de diferentes meios e processos, constitui um estímulo para a aprendizagem da matemática* (OCEPE, 1997: 76).

Este tipo de materiais como jogos de imagens para memorização, contagem de pontos e associação de imagens são importantes para as crianças no que concerne à manipulação e exploração das propriedades dos diversos materiais que os jogos proporcionam, e as relações que assentam nas aprendizagens matemáticas. Assim, *a utilização de diferentes materiais dá à criança oportunidades para resolver problemas lógicos, quantitativos e espaciais* (OCEPE, 1997: 75).

Das ações mencionadas acima é de salientar as seguintes atividades:

Na formação de conjuntos, foram utilizadas com os alunos de 5 e 6 anos, tampas de garrafas, com elas e com lã, foi pedido aos alunos que fizessem vários conjuntos, onde foi trabalhado a noção de número.

A educadora estagiária bem como a educadora titular do grupo, colocaram diversas questões como por exemplo: quantas tampas faltam neste conjunto para que todos tenham x tampas?, se este conjunto tem mais tampas que este, como podemos distribuir as tampas de forma a ficarem os dois conjuntos com o mesmo número de tampas?, qual é o conjunto maior?, quantas tampas faltam para ficar igual aos outros conjuntos?, entre outras questões. Desta forma a criança consegue compreender a noção de número de uma forma mais fácil, pois *cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas*. (OCEPE; 1997:73)

Outra das atividades desenvolvidas foi a realização de jogos matemáticos, este género de atividades permite às crianças explorar outros meios de aprendizagem de noções matemáticas, os jogos explorados não foram única e simplesmente para jogar, foram também tidos em conta a forma das peças, a cor das peças e a contagem das peças, pois a contagem é um conhecimento que está presente em inúmeras situações no dia-a-dia, devendo ser explorada desde cedo. Assim, *todos estes jogos são um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens matemáticas, como por exemplo: comparação e nomeação de tamanhos e formas, designação de formas geométricas (...) e, ainda, comparação entre formas geométricas puras e objectos da vida corrente*. (OCEPE, 1997: 75).

Quando este género de atividades são realizadas o entusiasmo por parte das crianças é notório, embora tenham oportunidades de explorar os jogos nos tempos livres, muitas crianças não optam por essa via, escolhendo sempre a área da casinha, dos computadores e do desenho, desta

forma, todas as crianças estão envolvidas na atividade permanecendo inteiramente em ação com os restantes colegas.

Esta foi uma atividade bem delineada, tendo corrido como planejado, onde as crianças exploraram diversos jogos com diferentes dinamismos e diferentes objetivos. Desta forma, estas atividades permitem, que *através de experiências de contagem, combinação, agrupamento e comparação, as crianças em idade pré-escolar começam a formar a compreensão do número;* (Hohmann, et al, 1995:283)

No que concerne à área do **Conhecimento do Mundo**, foram realizadas diversas atividades onde foram exploradas as diversas características do meio que nos envolve e do meio ambiente, sendo realizados também alguns jogos e algumas experiências, sendo elas concretizadas no interior e no exterior da instituição,

A sensibilização às ciências parte dos interesses da criança que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais (OCEPE; 1997: 82), deste modo as educadoras estagiárias estimularam as crianças para que expressassem as suas curiosidades e desejos.

De entre as tarefas planificadas é de salientar as seguintes:

O interesse mútuo das crianças pela construção de um papagaio, foi demonstrado por diversas vezes, deste modo, foi uma das atividades planificadas. Como o tempo para construir um papagaio era extenso, foi concretizado um papagaio de mão, isto é, um papagaio que se coloca na mão e quando a criança corre o papagaio voa. Esta foi uma tarefa realizada com ânimo, pois as crianças estavam entusiasmadas por construírem o seu próprio papagaio, explorando os diversos recursos utilizados.

Outra atividade proposta foi a construção de um forno solar para aquecimento de água, nesta tarefa foram utilizadas diversas garrafas de água, metade das garrafas foram pintadas de branco e as restantes de preto, a caixa para o forno solar também foi pintada de preto, desta forma foi aliada a expressão plástica ao conhecimento do Mundo, conseguindo-se *potencializar a INTERDISCIPLINARIDADE. Isto de fato pode ocorrer, pois o trabalho com projetos permite romper com as fronteiras disciplinares, favorecendo o estabelecimento de elos entre as diferentes áreas de conhecimento numa situação contextualizada da aprendizagem.*” (Prado, M, s.d: 8), com uma das garrafas grandes, a caixa e a película aderente, foi construído o forno solar (figuras 26 e 27), as restantes garrafas foram cheias com água sendo colocadas pelas crianças em pontos estratégicos no jardim da instituição, sendo umas colocadas ao sol bem como o forno solar, e outras à sombra.



Figura 26 e 27 - Construção do forno solar e Colocação das garrafas no jardim

Após algum tempo de espera, foi verificado pelas diversas crianças que a água das garrafas pintadas de branco não sofreu uma intensa alteração no que se refere ao seu aquecimento, enquanto que nas garrafas pretas a alteração de temperatura foi muito mais intensa, demonstrando a atenção e curiosidade das crianças, pois *a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender o porquê*. Deste modo, depois de algumas questões colocadas às crianças foi a vez de elas colocarem as suas questões, muitas delas resultantes das suas dúvidas *outras por pura curiosidade, esta é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo* (OCEPE, 1997: 79).

As atividades práticas são fundamentais para uma melhor aprendizagem dos conteúdos a serem lecionados, assim, o professor deve *garantir que o seu funcionamento é adequado ao desenvolvimento das estratégias que considera necessárias para a aprendizagem (...)* (Arends, 2000:109).

O festejo do dia da criança foi uma ótima oportunidade para serem realizadas diversas experiências, sendo estas simples de serem realizadas.

Uma das experiências e sem dúvida a que as crianças gostaram mais, foi a da combustão do ar que consistia em colocar uma vela acesa num prato com água e por fim tapar a vela com um copo, a reação das crianças foi de extrema admiração não compreendendo o porquê da subida da água. Após as experiências, as crianças foram questionadas sobre os resultados obtidos. Todas estas experiências foram realizadas no jardim da escola, *o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo* (OCEPE, 1997:39).

Com as atividades e experiências realizadas, pretende-se não apenas que as crianças aprendam e assimilem os conteúdos e ao serem questionadas respondam corretamente, mas sim que desenvolvam capacidades que lhes permitam compreender o meio que as envolve, refletir face a experiências pessoais e concretas, a construção de ideias estabelecendo ligação com as ideias já pré-estabelecidas. Foi com esse intuito que foram realizadas diversas experiências, com diferentes níveis de dificuldade de compreensão e explicação por parte das crianças, pois *muitas vezes é evitada a exploração de conceitos considerados demasiados complexos para as crianças em idade*

pré-escolar, com base na sua abstração e conseqüente dificuldade em serem por elas explorados e compreendidos (Martins *et al*, 2009:15). Mesmo sendo previsível a dificuldade em referirem o que poderia acontecer e o porque de tal acontecer, as experiências foram realizadas para poder ser observado a forma como reagiam perante a questão problema e como obteriam uma resposta plausível para eles.

Em anexo encontram-se algumas planificações das aulas descritas e lecionadas.

2.2.2 EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

No 1º Ciclo do Ensino Básico não se pretende única e simplesmente que os alunos adquiram conhecimentos, é fundamental promover a compreensão dos mesmos de forma a tornarem-se úteis tanto na vida escolar como na vida pessoal. Valorizando as diferentes dimensões do saber, a escola é um meio de extrema importância, onde os alunos se desenvolvem como cidadãos ativos, intervenientes, autónomos, solidários e livres na sociedade em que estão inseridos.

Assim, as professoras estagiárias esforçaram-se para que as atividades planificadas ao longo da prática de ensino supervisionada, fossem de carácter lúdico e dinâmico, para que desta forma os alunos construíssem competências específicas que contribuíssem para o seu sucesso escolar.

Tendo em conta as áreas de conteúdo definidas na Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (2006), nomeadamente, a **Área de Expressão e Educação**: musical, físico-motora, plástica e dramática; **Área do Estudo do Meio**, a **Área de Língua Portuguesa** e a **Área de Matemática**.

No que concerne à **Área de expressão musical** foi uma das áreas que não contemplava o horário das docentes estagiárias, mas mesmo assim foi dada a oportunidade de ser realizada uma atividade (apêndice 1) que consistia no ensaio musical para a festa de Natal. Esta atividade foi desenvolvida ao longo de três semanas, inicialmente foi ouvida a música, de seguida e por interesse das crianças cantaram uma a uma com o apoio dos colegas no refrão. No segundo dia de ensaios cantaram todos juntos, repetindo a música diversas vezes. Nos restantes e últimos dias foram feitos os ensaios da música com coreografia. Sendo esta muito simples, para que os alunos conseguissem acompanhar a música juntamente com a coreografia. Esta foi a única atividade realizada pois o espaço de tempo que restava das restantes áreas não era o suficiente para desenvolver novas atividades e não constava no horário da prática de ensino supervisionada.

Ao ser realizada a atividade foi tida em conta a opinião dos alunos na escolha dos gestos para a música, desta forma pretende-se que *a criança seja capaz, por si só e em grupo, de desenvolver projetos próprios* (Ministério da educação, 2004:72) sempre com o apoio do professor nas escolhas dos meios a serem utilizados. Encontram-se em apêndice as planificações das aulas descritas.

No que concerne à **Expressão físico-motora** foram desenvolvidas algumas atividades para desenvolver a motricidade fina e grossa, bem como o equilíbrio e a correção de alguns movimentos.

A primeira atividade realizada (apêndice 2) consistia em utilizar, arcos e cordas em ações motoras básicas: correr, andar ao pé-coxinho e saltar a pés juntos. Desta forma foram colocados arcos estrategicamente posicionados, sendo colocada uma corda no final do percurso para delimitar o final da corrida. Após um breve aquecimento onde as crianças correram, foram formados dois grupos, estes ficaram atrás dos arcos e cada aluno das duas filas de arcos, fazendo assim uma corrida, primeiro saltando os arcos, de seguida saltando ao pé-coxinho e por fim saltando com os pés juntos, para dificultar a tarefa foi pedido aos alunos que tocassem no chão ao chegarem à meta e corresse até ao próximo colega tocando-lhe na mão só assim os colegas da sua equipa poderiam iniciar a sua corrida.

Na segunda atividade foi utilizada a bola ou arcos ou cordas em ações motoras básicas: lançar e receber. Após um pequeno aquecimento com uma corrida, os alunos foram organizados em duas equipas/grupos, no final do percurso foi colocada uma corda para delimitar a meta. Esta atividade consistia em os alunos frente a frente, aprenderem a receber corretamente a bola, a lançar corretamente a bola para cima, passe picado e lançar a bola só com uma mão. O último exercício foi em grande grupo onde os alunos treinaram os diversos passes aprendidos dizendo o nome do colega a quem passavam a bola.

Estas duas atividades foram realizadas pelos alunos com bastante interesse e ânimo, pois é uma forma de os alunos exteriorizarem as energias acumuladas em sala de aula, não esquecendo que o facto de fazerem atividades físico-motoras lhes provoca entusiasmo e motivação. Esta é uma área crucial no desenvolvimento de qualquer criança. Pois *a actividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstrações e operações cognitivas (...)* (Ministério da Educação, 2004: 35). Encontram-se em apêndice as planificações das aulas descritas.

No que respeita à **área da Expressão plástica**, muitas foram as atividades desenvolvidas ao longo da prática de ensino supervisionada, sendo os principais objetivos destas atividades o desenvolvimento da expressividade por parte do aluno, o desenvolvimento da criatividade, manipulação de diversos materiais, formas e cores, pois desta forma permite que, *a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.* (Ministerio da educação; 2006, 89)

De entre as atividades lecionadas são de salientar as seguintes:

A elaboração de enfeites de natal (apêndice 3) para a sala foi uma das atividades proposta pelas docentes estagiárias para uma das aulas de expressão plástica, foi uma aula bastante animada

onde foi utilizada a técnica de origami (figura 28) para serem feitas estrelas, que no final seriam colocadas num pinheiro previamente feito e colocado no placard.



Figura 28 - Árvore de natal enfeitada com estrelas em origami

A exploração de uma nova técnica é importante no que concerne ao desenvolvimento da criatividade e interesse por parte dos alunos, esta é uma forma de as atividades se tornarem bastante mais atrativas para as crianças.

Outra das atividades realizadas aproveitando a festividade do carnaval, foi o preenchimento de um palhaço com a técnica de linha e ponto. Nesta atividade os alunos mostraram interesse e empenho realizando a tarefa com êxito. Esta foi também uma técnica nova que eles exploraram.

Foi ainda realizada uma atividade que consistia em os alunos pintarem um desenho livre explorando a ponta do dedo. Esta técnica é uma forma de a criança explorar o corpo, percebendo assim que não é só viável desenhar com lápis, canetas de cor e pincéis, podendo ser exploradas algumas partes do corpo, tais como, dedos, mão e pés.

Aliar a expressão musical à expressão plástica é de extrema importância quando falamos em reciclar e construir a partir dos materiais recicláveis instrumentos musicais, com esse intuito foi pedido aos alunos que trouxessem um pacote de iogurte de beber, e diferentes tipos de massa. Estes materiais serviram assim para cada aluno construir a sua maraca. Um instrumento bastante simples de construir com uma boa amplitude sonora.

Deste modo a *exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies* (Ministério da Educação, 2004: 89). Encontram-se em apêndice as planificações das aulas descritas.

No que concerne à área de **Expressão dramática**, foram poucas as atividades realizadas nesta área, devido ao pouco tempo que havia para conseguir realizá-las, embora esta seja uma área de extrema importância da criança no seu desenvolvimento enquanto pessoa, enquanto cooperador de um trabalho em grupo e de autonomia, a falta de tempo não permitiu explorá-la ao máximo.

A primeira atividade consistiu numa pequena dramatização, que falava sobre a aventura de quatro amigos em um museu. Para iniciar a atividade o texto foi lido uma primeira vez, de seguida a docente estagiária escolheu aleatoriamente alguns alunos para lerem o texto e seguidamente ensaiaram e representaram em frente aos restantes colegas. O texto deveria ser estudado anteriormente pelos alunos, mas não houve essa oportunidade. Todos os alunos mostraram interesse em participar na dramatização, mas não houve tempo suficiente para que todos os alunos participassem na mesma.

A segunda atividade consistia num pequeno jogo, bastante simples onde foram testadas a capacidade de concentração, de contagem, e rapidez.

O jogo consistia em a professora estagiária bater palmas, os alunos deveriam estar atentos ao número de palmas dadas para assim criarem grupos consoante o número de palmas que a docente batia. O aluno que ficasse de fora, saíria do jogo. Foi um jogo bastante animado, as crianças mostraram a sua capacidade de atenção e rapidez.

Outra das atividades (apêndice 4) consistiu em aproveitar os conteúdos lecionados a matemática, Unidades monetárias, desta forma foi montada uma pequena banca com algumas caixas e pacotes vazios de alimentos e outros produtos, sendo assim uma mercearia, o nosso cenário. De seguida a professora estagiária ia escolhendo os alunos que fariam entre si uma pequena dramatização, aliando a matemática à dramatização. Pois os alunos teriam de fazer contas para fazer os trocos das compras efetuadas pelos seus clientes (colegas). Encontram-se em apêndice (4) as planificações das aulas descritas.

A Expressão dramática é uma área de extrema importância pois a exploração de situações imaginárias dão à criança a oportunidade de *que se reconheça melhor e entenda melhor o outro*. Desta forma os jogos dramáticos permitem *que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo- unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção*. (Ministério da educação, 2004: 77)

A área de **Estudo do Meio** *enraiza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê* (OCEPE; 1997:79). Curiosidade que é fomentada e alargada em ocasiões de exploração e descoberta do mundo que os rodeia.

No que se refere à área de Estudo do Meio, foram abordadas diversas temáticas tendo em conta a Organização Curricular e Programas - 1.º Ciclo do Ensino Básico nomeadamente: à descoberta de inter-relações entre espaços, à descoberta dos materiais e objetos, à descoberta dos outros e das instituições, à descoberta do ambiente natural.

No que diz respeito ao bloco: **À descoberta de inter-relações** abordámos os conteúdos, os seus itinerários, localização no espaço e normas de segurança. O primeiro conteúdo (apêndice 5) foi introduzido com uma pequena conversa acerca dos itinerários, pois *ao ensinar é imprescindível*

comunicar, (...) é pela comunicação que se transmitem os assuntos (...) (Afonso, A. Et al, 2009: 38).

Deste modo foi colocada a seguinte questão: o que são itinerários?, depois de todas as crianças terem dado a sua resposta, foi então explicado de forma correta o que seriam os itinerários, de seguida questionou-se cada uma das crianças/alunos o itinerário que realizam quando vão para a escola, e quando saem da escola e vão para casa, por que locais passam, e em que serviços passam. De seguida fizeram-se em conjunto alguns itinerários, estes foram feitos numa cartolina onde foram delineados quadrados e onde eram colocadas algumas imagens (hospital, casa, mercearia, escola e jardim). (Figura 29)

Contando uma pequena história a professora estagiária colocava as imagens dos estabelecimentos e as crianças teriam que representar o itinerário percorrido pelas personagens apresentadas pela docente, foi uma atividade bastante interessante em que os alunos participaram ativamente, onde falaram dos seus itinerários do dia-a-dia, e queriam todos participar na atividade. Para terminar foi realizada uma pequena ficha acerca do conteúdo lecionado. Encontram-se em apêndice as planificações das aulas descritas.

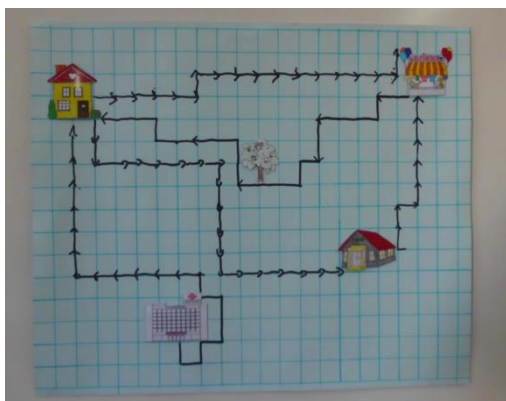


Figura 29 - Itinerários delineados pelos alunos

No bloco: **À descoberta dos materiais e objetos**, foram realizadas diversas experiências abordando o seguinte conteúdo: o ar, explorando as diferentes propriedades do ar, como é composto, se ocupa espaço, se pesa e porque é importante para a vida animal.

Numa das experiências o conteúdo a ser estudado era: “O ar tem peso?”. Antes de ser iniciada a atividade foi lançada a pergunta à turma, as opiniões foram diversas, uns diziam que tinha, mas a maioria dizia que não, para as dúvidas serem esclarecidas foi realizada a experiência passo a passo.

Para se realizar a experiência foi necessário dois balões, dois clips, e um cabide.

A atividade foi iniciada, enchendo dois balões de igual forma; de seguida foram presos com os clips os dois balões ao cabide; sendo verificado se o peso dos balões era igual, por fim e em busca da resposta pretendida foi rebentado um dos balões verificando assim o que se sucedeu.

Apos realização da experiência pode então verificar-se que o ar tem peso, inicialmente os balões estavam, equilibrados fazendo com que o cabide se mantivesse direito, ao ser rebentado um dos balões pode confirmar-se que o ar tinha peso devido ao cabide ter pendido para um dos lados.

As crianças adoram experiências e o entusiasmo é notório, na realização da experiência a docente estagiária teve dois “assistentes”, duas crianças que se voluntariaram para a auxiliar, é uma forma de eles se sentirem bem e em próximas atividades mostrarem disponibilidade e à-vontade para realizá-las em frente a todos os colegas.

No final da experiência os alunos responderam às questões do manual, onde estava a experiência descrita, sendo feita de seguida a sua correção.

A ciência constitui, actualmente, para além de um contexto privilegiado de socialização, um espaço formal de desenvolvimento onde a criança pode interagir com situações e vivências do seu quotidiano, facilitadores de aprendizagens no domínio das ciências (Martins, 2009:5), desta forma é fundamental que o docente enquanto guia/orientador tenha consciência que as atividades práticas são essenciais para as crianças, promovendo também a literacia científica do mesmo.

Outra das atividades realizada neste bloco foi a realização de outras experiências dando continuação ao estudo do mesmo conteúdo.

Desta forma a aula iniciou-se com uma pequena revisão sobre a importância do ar e a sua composição realizando pequenas experiências às quais tinham que responder a uma questão que o manual de estudo do meio colocava que era a seguinte “o ar tem oxigénio?”, para se conseguir responder a esta questão foi realizada a experiência em que seria necessário: um copo, água, uma vela, um prato e fósforos.

Na realização da experiência (figura 30 e 31) registou-se no quadro o material que era necessário, de seguida escreveu-se os procedimentos da experiência e foi colocada uma questão, os alunos tinham que dizer o que pensavam que iria acontecer quando realizassem a experiência.



Figura 30 e 31- Realização da experiência “ Combustão do ar”

Ao ser colocada a questão aos alunos do que pensavam acerca de um determinado assunto/conteúdo está a falar-se em concepções alternativas, estas *são concepções perfilhadas pelos indivíduos que, não consistindo em erros fortuitos, não coincidem com as aceites pela comunidade científica mas fazem sentido e são úteis para aqueles que as possuem, na medida em que são adequadas à realização/resolução das suas tarefas de cidadão comum.* (s/a, s/d, s/p), isto é, são ideias pré-concebidas pelos alunos/indivíduos sobre determinado assunto.

Após alguns alunos responderem à pergunta, obtiveram-se respostas bastante engraçadas como por exemplo: - *A vela já não respira*; - *O ar foge*; entre outras. Assim foi dado início à realização da experiência, começando por se encher o prato com água, colocando de seguida a vela no centro do prato, acendendo-se a vela por fim coloca-se o copo por cima da vela de modo a tapala.

No final da experiência pode verificar-se que a vela mantém-se acesa enquanto existe oxigénio, sendo este gasto pela combustão da vela. O entusiasmo dos alunos foi imenso, pedindo para ser repetida a experiência.

Rómulo de Carvalho afirma que *os primeiros anos da nossa vida são riquíssimos em experiências, entrámos num mundo do qual nada conhecemos e, como seres inteligentes, temos necessidade de descobrir o que se passa nesse mundo, como se passa e, até, porque se passa* (2004: 40), desta forma é importante que as crianças tenham contato com experiências em sala de aula para que assim consigam perceber o meio que as envolve e como as envolve. Encontram-se em apêndice as planificações das aulas descritas.

No bloco: **À descoberta dos outros e das instituições** foram trabalhados os seguintes conteúdos: a vida em sociedade, modos de vida de membros da comunidade.

Foi dado início à aula introduzindo o conteúdo com um diálogo com os alunos desta forma os alunos desenvolvem a sua oralidade, é relevante e é de extrema importância pois, deste modo, *quando as crianças comunicam os seus pensamentos através da linguagem e escutam as ideias e comentários umas das outras, é que aprendem que o seu modo pessoal de falar é eficaz respeitado pelo outro* (Hohmann, et al, 1997:197). A conversa que envolveu a docente e os alunos durante a aula, foi acerca da forma como nos devemos comportar em sociedade, sendo esta iniciada com a seguinte pergunta: *comportamo-nos da mesma forma em todos os locais?*, obteve-se resposta imediata, os alunos responderam seguramente que os nossos comportamentos alteram-se perante as pessoas e até os locais que se frequentam.

No quadro enquanto houve diálogo foram sintetizadas as ideias dadas pelos alunos, dando-se ênfase aos comportamentos na escola, seguindo-se para a família/casa e na sociedade (bancos, cafés, entre outros).

Os alunos interagiram positivamente dando diversas ideias.

No bloco: **À descoberta do ambiente natural - os seres vivos**, os conteúdos lecionados foram o meio em que os seres vivos estão inseridos. Desta forma a aula foi iniciada abordando os três principais ambientes, o ar, a terra e a água. Foi uma aula entusiasta, pois os alunos queriam participar e contar experiências vividas com animais.

Após algum diálogo entre professora e alunos foi explicitado no quadro os diferentes ambientes sendo pedido exemplos às crianças, para que assim a aula fosse mais dinâmica. Assim, *utilizar processos simples de conhecimento da realidade envolvente como observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar e verificar* (Ministério da Educação, 2006:146) são aspetos fundamentais para que as crianças conquistem atitudes de pesquisa.

Na **Área de Língua Portuguesa**, foi tido em conta os domínios definidos na *Organização Curricular e Programas – 1.º Ciclo do Ensino Básico*, sendo eles a *Comunicação oral e a Comunicação escrita*.

Ao desenvolverem-se atividades nesta área possibilita-se as *trocas linguísticas que se estabelecem numa partilha permanente da fala entre as crianças e entre a criança e os adultos*, bem como, *múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura*, dando desta forma a *possibilidade de escrever, encontrar com eles os sentidos implícitos nas suas tentativas de escrita* (Ministério da Educação, 2006: 146). Assim, foram planificadas diversas atividades como, contar e recontar histórias, diálogos acerca de diversos temas a serem estudados, realização de fichas de trabalho, recitar quadras, elaboração de pequenos textos entre outras.

De entre as ações mencionadas é de salientar as seguintes atividades:

Leitura de um texto intitulado “Sopa de letras” retirado do Livro “Sopa de letras” do Autor João Manuel Ribeiro. Os alunos inicialmente fizeram uma leitura silenciosa seguindo-se a leitura em voz alta, esta feita por algumas crianças escolhidas aleatoriamente.

Quando se finalizou a leitura foi realizada a sua interpretação com algumas questões acerca do texto lido tais como: “Quem é o autor do texto?”, “Do que nos fala o texto?”, “Para quem acham que o texto é direcionado?”, “Qual é a importância do alfabeto nas nossas vidas?”.

Para finalizar a aula foi elaborada uma ficha sobre o texto, sendo esta corrigida no quadro pelos alunos. Este texto foi estudado pelos alunos em casa para que no dia seguinte o pudessem recitar ao seu autor. Este faria uma visita à escola para apresentar alguns livros da sua autoria, desta forma, cada criança ficou responsável por decorar uma quadra para que fosse feita uma pequena surpresa ao autor do texto. Esta foi melhorada com as letras do alfabeto em ponto grande para que as pessoas conseguissem perceber que letra era cada criança. Foi uma atividade que deixou o autor sensibilizado e contente com a iniciativa das crianças. Assim, *quando narra*,

informa, esclarece, pergunta, responde, convence, o aluno inicia-se nas regras de comunicação oral, enquanto descobre o prazer de comunicar com os outros (Ministério da Educação, 2006: 139)

A festividade de S. Martinho (apêndice 6), deu mote para a leitura de um texto intitulado “A lenda de S. Martinho” (anexo 1), esta foi feita primeiro em silêncio e de seguida em voz alta, sendo acompanhada com imagens (anexo 2).

De seguida foram colocadas algumas questões oralmente para interpretação e exploração do texto e da respetiva festividade que estava a ser celebrada neste dia. A aula prosseguiu com um exercício onde os alunos teriam de recontar a história que tinham ouvido em voz alta, finalizando com um exercício onde teriam que recontar a história por palavras deles segundo as imagens que tinham.

Foi sem dúvida um exercício interessante pois mesmo depois de ter sido recontada em voz alta, alguns alunos escreveram versões bastante originais e engraçadas, mas sempre sem esquecerem da moral da história.

Este género de exercícios são importantes para o desenvolvimento da escrita do aluno e aumento de vocabulário, é desta forma que o aluno também desenvolve a sua criatividade, a sua capacidade de concentração e a sua memória pois tem que ser capaz de estar concentrado ao ouvir e ler a história e deve ser capaz de a memorizar para assim conseguir descrevê-la mesmo que com um pouco de imaginação pelo meio.

Desde muito cedo é fundamental ter o cuidado de ensinar à criança e mostrar-lhe que existem diversas palavras que podem ser iguais na grafia, mas com significados diferentes, palavras com grafias diferentes, mas que se pronunciam da mesma forma, homógrafas, e palavras que têm a mesma grafia mas que tenham significados diferentes sendo estas palavras homónimas. Desta forma a atividade proposta foi o estudo de vocábulos.

Assim, fez-se a leitura de um pequeno texto onde foram estudados os vocábulos çã, ce, ci, ço, çu.

Após a leitura, foi pedido aos alunos que indicassem todas as palavras onde existissem esses vocábulos, palavras estas, do texto, sendo as mesmas registadas no quadro. Feito o registo foi pedido aos alunos outras palavras com os mesmos vocábulos, muitas foram as palavras que eles disseram e não fizeram confusão com outros vocábulos que possam ser escritos de forma diferente, mas que tenham o mesmo som, sendo estas palavras homófonas. Por fim e para finalizar a aula, foi feito o exercício ortográfica do texto estudado.

(...)Para aprender a escrever e a ler é preciso não só escrever e ler muito, mas principalmente é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer e de reforço da autoconfiança (Ministério da educação, 2006:146), deste modo é importante que se façam estes exercícios ortográficos, assim como cópias, para que as crianças desenvolvam além do gosto pela leitura, desenvolvam a própria escrita melhorando os erros e a caligrafia.

Os testes intermédios a realizar pelos alunos do 2º ano do 1º ciclo do ensino básico visam um diagnóstico precoce das dificuldades de aprendizagem, que permita uma intervenção pedagógica e didática mais eficaz. (GAVE- Ministério da Educação,2012), assim uma das aulas de português foi aproveitada para, realizar um teste modelo que acompanha o manual do aluno.

Antes de ser iniciado o teste, foi explicado aos alunos o que era pretendido, de seguida foi colocado o cd para se iniciar a parte áudio.

Foi notório o entusiasmo que este tipo de exercício causou nas crianças, visto nunca terem feito algo do género antes.

Após a parte áudio efetuada, os alunos continuaram a realizar o teste em silêncio.

No que concerne a **Àrea da Matemática** foi tido em conta os blocos definidos na Organização curricular e programas- 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo estes, *números e operações, números naturais, sistema de numeração decimal e figuras no plano e sólidos geométricos.*

No **bloco números e operações**, as sequências (apêndice 7) foi um dos temas a lecionar, desta forma a aula iniciou-se questionando as crianças se já tinham ouvido falar de sequências e se sabiam o que era, embora já tivessem uma noção do que era, não sabiam a verdadeira definição. Após a explicação e a definição do que seriam sequências e o que eram regularidades, foram feitos alguns exercícios em grupo com algumas cartolinas com variadas formas, estas eram colocadas com uma determinada composição de forma a que as crianças dissessem se essa composição de cartolinas seria ou não sequência e se fosse qual era a sua regularidade. Por fim e para terminar a aula, os alunos realizaram uma pequena ficha de trabalho do manual.

No **bloco números naturais**, contagem progressiva e regressiva foi o conteúdo lecionado durante a prática de ensino supervisionada.

Estes conteúdos foram lecionados em diversas aulas, com o intuito de as crianças conseguirem contar progressivamente de x em x números, por exemplo, 10, 20, 30, 40 e da mesma forma fazer contagens regressivas, isto é ser capaz de contar de x em x números, mas diminuindo por exemplo, 500, 450, 400, 350 e assim sucessivamente.

Sendo desta forma dado o 100, o 200, o 300 chegando assim até ao mil. Após cada aula e cada número aprendido, os alunos realizavam fichas de trabalho e exercícios passados no quadro.

A novidade, o agradável, o belo e qualquer outra característica que a informação contenha para atrair e prender os nossos sentidos são indispensáveis e extremamente importantes para despertar, manter e aumentar a nossa curiosidade a nossa absorção, tornando-nos e mantendo-nos motivados. (Afonso, A; 2009: 43) Desta forma quando eram efetuadas contagens de 10 em 10 e de 100 em 100, a professora estagiária tinha como apoio o MAB (Material

multibásico), colocando diversas questões aos alunos sobre o valor de uma peça, de uma barra e de um quadrado. Assim, os alunos eram motivados para a aprendizagem facilitada dos novos números.

A utilização deste tipo de materiais é importante no que se refere à facilidade da aprendizagem de alguns conteúdos como refere o Programa de Matemática do Ensino Básico, *Os materiais manipuláveis (estruturados e não estruturados) devem ser utilizados nas situações de aprendizagem em que o seu uso seja facilitador da compreensão dos conceitos e das ideias matemáticas.* (2011:14).

No que concerne ao **bloco figuras no plano e sólidos geométricos** foi tido em conta a aprendizagem das figuras no plano. Deste modo foi feita a introdução do tema com a aprendizagem da manipulação do Geoplano, assim, a docente estagiária começou por explicar o que era este pequeno instrumento, para que servia e como podemos utilizá-lo.

De seguida foi pedido aos alunos para construírem algumas figuras no Geoplano, dando algumas instruções, não sendo uma construção de figuras opcionais.

De início, foi apresentada alguma dificuldade por parte de alguns alunos mas com o apoio individual da docente, foram percebendo o que lhes era pedido e o que era pretendido. Após estes exercícios foi realizada uma ficha do manual e a sua correção.

Neste bloco foi ainda estudado as simetrias, este foi iniciado com uma simples definição dada pela docente de forma a os alunos entenderem rapidamente. Assim e depois de a aula ser lecionada e serem realizados diversos exercícios, a docente aliou a expressão plástica à aula de matemática. Por conseguinte foi solicitado aos alunos que desenhassem numa folha branca metade de um objeto ao seu gosto tendo este um eixo de simetria, de seguida teriam que dobrar a folha nesse mesmo eixo de simetria com o desenho voltado para cima e por fim recortar esse mesmo desenho. Depois de desdobrado o desenho feito pelas crianças, verificou-se que tinham realizado uma simetria.

2.3 REFLEXÃO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA DO PRÉ-ESCOLAR E 1.º CEB

Em anexo encontram-se algumas planificações de aulas descritas e lecionadas.

È de extrema importância refletir sobre os comportamentos sejam, eles de observação sejam eles de intervenção enquanto futura educadora/professora, sendo desta forma que se cresce pessoal e profissionalmente.

Assim aprender a ensinar é um processo que dura toda a vida e os professores competentes forjam-se numa atitude de disponibilidade contínua de aprendizagem, conjuntamente com uma análise e reflexão cuidadosas. (Arends, 1999:27)

No que concerne ao relacionamento estabelecido com as instituições e meios escolares foi inicialmente de alguma inibição, tendo sempre uma postura adequada quer com órgãos superiores

quer com funcionários. A maior inibição foi o saber lidar com tudo o que envolve os meios escolares, educadoras/professoras, funcionárias e auxiliares, bem como as crianças e os membros que envolvem o ambiente educativo.

Cada ambiente educativo, mesmo tendo alguns pontos em comum, tem as suas características e especificidades desta forma é importante que haja uma adaptação ao meio educativo/instituição onde se estagia.

Para que fosse possível a retenção de alguma informação acerca da instituição, da sala onde se iria estagiar e das próprias crianças, houve uma semana antecedente às regências, para observação. Foi por vezes complicado selecionar a informação essencial e o que seria verdadeiramente pertinente para que fosse possível uma adaptação facilitada quer por parte das professoras estagiárias e professora titular de turma bem como para as crianças. Sendo muitas as situações a acontecer ao mesmo tempo é *difícil observar objetivamente o que se passa na sala porque os acontecimentos sucedem-se com rapidez, e o ambiente é complexo* (Arends, 1999:536)

Assim a inibição foi sendo deixada de lado com o apoio da educadora/professora orientadora como a educadora/professora cooperante, não tendo o tempo de prática de ensino supervisionada suficiente para se aprender tudo o que havia a ser aprendido.

Nas duas práticas de ensino supervisionadas, foi tido em conta a implementação de atividades que proporcionassem às crianças igualdade de oportunidade, sendo utilizadas metodologias dinâmicas sempre que possível e diversificação de materiais de apoio, tendo em conta o desenvolvimento da criança a nível educativo, pessoal, cultural e social.

Nas regências efetuadas, saber-se-ia à partida que não correria tudo bem, poderia haver falhas, como obviamente houve e é nestas situações que se sente realmente que não se está totalmente preparada para estar à frente de um grupo de crianças quer do pré-escolar quer do 1.º ciclo. Assim só há uma forma de se atingir os objetivos pretendidos, continuar e aperfeiçoar, para que consigamos alcançar as metas. É importante que se consiga transmitir a mensagem a todas as crianças e é gratificante quando olhamos para elas e conseguimos perceber que elas entenderam a mensagem e dá-nos alento para continuar.

Para que a criança compreenda é *necessário saber se os conteúdos programáticos estão bem definidos ao público a que se destinam, tomando em consideração as características deste, isto é, o seu desenvolvimento cognitivo, em termos de capacidades e requisitos, e o seu desenvolvimento afectivo, ou seja, os seus interesses, motivações e atitudes perante tais conteúdos.* (Afonso, A. et al, 2009:37)

Ainda existe um longo percurso de trabalho e aprendizagens a percorrer, esta experiência foi uma pequena amostra do longo caminho a calcorrear pela vida fora enquanto professora/educadora, contudo são estas ínfimas experiências que nos fazem crescer como pessoa nesta profissão.

CAPÍTULO III – ENSINO DOMÉSTICO

O Ensino Doméstico

O título escolhido- *O Ensino doméstico* - pretende apresentar novas alternativas à modalidade do ensino tradicional. No momento em que poucos são os que conhecem esta modalidade de ensino e não querendo mas aceitando o ensino institucionalizado, é importante que pais e educadores tenham contato com novas formas de ensino, podendo contribuir para uma maior qualidade do processo de ensino e aprendizagem de diversas crianças que por diversas causas, os pais preferem não optar pelo ensino institucional

Inicialmente abordaremos com alguma pesquisa, o que se entende por Ensino Doméstico, as leis que permitem esta modalidade de ensino em Portugal, os motivos pelos quais os pais optam por esta via, abordando também alguns autores e pedagogos que defendiam um ensino centrado na criança/aluno.

Por fim será abordado o estudo efetuado sobre as diversas problemáticas deste ensino, tais como: o que leva os pais a optarem por este ensino, quais as maiores dificuldades sentidas ao encarar este ensino, há quantos anos praticam o ensino, entre outras questões que irão surgindo ao longo do estudo, terminando com algumas opiniões, e o lado dos professores perante este ensino não institucional.

“ A autonomia é uma dimensão importante da auto-regulação. Estudantes que possuem seus próprios objetivos – porque gostam da actividade ou porque ela vai ao encontro dos seus valores – dedicam mais tempo às suas tarefas, demonstram uma maior concentração, processam a informação mais profundamente e mostram maiores níveis de persistência”

Ryan & Deci, 2002.

Ensino Doméstico

O ensino doméstico é um ensino realizado a partir de casa sendo os tutores ou professores, pessoas da própria família. Podendo ser um ensino apoiado ou não por uma escola, isto é, a criança está inscrita numa determinada escola e a professora titular de turma em que a criança está inscrita pode facultar as fichas que são realizadas em sala de aula, auxiliando também os pais-tutores com explicações, ou até mesmo deixando a criança participar do ambiente social da escola, passando algum tempo com as crianças nos intervalos e atividades extra curriculares.

Muitas pessoas, pais/tutores, não conhecem este método de ensino, continuando assim a inscrever os educandos no método tradicional, mesmo que não seja a melhor opção para eles.

3.1 ENSINO DOMÉSTICO EM PORTUGAL

Este método oferece aos pais/tutores a oportunidade de passar mais tempo com os seus educandos.

Ao contrário do que muitas pessoas pensam o ensino doméstico em Portugal é regulamentado pelo decreto-lei nº 553/80 de 21 de novembro preconizando que os pais têm o direito e a prioridade na escolha do processo educativo e de ensino dos seus filhos. A Declaração Universal dos direitos do Homem e a Constituição da República Portuguesa definem que “ Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos” (artigo 26.º,nº 3).

Assim, os encarregados de educação ao inscrever os educandos na escola poderão optar por uma outra via de ensino- o ensino doméstico- esta é uma opção que poderá ser feita no boletim de inscrição escolar, desta forma, o familiar que será o tutor da criança tem de apresentar o certificado de habilitações, como refere o despacho nº 32/77 do Diário da República é determinado segundo o Decreto-Lei nº 41 192 de 18 de Julho de 1957, que “*as pessoas que pretendam matricular alunos no ensino doméstico nas condições legalmente definidas, deverão provar possuir para cada o grau de ensino as seguintes habilitações: 1.º Para matrícula no ensino primário: ciclo preparatório do ensino secundário ou equivalente; 2.º Para matrícula no ensino preparatório e no curso geral no*

ensino secundário: curso complementar dos liceus ou equivalente; 3.º Para matrícula no ensino secundário complementar: aprovação em pelo menos oito cadeiras anuais, ou número equivalente de semestrais, de um curso superior.” - e, dependendo da Direção Regional de Educação, a avaliação é acordada entre o encarregado de educação e a escola. A legislação prevê que a criança será sujeita a um exame no final de cada ciclo, tendo assim que realizar um exame no final do 4º, 6º e 9º anos, dependendo do ciclo em que se encontre inscrito.

3.1.1 VANTAGENS E DESVANTAGENS DO ENSINO DOMÉSTICO

Muitas são as dúvidas de que o ensino doméstico seja um método viável para o ensino-aprendizagem das crianças cujo os pais/tutores elegem esta opção.

Na verdade, existem vantagens e desvantagens perante este tipo de ensino, muitos são os educadores que ao concederem este ensino aos seus filhos, provam que as vantagens são em grande escala que as desvantagens e que estas também conseguem ser superadas.

Uma das principais vantagens que é apontada neste ensino é que os alunos podem centrar-se apenas nas áreas que querem, quando querem, não havendo um programa formal a seguir.

Outra das grandes vantagens é que é um ensino que não é dispendioso, sendo possível ensinar as crianças de forma divertida e sem grandes custos em materiais como muitas das escolas exigem e livros escolares, podendo-se recorrer às tecnologias informáticas, dando primazia à Escola Virtual e *sites* com diversas atividades lúdicas que podem ser uma mais-valia para os e E.E, a qualidade do ensino é também uma vantagem para os pais/tutores, não descredibilizando os professores, M.B. (professora e mãe que pratica ensino doméstico) refere, "O problema não está certamente nos profissionais, pois com turmas de mais de 20 crianças e limitados a quatro paredes não podem fazer milagres e devem ser felicitados por, mesmo assim, conseguirem, eles e algumas crianças, chegar a bom porto".

Outra das vantagens encontradas pelos tutores é a rapidez do ensino, enquanto a criança na escola tem que estar uma manhã a aprender diversos conteúdos em casa o tempo de aprendizagem pode ser gerido de uma forma mais curta em duas ou três horas de forma divertida e sucinta.

O local onde a aula pode ser ministrada também é dita como vantagem pelos E.E., pois podem ser proporcionadas aulas nos mais variados locais como museus, jardim zoológico, bibliotecas e ludotecas, exposições idas ao supermercado entre outros locais.

Quanto às desvantagens, a socialização é apontada como a principal desvantagem perante o Ensino Doméstico.

As opiniões divergem, muitos dos pais garantem que a socialização pode ser feita não diretamente na escola mas noutros locais, onde as crianças possam estar em contacto com outras pessoas, fora do seio familiar.

A Psicóloga da Associação Movimento de Educação Livre (MEL) não concorda quando intelectuais, investigadores, professores, e sociedade em geral salienta que não existe socialização no ensino doméstico, proferindo “ A verdade é que não é pelo facto de colocarmos dentro de quatro paredes um adulto e 20 ou 30 crianças da mesma faixa etária, em que nenhuma das pessoas em causa escolheu o outro, que a socialização acontece. Por outro lado, as oportunidades de socialização existentes fora da escola não ficam aquém (atrevo-me mesmo a dizer que serão bem mais positivas, em muitos casos) relativamente às que acontecem, por exemplo, nos recreios da escola... fora da sala de aula mas ainda dentro da escola, o espaço alargou-se, é certo, mas ainda assim, as paredes permanecem...

Julgo que a maior desvantagem decorre acima de tudo, não da própria modalidade em si, mas da falta de informação e esclarecimento que as pessoas têm acerca do assunto, o que gera diferentes níveis de incompreensão e de falta de apoio às famílias que assumem esta opção. Falo da população em geral, da família, dos amigos, dos vizinhos, mas também dos técnicos, dos profissionais e dos políticos responsáveis pela Educação em Portugal” (Revista Visão, nº 1004; 2012).

Desta forma, muitos são os defensores de que a família é o principal agente socializador funcionando como o primeiro e mais importante agente socializador, sendo o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização em que a criança constrói o seu modelo e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que se vai refletir na sua vida escolar.

Independentemente de como a família é constituída, esta é uma instituição fundamental da sociedade, pois é nela que se espera que ocorra o processo de socialização primária, onde ocorrerá a formação de valores. Este sistema de valores só será confrontado no processo de socialização secundário, isto é, através da escolarização e profissionalização, principalmente na adolescência (Valadão; Santos, 1997, p. 22).

Contrariamente a muitos pais/tutores a psicóloga e vice-presidente do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Paula Cristina defende que "Esta opção diminui o número de relações, a diversidade de atividades e o tipo de papéis sociais que a criança desempenha. O que a investigação nos diz é que a qualidade do desenvolvimento das crianças está relacionada com a qualidade e diversidade dos contextos em que participa", sustenta, sublinhado que a escola é um espaço fundamental de socialização. "Ao aprender em casa, a criança deixa de ser aluno e colega e é quase sempre filho. Não contacta com pessoas que desempenham diferentes papéis sociais, o que é profundamente limitador do seu desenvolvimento social."

A psicóloga Paula Cristina acredita que as famílias que fazem esta opção estão muitas vezes a privilegiar o desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças. "Acham que os filhos aprendem mais assim do que na escola e, nalguns casos, até pode ser verdade. Mas perdem outras

dimensões, que se vão repercutir na construção da sua personalidade e no desenvolvimento de tarefas desenvolvimentais, como a gestão de conflitos, a partilha, o entender-se a si próprio na relação com os outros"

3.1.2 O QUE LEVA OS TUTORES A OPTAREM POR ESTE ENSINO.

Muitas são as razões que levam os pais/tutores a optarem pelo Ensino Doméstico. Por vezes, são as descrenças que dos pais no ensino institucionalizado e no método que muitos docentes optam para transmitir os conhecimentos, a qualidade do ensino perante um grande grupo, outro dos motivos são as necessidades especiais de determinadas crianças, crianças com NEE (Necessidades Educativas Especiais), sendo que os pais não conseguem estar em pleno descanso sabendo que os seus filhos estão inseridos numa turma onde não têm o apoio individualizado que deveriam ter, ou mesmo tendo esse apoio individualizado, pensam não ser o melhor para os seus filhos.

Outra das razões é o facto de muitas crianças terem fobias com a escola, ou porque não gostam de estar em contacto com muitas crianças, ou por sofrerem de bullying por parte de outras crianças e até mesmo por parte de docentes e até mesmo sofrerem de ataques de ansiedade. O fator económico é também uma das razões pela qual os pais/tutores optam por apoiar os filhos nos estudos.

Para algumas famílias é no seio familiar que podem proporcionar aos seus filhos uma educação mais adequada, propícia e individualizada, conseguindo dessa forma que a criança consiga superar as dificuldades com muito mais facilidade. Ross Mountney em entrevista à revista Times, refere que *as famílias que seguem o ensino doméstico demonstram que há tantas formas de educação como há estilos de vida. (...) escolhem abordagens mais abertas e flexíveis, seguindo os interesses das crianças e usando-os para estimular o desenvolvimento de outras competências. Assim, a educação torna-se parte natural da vida, em vez de algo à parte, separado da vida.*

3.1.3 PEDAGOGOS QUE DEFENDEM UM ENSINO INDIVIDUALIZADO E CENTRADO NO ALUNO

Muitos são os pedagogos que defendem uma educação individualizada, personalizada e acima de tudo que cada criança é um ser único e particular.

Um pedagogo muito associado à educação infantil é Maria Montessori, uma das pedagogas que revolucionou as escolas em Itália, abrindo a sua primeira escola com um método muito pouco tradicional.

O método montessoriano defendia o respeito às necessidades e aos interesses de cada estudante, de acordo com os estágios de desenvolvimento correspondentes às faixas etárias, Montessori argumentava que o seu método não contrariava a natureza humana e, por isso, era mais eficiente do que os tradicionais, acreditando que para desabrochar e crescer com autoestima, as crianças precisam de estar inseridas num ambiente centrado nelas.

Neste método, os pequenos conduziram a sua própria aprendizagem e ao professor cabia acompanhar o processo e detetar o modo particular de cada um manifestar seu potencial.

Para Montessori, a criança é um ser integral desde que nasce, o que inverte o foco do ensino tradicional onde na sala de aula se está centrado no professor. Desta forma, ela explorou dois métodos nas suas escolas: a educação pelos sentidos e a educação pelo movimento.

As salas de aula tradicionais eram vistas com aversão por Maria Montessori (1948). Para ela as crianças pareciam coleções de borboletas, com cada aluno preso no seu lugar. Quem entra numa sala de aula de uma escola montessoriana encontra crianças espalhadas, sozinhas ou em pequenos grupos, concentradas nos exercícios. Os professores estão espalhados pela sala entre as crianças, observando ou auxiliando.

Não existe hora do recreio, porque não se faz a diferença entre o lazer e a atividade didática. Nestas escolas as aulas não se sustentam num único livro de texto. Os estudantes aprendem a pesquisar em bibliotecas, e mais recentemente na internet para preparar apresentações do seu trabalho de investigação aos colegas.

A individualidade, atividade e liberdade do aluno são as bases da teoria, com ênfase para o conceito de indivíduo como, simultaneamente, sujeito e objeto do ensino. Montessori defendia uma conceção de educação que se estende além dos limites da acumulação de informações. O objetivo da escola é a formação integral do jovem, uma "educação para a vida". A filosofia e os métodos elaborados pela médica italiana procuram desenvolver o potencial criativo desde a primeira infância, associando-o à vontade de aprender - conceito que ela considerava inerente a todos os seres humanos.

O método Montessori parte do concreto rumo ao abstrato. Baseia-se na observação de que as crianças aprendem melhor pela experiência direta da procura e da descoberta. Para tornar esse processo o mais rico possível, a educadora italiana desenvolveu materiais didáticos que constituem um dos aspetos mais conhecidos do seu trabalho. São objetos simples, mas muito atraentes,

projetados e pensados para provocar e aliciar o raciocínio. Há materiais pensados para auxiliar todo tipo de aprendizagem, desde o sistema decimal à estrutura da linguagem. Para Maria Montessori *É necessário que a escola permita o livre desenvolvimento da actividade da criança*”, para que nasça a pedagogia científica: *é esta a reforma essencial*. (1948:14)

Segundo Rudolf Steiner *Não há, basicamente, em nenhum nível, uma educação que não seja a autoeducação. (...) Toda educação é autoeducação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o ambiente de criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança eduque-se junto de nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior* (1923, S/P)

Rudolf Steiner introduziu a pedagogia Waldorf em 1919, esta pedagogia defende que o ensino deve ter em conta as diferentes características das crianças e adolescentes não devendo um mesmo assunto nunca ser dado da mesma forma em idades diferentes.

Cada escola Waldorf, visa formar futuros adultos livres, com pensamento individual e criativo, com sensibilidade artística, social e para a natureza. O fato de não exigir ou cultivar um pensar abstrato, intelectual, muito cedo é uma das características marcantes da pedagogia Waldorf em relação a outros métodos de ensino.

Celestin Freinet (1975) foi outro pedagogo que defendia uma pedagogia centralizada na criança e baseada em alguns princípios: senso de responsabilidade, senso cooperativo, sociabilidade, julgamento pessoal, autonomia, expressão, criatividade, comunicação, reflexão individual e coletiva e afetividade.

Para este pedagogo o comportamento escolar de uma criança depende do seu estado fisiológico, orgânico e constitucional. A criança não gosta de se sujeitar a um trabalho em grande grupo, preferindo o trabalho individual ou em equipa numa comunidade cooperativa. Para este pedagogo, o castigo é um erro, referindo que estes são humilhantes não tendo o efeito desejado. Bem como a sobrecarga das turmas constitui sempre um erro pedagógico.

Freinet utilizava diversas técnicas para conseguir entusiasmar os seus alunos durante as aulas, de entre as quais se destacam:

Aulas passeio: por acreditar que o interesse da criança não está na escola mas sim fora dela, Freinet idealizou esta atividade com o objetivo de trazer motivação, ação e vida para a escola.

Texto livre: para Freinet esta é a base da livre expressão, pode ser um desenho, um poema ou pintura. A criança determina a forma, o tema e o tempo para a sua realização.

Imprensa escolar: o ponto de partida são as entrevistas, pesquisas, vivências e aulas-passeio. Todo o processo de construção e impressão é feito coletivamente usando o tipógrafo.

Correção: Para o texto ser divulgado é necessário que esteja perfeito e a sua correção é fundamental. Esta pode ser feita coletivamente, ou em autocorreção. Freinet acreditava que o "erro" deve ser trabalhado com a criança para que ela perceba e faça o correto.

Livro da Vida: Funciona como um diário da turma, fazendo-se um registo de livre expressão (texto, desenho e pintura). Esta atividade permite que as crianças exponham os seus diferentes modos de ver a aula e a vida.

Fichário de Consulta: Põe a disposição da criança exercícios destinados à aquisição dos mecanismos do cálculo, ortografia, gramática, história, ciências etc. São construídas em sala de aula pelos professores na interação com a turma. Freinet criticava duramente os livros didáticos fora da realidade da criança.

Plano de Trabalho: Tendo o currículo escolar como ponto de partida, os grupos de alunos organizavam-se para escolher as estratégias de desenvolvimento das atividades que podiam ser realizadas em grupos, duplas, ou individualmente. Para registo do plano são elaboradas fichas onde são anotadas as realizações da semana.

Correspondência Interescolar: É uma atividade em que a criança faz a aprendizagem da vida cooperativa, uma classe corresponde com a outra. Depois dos professores terem comunicado e organizado a forma de comunicarem. Podem enviar: cartas, textos, fitas, vídeos, desenhos e e-mails.

Autoavaliação: A criança regista o resultado do seu trabalho em fichas de autoavaliação que permitem constantes comparações entre os trabalhos realizados. Segundo Freinet o aluno e o professor devem avaliar-se regularmente.

Muitas das ideias e conceitos deste pedagogo francês têm vindo a ser utilizadas por diversos professores e educadores, como a correspondência entre escolas, as visitas de estudo que por eles eram chamadas aulas passeio, os cantos/espacos pedagógicos no pré-escolar, a escrita de jornais.

Freinet defendia que o professor deveria ser capaz de criar uma atmosfera trabalhadora, de modo a estimular as crianças a realizar experiencias e procurar respostas. Outra função fundamental do professor é colaborar ao máximo para o êxito de todos os alunos, defendendo que o fracasso desequilibra e desmotiva o aluno, devendo sempre o professor ajudar o aluno a superar o erro.

Sucintamente, a pedagogia de Freinet concentra-se em quatro eixos: a cooperação (construção do conhecimento comunitariamente), a comunicação (formalizar, transmitir e divulgar o trabalho) documentação (Registo das vivências diárias) afetividade (vinculo entre as pessoas e das pessoas com o conhecimento).

Segundo Carl Rogers (1971) *A única coisa que se aprende e realmente faz diferença no comportamento da pessoa que aprende é a descoberta de si mesma*, desta forma este psicólogo defende uma educação centrada no aluno. Tal como Freinet, Rogers defende que o erro de um aluno deve ser corrigido com o apoio necessário para reencontrar o caminho certo sem que o aluno se sinta julgado e menosprezado. Também defende a busca e pesquisa de novas aprendizagens, aprendendo a autoavaliar-se de forma a estabelecer critérios e objetivos a serem alcançados.

Para este psicólogo o ser humano já nasce com uma tendência realizadora e o que tem que ser explorado ou restaurado nos alunos é essa tendência que lhe é retirada, aos poucos, todos os dias, dentro do ensino tradicional. Desta forma, Rogers considera o indivíduo como um todo: mente e corpo, sentimento e intelecto são partes integrantes do mesmo ser e são inseparáveis. Na educação moderna só é valorizada a parte intelectual, como se o conhecimento cognitivo pudesse ser separado das vivências do ser humano. É importante considerar que a atmosfera psicológica é fundamental para o processo de aprendizagem. Assim, o professor não é visto como alguém que transmite conhecimentos mas sim um facilitador da aprendizagem, que ajuda os educandos na procura de conhecimentos.

John Holt (s/d, s/p) refere "*Digo-vos, antes de mais, não deixem que as vossas casas se tornem cópias em miniatura das escolas. Não façam planos de aulas nem testes, não façam avaliações nem relatórios! Até deixarem os vossos filhos em paz e sossego seria melhor; pelo menos descobririam algumas coisas eles mesmos. Vivam juntos tão bem quanto puderem, e gozem a vida tanto quanto puderem.*"

3.2 PROJETO DE PESQUISA-ENSINO DOMÉSTICO EM PORTUGAL

O Ensino Doméstico é uma modalidade alternativa ao ensino tradicional na sociedade portuguesa, este pode ser feito por um familiar do aluno, segundo o Decreto Lei nº 553/80 de Novembro.

Esta modalidade de ensino tem como principal objetivo a liberdade de aprender, a oportunidade de escolha do que se aprende e como aprende, onde a família é o grande apoio da criança.

Este estudo tem como objetivo compreender as razões que levam os pais a optar por esta via de ensino e o fenómeno crescente deste ensino em Portugal.

Ao estar em contacto com esta realidade, pode verificar-se, e segundo dados do Ministério da Educação das Ciências (MEC), que o aumento deste tipo de Ensino tem sido notório de ano para ano.

Segundo os relatórios do MEC, podemos ver no seguinte tabela (15) o aumento de inscrições no ensino doméstico:

Tabela 15- Número de inscrições no Ensino Doméstico

| Ano letivo | Número de alunos inscritos em E.D. |
|-------------------|-------------------------------------------|
| 2004/2005 | 47 |
| 2006/2007 | 63 |
| 2008/2009 | 82 |

Como se pode verificar no quadro, existe um aumento significativo, podendo observar-se que em cinco anos o número de inscrições em 2010 é quase o dobro dos alunos inscritos em 2005. Pode ainda analisar-se que em cada ano letivo o aumento é aproximadamente de vinte alunos por ano.

A finalidade deste trabalho é determinar por meio de uma metodologia empírica, os principais motivos para a escolha desta modalidade de ensino. Um tema muito pouco estudado em Portugal.

3.2.1 OBJETIVOS

Neste trabalho surgem várias questões de investigação a serem analisadas pela elaboração de um inquérito *online*.

A amostra deste estudo foi desenhada segundo a distribuição do inquérito pelos grupos e redes sociais ligadas a este tipo de ensino, o que significa que este universo, não corresponde ao número real da sociedade.

Neste estudo o tempo não foi facilitador mas o maior obstáculo foi conseguir uma amostra significativa, para que dessa forma houvesse uma maior confiança no estudo, contudo o principal objetivo deste estudo não é perceber o que a população pensa sobre o ensino doméstico, mas sim, compreender o que leva à prática deste ensino, sendo de extrema importância “ouvir” os praticantes desta modalidade.

Os inquéritos *online* acabam por facilitar a ligação com os inquiridos, tornando-se um método mais prático e experimental mas menos pedagógico e disciplinar.

A escolha deste método assenta essencialmente na facilidade de ir ao encontro da população em estudo.

A fiabilidade dos dados obtidos assenta principalmente na pré-disponibilização de um conjunto de pessoas para a participação e interação do estudo em causa.

Acerca dos objetivos da investigação, baseiam-se no conhecimento recolhido pelo investigador, de forma a orientar todo o processo de pesquisa.

Deste modo, os objetivos da investigação são:

- a) Conhecer o tempo de prática desta modalidade de ensino, pelos inquiridos que aplicam este tipo de ensino;
- b) Conhecer e compreender os motivos pelos quais os encarregados de educação optam por esta via de ensino;
- c) Conhecer as dificuldades que advêm deste tipo de ensino entre outras questões que surjam durante o estudo.

3.2.2 ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS

Questionário *Online*

Ao ser realizado um questionário *online* temos que ter em conta diversos fatores e devem ser colocadas algumas questões iniciais. As questões colocadas inicialmente quando se começou a elaborar o inquérito foi: Quais os objetivos da concretização deste questionário, a quem se destina, o que nos levou a realizar este questionário. Desta forma temos como principal objetivo, entender que motivações e necessidades levam os pais encarregados de educação optarem pelo Ensino Doméstico, destinando o inquérito a pais e a E.E. para que deste modo consigamos entender o crescimento deste modo de ensino.

As questões que aparecem no questionário *online* são (apêndice 8):

1. Nacionalidade;
2. Habilitações literárias;
3. Quantos filhos frequentam o ensino doméstico?
4. O que significa para si o ensino doméstico?
5. Quais os objetivos para que os seus filhos frequentem o ensino doméstico?
6. Existem metas de aprendizagem? Quem as define?
7. Há quanto tempo integram o ensino doméstico?
8. Como é organizado o tempo para a realização das atividades escolares?
9. Como sabe se os seus filhos atingiram os objetivos pretendidos?
10. Quais pensa serem as vantagens do ensino doméstico?
11. E as desvantagens?
12. Quais foram as maiores dificuldades que sentiu?
13. Alguma vez os seus filhos frequentaram o ensino institucional?
14. Quais os motivos do abandono desse tipo de ensino?

O questionário foi realizado entre 12 de julho e 31 de agosto de 2013 (42 dias online). Obtiveram-se 7 respostas em 62 visitas ao questionário. De caráter anónimo, teve como destinatário um grupo específico, de modo a apurar a prática do ensino doméstico em Portugal.

Um dos pontos do nosso questionário era a nacionalidade dos respondentes e como podemos observar no gráfico 7 na grande maioria, as respostas são de famílias portuguesas (85,71%) sendo apenas uma dada por uma família alemã (14,29%).

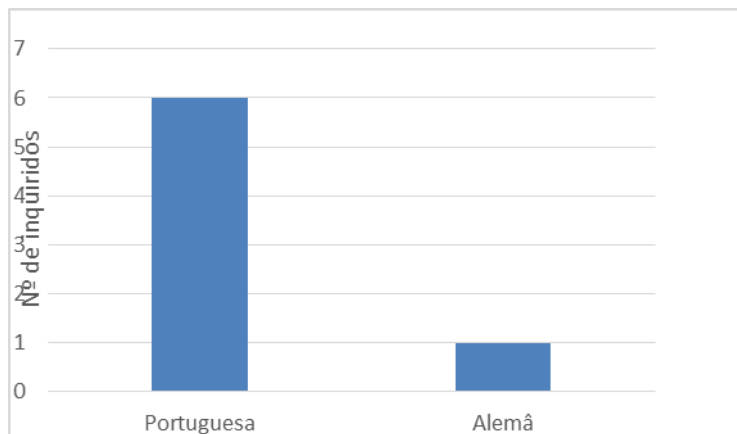


Gráfico 4- Nacionalidade dos pais inquiridos

Este resultado indica que as famílias portuguesas estão cada vez mais abertas a novas experiências, e novos métodos de educação para os seus filhos. Ao contrário do que a maioria pensa quando se fala do ensino doméstico, já existe uma grande comunidade portuguesa a desenvolver este tipo de ensino, embora existam muitas famílias estrangeiras que escolhem Portugal como o País de eleição para educar os seus filhos, instruindo-os de uma forma livre.

Como se pode observar, a maioria dos inquiridos são pais com habilitações literárias superiores, verificando-se desta forma que, três educandos detêm licenciatura, um possui mestrado, um doutoramento, e apenas dois inquiridos detêm o 12º ano. Deste modo pode concluir-se que os pais que praticam ensino doméstico são pessoas qualificadas. O nível de instrução centra-se assim, entre o doutoramento e o 12º ano.

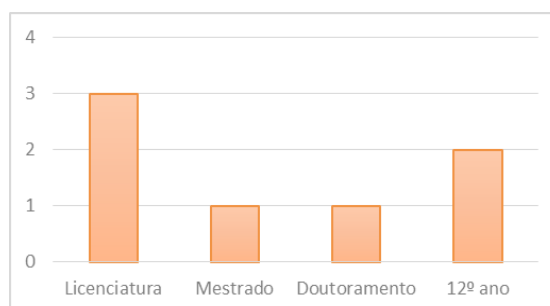


Gráfico 5- Habilitações literárias dos inquiridos

A maioria dos inquiridos tem os filhos fora da escolaridade obrigatória, sendo a maioria crianças em idade pré-escolar, contudo apoiam-se no ensino doméstico para educar os seus filhos desde que nascem. No que respeita ao tempo de prática da modalidade do ensino doméstico (gráfico 9) pode verificar-se que dos inquiridos só existe um com um tempo considerável no que diz respeito à prática do ensino doméstico no que respeita à escolaridade obrigatória (1.º ciclo).

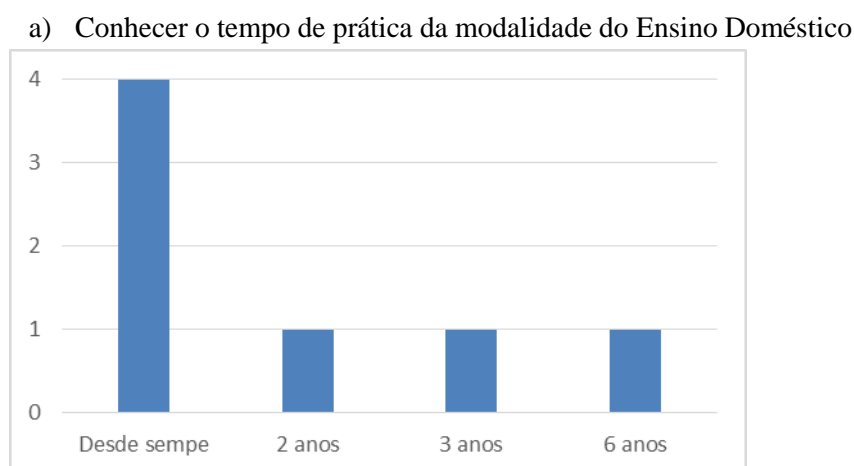


Gráfico 6 – Tempo de prática do Ensino Doméstico

No que diz respeito à questão: *que motivos levam os pais/tutores a optarem por um ensino em casa, de forma livre e individualizada?*

Esta é uma questão de resposta aberta, constatámos que existem pais que acreditam na curiosidade nata do ser humano levando-os à aprendizagem, não havendo limites nem castrações das aprendizagens, os filhos aprendem o que querem quando querem e como querem, havendo deste modo, aprendizagens mais diversificadas e significativas que qualquer escola lhes possa proporcionar.

No decorrer da resposta ao questionário, um dos inquiridos aponta vários motivos para a não frequência das crianças no ensino regular referindo:

As crianças são vítimas da instituição escolar quando:

- *Ela desrespeita e desconhece estilos e ritmos biológicos individuais de aprendizagem;*
- *A Instituição fornece informações não solicitadas nem desejadas;*

- *Não fornece nem facilita as informações desejadas;*
- *Dá o peixe e não ensina a pescar;*
- *Apresenta uma versão datada do mundo;*
- *São tratadas como se o tempo escolar correspondesse a toda a socialização de que necessitam e não se valorizam outros tempos em casa dos amigos, não sendo levados a passar tardes em conjunto, fazer festas de pijama, etc. com outras pessoas que não as que conhecem na escola;*
- *Oferece informações incorretas ou não explica que certos pressupostos basilares estão sob debate, implicando a adesão a um conhecimento acabado e falso;*
- *A quase exclusividade dos seus amigos pertence à sua faixa etária;*
- *Não se pode aventurar a aprender o que realmente quer;*
- *Existem pessoas que fiscalizam a sua aprendizagem, em vez de colaborarem com ela;*
- *Os seus comentários sobre outros assuntos do seu interesse ou aprendizagens feitas noutros lados são desvalorizados ou criticados;*
- *Não pode escolher não aprender (ou não aprender aquilo, ou daquela forma, ou naquele momento);*
- *Desencoraja as crianças a sonhar e a pensarem no impossível;*
- *Esta leva as crianças a viver no passado – em termos de papéis sociais e de género, geopolíticos, económicos ou outros;*
- *A instituição não garante eficaz e imediatamente a sua segurança física e psicológica – como é esperado que as famílias façam;*
- *A escola não fornece uma alimentação adequada, quer em termos da planificação dos menus quer da confeção dos mesmos.*
- *A escola não ensina as crianças, numa base regular ou curricular, determinadas competências, como por exemplo a culinária, cultivo de plantas ou gestão de conflitos, indispensáveis à sua boa saúde física e psicológica, preterindo-as em favor dos conteúdos curriculares tradicionais;*
- *A escola desaloja as crianças do seu contacto familiar e emocional durante a maior parte das horas do dia, imiscuindo-se ainda no quotidiano familiar através da introdução de tpc e outros afins;*

- *A escola não ensina e não pratica estratégias efetivas de resolução de conflitos entre as várias populações que a integram, negligenciando toda a área do desenvolvimento da inteligência emocional e espiritual;*

- *A escola falha em ajudar as crianças a refletir nos valores importantes para a sua vida ou, através das suas regras explícitas e ou implícitas, valoriza a competitividade, o consumo, entre outro.*

- *A informação serve para ter boas notas e não para que as crianças e as suas ações se transformem e cheguem ao mundo e aos outros;*

- *A escola vitimiza as crianças quando socialmente as deixa entregues a si próprias;*

- *Os seus pais e familiares não fazem parte integrante, válida e curricular da vida escolar.*

Foi sem dúvida a resposta mais completa obtida nos questionário, sendo sintetizadas as diversas razões que conduzem os pais a não confiar na instituição escolar, como o meio adequado para a educação e instrução dos seus filhos/educandos.

Existem ainda pais que defendem que a criança ao frequentar a escola vai sentir-se constantemente controlada e privada da vida real, estando sujeita ao convívio com um grupo de crianças da mesma idade, memorizando matéria e sendo avaliada através de um sistema de pontos de avaliação estando desse forma em constante competição com os colegas, referindo que a escola é um meio artificial, hierárquico, autoritário, obsoleto e por vezes medíocre, não querendo este tipo de instrução para os seus educandos defendendo que o tempo em família é sem dúvida uma mais-valia para todos.

Perante a realização/prática do Ensino Doméstico são vastas as dificuldades que podem surgir aos tutores.

Durante o estudo através dos questionários e de pesquisa de relatos pessoais acerca desta atividade educacional, pode referir-se que as maiores dificuldades encontradas pelos nossos inquiridos, são a difícil inclusão dos seus filhos nas atividades extra curriculares, nas atividades realizadas fora da própria instituição escolar (passeios, visitas de estudo) e participação nos intervalos, esta dificuldade acontece devido à falta de disposição e compreensão das instituições onde as crianças estão matriculadas. Como refere uma mãe, para ela a maior dificuldade encontrada perante este ensino é a *falta de apoio/abertura das escolas na frequência de alunos em E.D. - podiam usufruir dos laboratórios, campo de jogos, biblioteca, recreio, etc. Somos todos cidadãos e todos pagamos impostos.*

Outra dificuldade relatada pelos inquiridos é a falta de aceitação pela sociedade, deste tipo de ensino considerando esta prática como errada, visto que, *para a generalidade das pessoas E.D é uma não opção.*

No depoimento de uma outra mãe, a mesma refere que, a única dificuldade até então encontrada foi *no início, ter dificuldade em encontrar outras pessoas cujos filhos estivessem na mesma modalidade de ensino.*

Na questão: *Existem metas de aprendizagem? Quem as define?* obtivemos duas respostas contrárias, algumas famílias limitam-se a usar livros que seguem o currículo escolar e as metas definidas pelo Ministério da Educação referindo *atualmente o ensino doméstico tem de cumprir os requisitos do programa do Sistema de Ensino, que culmina em determinados exames após determinados ciclos/idades.*

Contudo existem E.E que escolhem abordagens mais abertas e flexíveis, seguindo os interesses das crianças e usando-os para estimular o desenvolvimento de outras competências. Assim, é da opinião dos pais que a educação torna-se parte natural da vida, em vez de algo à parte, separado da vida.

Os restantes encarregados de educação, optam por seguir pedagogias centradas na criança, em que esta aprende através da exploração mencionando *a pedagogia de Montessori e Waldorf são as que considero mais indicadas nesta faixa etária.* Justificando ainda que *a única meta é sermos curiosos, interessados, felizes e satisfeitos a cada momento do dia. A aprendizagem emerge da e na brincadeira e das vivências do quotidiano.*

Quanto à organização de tempo e das atividades, estas são pensadas e são elaboradas/realizadas sem pressa, isto é, os pais respeitam o tempo de aquisição de cada criança, pois cada criança tem o seu tempo de aprendizagem, não aprendendo todas da mesma forma, com os mesmos métodos nem com a mesma facilidade e rapidez, segundo John Holt, *As Crianças têm um estilo de aprendizagem que se adapta às suas condições e utilizam-nos naturalmente até ao momento em que as impedimos de o fazer* (1964:34).

De entre os inquiridos obtivemos uma resposta bastante pertinente em que mostra claramente o que o E.E. pretende ao organizar as atividades para o seu filho, relatando *seguimos um ritmo e rotinas, de inspiração Waldorf que inclui participação nas atividades domésticas desde fazer pão, a limpar - ao seu ritmo, claro - desenho, pintura, colagem, horta, atividades ao ar livre, leitura, canções, visitas a bibliotecas e museus, encontros com outras crianças. Para este ano desenhei um percurso que pretende descobrir o que Lisboa tem para oferecer nas 4 estações do ano e que se centra nos seus pontos de interesse atuais: transportes; reis e guerreiros; fauna; flora; alimentação. Inclui atividades tao diversas como visitar os silos na Trafaria ou colher camarinhas na praia.*

O único objetivo é divertirmo-nos, a aprendizagem acontece, aconteceria mesmo que tentasse impedi-la.

Quanto à perceção dos pais, no que se refere aos objetivos atingidos durante as diversas atividades desta modalidade de ensino levada a cabo pelos mesmos, proferem que não existem

avaliações periódicas, estando apenas sujeitos a uma avaliação final de cada ciclo, no caso dos inquiridos, exame final de 4º ano.

Contudo, mencionam que é visível através do acompanhamento dos processos de aprendizagem, através da observação e da interação contínua, conversas, da autonomia demonstrada pela criança e pela tomada de decisão por parte da mesma, referindo desta forma, que *maior parte dessa avaliação nasce da observação e interação contínua com a criança.*

3.3 VISÃO DOS DOCENTES SOBRE O ENSINO NÃO ESCOLARIZADO

No entanto, existem ainda encarregados de educação que optam por delinear objetivos utilizando itens de avaliação, *pelos metas e o programa do MEC.*

Ao realizarmos este estudo não podemos esquecermo-nos da visão/opinião, acerca deste ensino, dos docentes que todos os dias dão de si transmitindo-lhes todo o seu saber e conhecimento, ensinando os seus alunos a serem pessoas autónomas.

Desta forma foram inquiridas três professoras de dois níveis de ensino distintos, 1º ciclo, e 2º ciclo.

As questões colocadas foram realizadas de forma a que os inquiridos respondessem aberta e diretamente à questão.

As questões aplicadas foram as seguintes:

1. Enquanto docente, o que pensa da prática do Ensino Doméstico em Portugal?
2. Serão, na sua opinião, os pais capazes de instruir os seus filhos de forma correta?
3. Poderá o ensino institucional ir de encontro à necessidades de cada aluno, apoiando dessa forma o ensino individualizado?

Na primeira questão, obtivemos respostas que vão de encontro, umas com as outras, para as docentes inquiridas o Ensino Doméstico é uma escolha dos pais, *é pois uma escolha da família que supostamente conhece a criança e sabe o que é melhor para ela mas deverá ter-se em conta o nível cultural da nossa população em geral, onde a literacia é muito alta e onde o preconceito está bastante enraizado, desta forma penso que o ensino doméstico poderia ter lacunas graves na educação dos alunos.*

A sua divulgação também é para uma das docentes uma desvantagem, não deixando de parte outras desvantagens que na sua opinião descredibilizam e impossibilitam o Ensino Doméstico em Portugal, referindo *Considero que esta modalidade de Ensino não está muito divulgada e dificilmente será um recurso em grande escala em alternativa do Ensino tradicional. Devido à*

emancipação das mulheres é difícil os agregados familiares deixarem de ter o contributo financeiro de ambos os pais. Tentando ainda pensar em outras alternativas consegue concluir rapidamente que no nosso País são praticamente impossíveis aludindo talvez os avós pudessem ser uma alternativa à prática do Ensino Doméstico, mas como sabemos a idade da reforma tende a aumentar, o que não deixa margem para que as crianças possam estar em casa com familiares. O pagamento de um salário a um docente para fazer este ensino em casa, penso que ficaria muito dispendioso e longe da possibilidade da maior parte das famílias portuguesas.

Na segunda questão quando perguntamos se serão os pais capazes de instruir os seus filhos de forma correta, obtemos duas respostas claramente positivas segundo uma das docentes esta refere *penso que os pais que praticam esta modalidade de Ensino são pessoas bastante instruídas e cultas, quando assumem esta responsabilidade é porque se sentem capazes de transmitir as aprendizagens necessárias à formação integral do seu filho enquanto cidadão responsável. Enquanto docente de 1.º Ciclo, os meus melhores alunos não são só fruto do meu trabalho, da motivação que lhes transmito nem tão pouco da dinâmica implementada nas minhas aulas. São também filhos de pais muito atentos, exigentes e que colaboram em estrita articulação com a escola, incentivando, estimulando e acompanhando diariamente os seus educandos. Desta forma, considero que são pessoas que poderiam praticar o Ensino Doméstico.* Contudo e não obtendo respostas negativas, obtivemos uma resposta onde a docente diz que esta modalidade de ensino só pode ter sida em conta mediante a literacia dos pais, mencionando *depende muito do nível cultural dos pais, dos hábitos de leitura e do conhecimento do mundo que nos rodeia.*

Desta forma, tendo em conta que em Portugal a literacia é alta e segundo a opinião das docentes inquiridas, os pais com conhecimentos e estudos são capazes de instruir e capacitar os seus filhos da forma mais correta para eles.

Na terceira e última questão segundo as docentes um apoio completamente individual e centrado no aluno seria complicado, *perante a realidade vivida atualmente nas escolas e pela minha experiência poucos serão os casos de sucesso. Existem inúmeras razões para que um professor não possa apoiar cada aluno individualmente sistematicamente.*

Havendo uma opinião contrária à anteriormente referida, a docente comenta *sim poderá, dependendo do contexto, da escola, do professor. O Ensino doméstico é um ensino individualizado, é certo, mas o institucional também pode ser, de acordo com as características dos alunos e da dinâmica das escolas.*

Desta forma não nos podemos esquecer que em Portugal existem escolas que defendem um ensino centrado no aluno, onde as crianças de uma forma menos formal conseguem alcançar sucesso escolar.

Como exemplo dessas escolas, temos a tão conhecida Escola da Ponte, que ao fazermos uma breve visita ao seu *site*, nos deparamos com os seus valores explícitos na página inicial, *obrigar cada um a ser um outro igual a todos, é negar a possibilidade de existir como pessoa livre*

e consciente. Na nossa escola todos trabalham com todos. Assim, nem um aluno é aluno de um professor mas sim de todos os professores, nem um professor é professor de alguns alunos, é professor de todos os alunos.

No nosso país ainda existem outras escolas que lutam por uma educação diferente, as escolas que usam a pedagogia Waldorf, defendida pelo Rudolf Steiner, uma delas é a escola do Monte Velho que referem *O processo de aprendizagem é interdisciplinar, integrando elementos práticos, artísticos e conceptuais. Esta abordagem valoriza o papel da imaginação, desenvolvendo o pensamento criativo e analítico. O objectivo desta pedagogia é fornecer às crianças e jovens as bases para o seu desenvolvimento moral e exercício da liberdade, tentando ajudar cada criança a atingir o seu "destino", o seu melhor rendimento.*

Desta forma a escola pode ir de encontro às necessidades individuais dos alunos, é preciso que se organize e reestruture para que as aulas sejam mais dinâmicas, mais práticas e que, assim, explorem o lado curioso da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) a evolução a fazer no ensino, em toda a parte, mas muito especialmente no nosso país, é identificar o estudo com trabalho, de tal modo que a sociedade se não divida em duas castas, uma que só estuda e nada produz, outra que só trabalha e nada consome(...)

Bernardino Machado, 1904:40

Com este quadro teórico em mente, desenvolvemos uma investigação, cujo objetivo era conhecer as concepções dos pais que defendem o Ensino Doméstico, como a melhor opção para a formação dos seus filhos no que diz respeito aos métodos didático-pedagógicos.

É fundamental que a sociedade académica se reestruture profundamente em termos curriculares e de práticas pedagógicas, de forma a centrar todos os esforços no desenvolvimento de competências funcionais dos alunos, que lhes permitirá desempenhar um papel relevante em termos de cidadania. O “aprender a pensar”, “aprender a aprender”, “aprender a comunicar”, “aprender a fazer” encontram-se entre essas competências, que se apresentam como processuais e que deverão estar ao alcance de todos.

Nesta medida, o tradicional sistema de ensino presencial em que os alunos são sujeitos ouvintes e reprodutores, deve dar lugar a um sistema participativo e colaborativo, onde os seus interesses, iniciativas e necessidades são valorizadas e incentivadas.

Desta forma o ensino não deve apresentar-se como uma simples justaposição de conhecimentos organizados em disciplinas, mas sim um conjunto de áreas curriculares flexíveis, permeáveis, que constituam ciclos de formação mais curtos, ainda que conferindo aos alunos as competências e aptidões necessárias à sua formação, como defendem os pais que praticam o ensino doméstico.

Mas não é só esta questão que deve constituir motivo de ponderação com vista ao sucesso dos estudantes, caberá às instituições escolares desenvolver mecanismos de acolhimento, integração e facilitação da adaptação, que poderiam passar pela criação de serviços de apoio psicopedagógicos.

É importante que refiramos algumas das limitações do nosso estudo. Assim, considerando a dimensão da amostra (7 sujeitos) e tendo o estudo apenas contemplado alguns grupos de ensino doméstico, consideramos ser difícil a generalização das conclusões a todos os sujeitos que praticam

esta modalidade de ensino. Outra das dificuldades/limitações encontradas, foi o facto de não existirem muitos estudos sobre esta temática em Português.

A articulação teórica e empírica que descrevemos, fez emergir várias pistas de investigação. Neste sentido propomos que em futuras investigações se utilize outra metodologia (entrevistas), de modo a confirmar de forma fidedigna a interpretação, por parte dos inquiridos, das questões a serem tidas em conta.

Tornar-se-á importante complementar este estudo através da auscultação de outros intervenientes, nomeadamente, psicólogos, e constatar a perceção que estes têm da influência que o ensino praticado em casa, tem sobre a formação das crianças. Bem como professores, no sentido de melhorar as práticas pedagógicas utilizadas, contribuindo desta forma para o almejado sucesso e interesse académico dos estudantes.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO

Chegámos ao fim do trabalho, contudo não é um trabalho terminado, o ensino doméstico é um tema que merece atenção, o tempo não nos permitiu aprofundar e prolongar este estudo da forma que queríamos, mas esperamos deixar uma pontinha de curiosidade para que este estudo vá mais longe e se consiga realmente perceber se as consequências desta prática de ensino são positivas para o desenvolvimento de uma criança ou se pelo contrário pode colocar a criança em risco no que concerne à sua aprendizagem.

As vivências das duas Práticas de Ensino Supervisionada, tiveram uma enorme relevância enquanto professoras e educadoras, foram estas duas práticas que proporcionaram aquisição de conhecimentos, consciencializando-nos enquanto docentes para a importância da realização das planificações na eficácia da nossa intervenção enquanto professores/educadores. Muitos dos conhecimentos adquiridos durante as práticas realizadas, foram possíveis devido ao apoio da educadora e professora cooperante bem como das duas professoras orientadoras durante o estágio.

Desta forma e com a observação ao longo da prática foi possível aperfeiçoar o que fazíamos de forma incorreta procurando sempre a melhor solução sobre as atividades propostas a serem realizadas de forma a estimular ambos os grupos, Pré-escolar e 1º ciclo do Ensino Básico, para participarem e explorarem os diversos temas construindo assim conhecimentos.

Desde o primeiro dia que entramos em ambas as salas e instituições escolares procurámos corresponder à comunidade escolar com uma postura correta para todos os membros da comunidade, bem como a relação pedagógica com as crianças, não esquecendo que a nossa disposição e predisposição em sala de aula em muito influência o modo de estar da criança e a forma como ela se dispõe para a aprendizagem. Sabemos que cada dia era um “desafio”, mas que no final do dia existia uma recompensa enorme, quando verificamos que a criança aprendeu o que lhe ensinámos e percebermos assim que enquanto professores fomos capazes de despertar a criança para a aprendizagem.

O trabalho de investigação que nos propusemos realizar, procura entender a escola, o aluno e o encarregado de educação, no que se refere às opções determinadas pelos encarregados de educação quanto ao Ensino Doméstico e o que os leva a optarem por essa escolha. É um tema com alguma controvérsia, não sendo um ensino muito conhecido, ainda existem muitas pessoas que não concordam que este seja considerado ensino, referindo que a socialização das crianças pode em muito ficar descompensada em relação à das crianças que vão à escola e estão em contato com outras crianças da sua idade.

Apesar de algumas dificuldades na realização deste estudo, sentimos uma enorme satisfação, pois consideramos, de um modo geral, ter atingido os nossos objetivos e por haver ainda muito a estudar sobre este tema deixamos um convite, pais, educadores, professores psicólogos e outros intervenientes a ampliar o estudo aqui começado. Há muito a discutir e muito a aprimorar no que diz respeito a esta prática de ensino em Portugal.

CAÍTULO V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, Almerindo Janela (1988), *Insucesso, Socialização Escolar e Comportamentos Divergentes*, in *Revista Portuguesa de Educação*, Vol.I, nº.2, Braga, Universidade do Minho.

Alarcão, Isabel (1996). *Formação Reflexiva de Professores*. Porto: Porto Editora.

Arends, Richard (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Bassan, Valdi (1978). *Como interessar a criança na escola*. Coimbra: Livraria Almedina.

Bello, J. (1999). *A pedagogia de Celestin Freinet*. Rio de Janeiro

Damas, M., Ketele, J. (1985) *Obsevar para avaliar*. Coimbra: Redições Almedina

Departamento de Educação Básica (2006). *Organização Curricular e Programas: 1º Ciclo do Ensino Básico (5ª ed.)*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

Dottrens, Robert (1974). *A classe em acção*. Lisboa: Edição Estampa.

Ferraz, Maria José; Carvalho, Alda et al. (1994). In: *“Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem”*. Lisboa: IIE.

Freinet, Célestin. (1975). *As técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Estampa.

Gilbert, Roger (1983). *Psicologia e pedagogia: as ideias actuais em pedagogia*.

Lisboa: Moraes editores

Fonseca, Vitor (1999). *Insucesso escolar – abordagem psicopedagógica das dificuldades de aprendizagem*. Lisboa: Âncora editora

Holt, John (2001). *Como aprendem as crianças*. Rio de Janeiro:Editorial Presença.

Hohmann, Mary; Weikart, David P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, Mary; Banet, Bernard; Weikart, David P. (1995). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Kishimoto, Tizuko M. (2007), *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 10 ed. São Paulo: Cortez editora,

Machado, Bernardino (1904) cit. por J. Tengarrinha in Conselho Nacional de Educação. (1998). *Educação: memórias e testemunhos*. Lisboa: Gradiva, p. 40.

Marques, Ramiro (1993). *A escola e os pais, como colaborar*. Lisboa: Livros Horizonte.

Martins, Isabel P. et al. (2009). *Despertar para a ciência*. Ministério da Educação – DGIDC.

Mialaret, G. (1980). *As Ciências da Educação*. Lisboa: Moraes Editores.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica e Núcleo de Educação Pré-Escolar.

Montessori, M. (s.d) *A criança..* Rio de Janeiro: Nórdica. Tradução de Luiz Horácio da Matta

Pinto, P. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico*. Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança, Instituto Politécnico de Bragança.

Ponte, João Pedro et al. (s/d). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Dgide: Ministério da Educação.

Purpel, Ryan citados por Vitorino, Susana. (2011) *Reorganização curricular de Bolonha: Percepções dos alunos universitários*. Tese de mestrado apresentado à Faculdade de Psicologia e Ciências

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2002). An overview of self-determination theory: An organismic dialectical perspective. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* Rochester, NY: University of Rochester.

Rogers, Carl (1985), *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Steiner, Rudolf, (2000). *A prática pedagógica*. São Paulo: Editora Antroposófica.

Tavares, José; Alarcão, I. (1990). *Psicologia do desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Williams, Robert A. et al. (1987). *Ciência para as crianças*. Lisboa: Instituto Piaget/Horizontes Pedagógicos.

Zabalza, Miguel A. (1998) *Didáctica da Educação infantil*. Coleção Horizontes da Didáctica: Edições Asa.

da Educação da Universidade de Coimbra.

Fonseca, Patrícia. *Revista Visão* nº1004, 31 Maio de 2012

Legislação consultada

[Declaração Universal dos Direitos do Homem](#) – D.R., I Série, N.º 57, de 9/03/1978
(Aprovada em 10 de Dezembro de 1048)

[Lei Constitucional n.º 1/2005, de 12 de Agosto](#) - D.R., I Série-A, N.º 155, de 12/08/2005
Sétima Revisão Constitucional

[Despacho n.º 32/77, de 21 de Março](#) - D. R., II Série, N.º 67, de 21/03/1977
Define as habilitações mínimas que as pessoas que pretendem matricular alunos em ensino doméstico devem possuir.

[Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto](#) - D.R., I Série-A, N.º 166, de 30/08/2005
Procede à segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e à primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior

[Lei n.º 85/2009, de 27 de Agosto](#) - D.R., I Série, N.º 166, de 27/08/2009
Estabelece o regime da escolaridade obrigatória para as crianças e jovens que se encontram em idade escolar e consagra a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos 5 anos de idade

Webgrafia consultada

<http://www.eb1-sta-zita.rcts.pt/pag1.htm>, pesquisado a 20/ 1/ 2013

<http://www.educacaolive.pt/mel>, pesquisado a 12/ 4/ 2013

<http://www.educacaolive.pt/mel/legislacao/>

<http://www.educacaolive.pt/mel/recursos/ensino-domestico/> pesquisado a 3/8/2013

<http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=13984&langid=1> pesquisado a 3/8/2013

<http://aprendersemescola.blogspot.pt/p/ensino-domestico.html> pesquisado a 4/8/2013

<http://aprendersemescola.blogspot.pt/p/socializacao.html> pesquisado a 9/8/2013

<http://ensinodomestico.ning.com/>, pesquisado a 12/4/2013

<http://escolabela.wordpress.com/tag/john-holt/> pesquisado a 23/5/2013

<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/andragogia/andragogia-educa%C3%A7%C3%A3o-de-adultos#.UoUzAHA9IvI> pesquisado a 24/8/2013

<http://elisakerr.wordpress.com/concepcao-de-aprendizagem-de-carl-rogers/>, pesquisado a 15/9/2013

<https://www.facebook.com/groups/ensino.domestico/?fref=ts>, consultada sempre que necessário

<https://www.facebook.com/groups/289275794503295/>, consultado sempre que necessário

<http://www.survio.com/survey/d/E6U0G0Q5A4P1W0B7F>, site do inquérito

ANEXOS

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1- Lenda de S. Martinho

Anexo 2- Ficha Reconta a lenda

Anexo 1

Lenda de S. Martinho

Martinho era um valente soldado romano que estava a regressar da Itália para a sua terra, algures em França.

Montado no seu cavalo estava a passar num caminho para atravessar uma serra muito alta, chamada Alpes, e, lá no alto, fazia muito, muito frio, vento e mau tempo.

Martinho estava agasalhado normalmente para a época: tinha uma capa vermelha, que os soldados romanos normalmente usavam.



De repente, aparece-lhe um homem muito pobre, vestido de roupas já velhas e rotas, cheio de frio que lhe pediu esmola.

Infelizmente, Martinho não tinha nada para lhe dar. Então, pegou na espada, levantou-a e deu um golpe na sua capa. Cortou-a ao meio e deu metade ao pobre.



Nesse momento, de repente, as nuvens e o mau tempo desapareceram. Parecia que era Verão!

Foi como uma recompensa de Deus a Martinho por ele ter sido bom.

É por isso que todos os anos, nesta altura do ano, mesmo sendo Outono, durante cerca de três dias o tempo fica melhor e mais quente: é o Verão de São Martinho.

Anexo 2

Escola Básica de Santa Zita

Ficha de português



Nome _____

Data _____ Avaliação _____ Professor _____

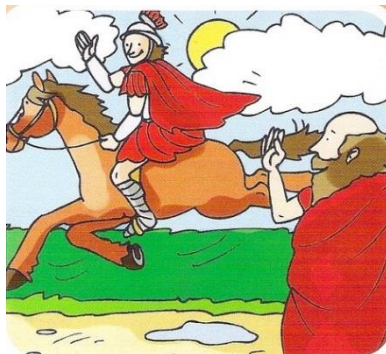
Reconta a história ouvida.

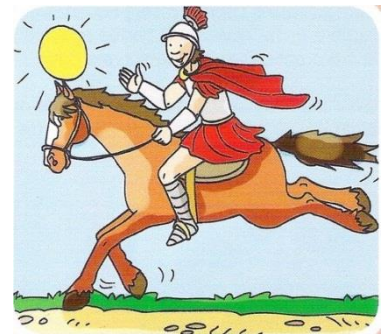













APÊNDICES

ÍNDICE DE APÊNDICES

- Apêndice 1- Planificação de Expressão Musical
- Apêndice 2- Planificação de Expressão Físico- Motora
- Apêndice 3- Planificação de Expressão Plástica
- Apêndice 4- Planificação de Expressão Dramática
- Apêndice 5- Planificação de Estudo do Meio
- Apêndice 6- Planificação de Português
- Apêndice 7- Planificação de Matemática
- Apêndice 8- Questões de Investigação

Apêndice 1- Planificações de Expressão Musical – ensaio da música de natal

|  | | IPP/PES Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| | | Prof. Orientador: Florbela Antunes | | Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires | |
| Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino | | Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita | | | |
| Nível de Ensino: 2º Ano | Turma/Grupo: D34 | Data: 13 de novembro | | Tempo: 45 minutos | |
| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |
| Expressão Musical | Ensaio das músicas de natal | Natal Ritmo Pausas Letra | Ensaio da música para a festa de natal. | Letra Musica Computador | Observação direta;(empenho, concentração, interesse, comportamento) |

Apêndice 2- Planificação de Expressão físico-motora - coordenação motora



PLANO DE AULA

IPP/PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda

Prof. Orientador: Florbela Antunes

Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires

Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino

Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita

Nível de Ensino: 2º Ano


Turma/Grupo: D34

Data: 8 de janeiro


Tempo: 45 minutos

| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |
|------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-------------------|
| Expressão Motora | Desenvolver a coordenação motora Utilizar a bola ou arcos ou cordas em ações motoras básicas: lançar, receber, driblar. | Exercícios de coordenação motora. | Com arcos estrategicamente posicionados os alunos divididos em dois grupos irão fazer o percurso, primeiro em pés juntos e de seguida em pé coxinho. | Arcos Cordas | Observação direta |


Apêndice 3 – Planificação de Expressão Plástica – Enfeites de Natal

|  <p style="text-align: center;">IPP/PES Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda</p> | | | | | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|-------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------------------------------------|
| Prof. Orientador: Florbela Antunes | | | Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires | | |
| Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino | | | Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita | | |
| Nível de Ensino: 2º Ano | | Turma/Grupo: D34 | Data: 28 de novembro | | Tempo: 45 minutos |
| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |
| Expressão Plástica | Realizar enfeites de Natal | O Natal | Os alunos recortam o enfeite, decoram-no e procedem à sua dobragem com a técnica de origami. | Tesoura Cartolina Lápis de cor; | Observação direta;(empenho, concentração, interesse, comportamento) |


Apêndice 4- Planificação da aula de Expressão Dramática- unidades monetárias

|  PLANO DE AULA IPP/PES Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------|--------------------------|
| Prof. Orientador: Florbela Antunes | | | Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires | | |
| Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino | | | Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita | | |
| Nível de Ensino: 2º Ano | | Turma/Grupo: D34 | Data: 16 de janeiro | | Tempo: 45 minutos |
| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |
| Expressão Dramática | Desenvolver a criatividade; Desenvolver a concentração; Desenvolver a expressão corporal e oral; Identificar as unidades monetárias; Desenvolver o cálculo mental; | Teatro Unidades monetárias | Pequeno teatro em que utilizando a interdisciplinaridade com a matemática alguns alunos representam os vendedores/comerciantes e os restantes alunos seriam os clientes. | | Observação direta |

Apêndice 5- Planificação de Estudo do Meio – Itinerários.

|  IPP/PES Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|---------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| Prof. Orientador: Florbela Antunes | | | Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires | | |
| Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino | | | Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita | | |
| Nível de Ensino: 2º Ano | | Turma/Grupo: D34 | Data: 30 de outubro | | Tempo: 1 Dia |
| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |
| Estudo do Meio | Itinerários Identifica e traça itinerários. Identifica sinais de trânsito. Identifica regras de segurança. | Percursos. Orientação espacial. Regras de segurança. | Exploração do tema com a junção de regras de segurança. | Quadro Giz Maqueta Folhas Lápis | Observação direta; (interesse, empenho, comportamento, atitude, motivação). |

Apêndice 6- Planificação de Português – S. Martinho

|  PLANO DE AULA IPP/PES Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda | | | | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------|-------------------|------------------------------|
| Prof. Orientador: Florbela Antunes | | | Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires | | |
| Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino | | | Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita | | |
| Nível de Ensino: 2º Ano | | Turma/Grupo: D34 | Data: 29 de outubro | | Tempo: 1 Dia |
| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |
| Português | Leitura da Lenda de S. Martinho | S. Martinho | Apresentação da história com visualização de imagens. | História Ficha | Observação direta e indireta |
| | Interpretação do texto | Tradições | Questões acerca do texto. | | |
| | Exercício de oralidade | | Recontar da história por parte dos alunos. | | |
| | Exercício de escrita | | Reescrever a história completa, por palavras próprias. | | |

Apêndice 7- planificação de matemática - sequências

PLANO DE AULA

IPP/PES

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda



| Prof. Orientador: Florbela Antunes | | Professor Cooperante: Maria Margarida Pissarra Pires | | | |
|----------------------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------|---------------------------------------|---------------------|------------------|
| Aluno: Micaela Filipa Castro Vitorino | | Local de Estágio: Escola Básica de Santa Zita | | | |
| Nível de Ensino: 2º Ano | Turma/Grupo: D34 | Data: 7 de janeiro | | Tempo: 1 Dia | |
| Área | Objetivos | Conteúdos | Processos de Operacionalização | Recursos | Avaliação |

| | | | | | |
|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|
| <p style="text-align: center;">Matemática</p> | <p>Identificar as sequências e regularidades;</p> <p>Saber dar continuidade às sequências e regularidades;</p> | <p>Sequências e regularidades</p> | <p>Com diversas figuras criar regularidades e sequências de forma a que os alunos entendam o seu significado.</p> <p>Exploração por parte dos alunos das figuras para criarem novas sequências.</p> <p>Realização de exercícios no manual.</p> | <p>Quadro Giz Manual</p> | <p>Observação direta e indireta</p> |
|------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------|-------------------------------------|

Apêndice 8 – Questões de Investigação

Ensino doméstico

1. Nacionalidade?

2. Habilitações literárias?

3. Quantos filhos frequentam o ensino doméstico?

1

2

3

4

Outro

4. O que significa para si o ensino doméstico?

5. Quais os motivos para que os seus filhos frequentem o Ensino doméstico?

6. Existem metas de aprendizagem? Quem as define?

7. Há quanto tempo integram o E.D.?

8. Como é organizado o tempo para a realização das atividades escolares?

9. Como sabe se os seus filhos atingiram os objetivos pretendidos?

10. Quais pensa serem as vantagens deste tipo de ensino?

11. E as desvantagens?

12. Quais foram as maiores dificuldades que sentiu?

13. Alguma vez os seus filhos frequentaram o ensino institucional?

Sim

Não

14. Quais os motivos do abandono desse tipo de ensino?

